



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE
MESTRADO ACADÊMICO

DANIELLE GOMES MENDES

VOZES DO CHÃO EM VASTO MUNDO: uma análise da obra neorregionalista de Maria
Valéria Rezende à luz da Geografia Humanista Cultural

São Luís

2021

DANIELLE GOMES MENDES

VOZES DO CHÃO EM VASTO MUNDO: uma análise da obra neorregionalista de Maria Valéria Rezende à luz da Geografia Humanista Cultural

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão (PGCult/UFMA) como requisito para obtenção do título de Mestre em Cultura e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Expressões e Processos Socioculturais

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Manir Miguel Feitosa

São Luís

2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Gomes Mendes, Danielle.

VOZES DO CHÃO EM VASTO MUNDO : uma análise da obra
neorregionalista de Maria Valéria Rezende à luz da
Geografia Humanista Cultural / Danielle Gomes Mendes. -
2021.

123 f.

Orientador(a): Márcia Manir Miguel Feitosa.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Cultura e Sociedade/cch, Universidade Federal do Maranhão,
São Luís, 2021.

1. Espaço-Lugar. 2. Literatura Brasileira. 3. Maria
Valéria Rezende. 4. Pertencimento. 5. Vasto mundo. I.
Manir Miguel Feitosa, Márcia. II. Título.

DANIELLE GOMES MENDES

VOZES DO CHÃO EM VASTO MUNDO: uma análise da obra neorregionalista de Maria Valéria Rezende à luz da Geografia Humanista Cultural

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão (PGCult/UFMA) como requisito para obtenção do título de Mestre em Cultura e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Expressões e Processos Socioculturais

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Manir Miguel Feitosa

Aprovado em 30/06/2021

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Márcia Manir Miguel Feitosa (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA
Doutorado em Literatura Portuguesa

Prof. Dr. Antonio Cordeiro Feitosa
Universidade Federal do Maranhão - UFMA
Doutorado em Geografia

Profa. Dra. Ana Márcia Alves Siqueira
Universidade Federal do Ceará
Doutorado em Literatura Portuguesa

À Débora Suzane, minha irmã, melhor amiga, expressão diária de generosidade, amor e determinação. Os seus caminhos conduziram os meus. Sou grata por sua vida hoje e sempre. Obrigada por tudo.

AGRADECIMENTOS

A escrita, indiscutivelmente, foi uma das maiores descobertas do homem. Dentre todos os poderes que ela nos dá certamente o de eternizar pensamentos e ideias é o maior deles e por esse motivo eu gostaria de usar esta seção não apenas para cumprir protocolos, mas para eternizar minha gratidão aos que estiveram e estão em minha vida em mais um passo de uma jornada percorrida. Jornada essa repleta de alegria, satisfação e muitas conquistas.

Assim, em primeiro lugar agradeço a Deus por sua misericórdia, longanimidade, amor e perdão durante todos os meus dias. A fé n'Ele me conduz nos dias nublados e me afaga nos dias felizes me dando sempre esperança no presente e, principalmente, no futuro.

Tuan diz que as pessoas “também podem ampliar nosso mundo. O coração e a mente se expandem na presença daqueles que admiramos e amamos.” Pude vivenciar essa experiência de expansão e crescimento durante todo esse período que graças a algumas pessoas esse encerrar de ciclo se tornou muito mais feliz.

Agradeço à minha irmã Débora Suzane por sua vida na minha vida, pois se eu sou é por que antes ela é. A expressão do seu amor aparece todos os dias em atos de uma generosidade tão grande que me ensina e me faz querer ser melhor. Sou testemunha e sou fruto de sua determinação e honestidade.

À minha mãe, Maria da Conceição, obrigada por seu amor, amizade e cuidado diário, seu exemplo é a minha inspiração de vida.

Agradeço à minha professora e orientadora, Profa. Dra. Márcia Manir Miguel Feitosa por todos os momentos compartilhados, principalmente, os ensinamentos e experiências que se estendiam além da sala de aula. Sua presença iluminada e inspiradora contribuiu em muito para quem sou hoje enquanto estudante, pesquisadora e professora e por essa razão tenho colhido grandes frutos. Me sinto grata e privilegiada por ter sido sua aluna e orientanda.

Ao meu amigo, Gabriel Vidinha, uma das felizes surpresas que o PGCult trouxe. Parceiro de orientação e de uma série de publicações, pudemos compartilhar angústias teóricas e muitos momentos de alegria durante esses dois anos de mestrado e, para além disso, compartilhamos muitos planos e sonhos, alguns deles hoje já realidade. Que a nossa amizade perdure. Agradeço ainda à querida Maria, pelos momentos de tantas alegrias vividos em cada intervalo e em cada tarde na UFMA. Obrigada por sua generosidade e empatia por mim e por cada colega.

Ao meu amigo, Michel Roger por mais de uma década de amizade, sua ajuda sincera e seu bondoso coração sempre solícito a ajudar.

Por fim, sou grata a todos os meus professores do PGCult, assim como coordenadores e todos os profissionais que com empenho ajudam a desenvolver um mestrado de qualidade. Obrigada a todos e todas!

*Meus ouvidos de terra, pedra e cal ouvem, e aprendo.
Creio ter compreendido que nisto consiste o serem
humanos, em poderem ser narrados, cada um deles, como
uma história.*

(Maria Valéria Rezende – *Vasto mundo*)

RESUMO

Objetiva-se analisar a obra *Vasto mundo* (2001), da autora brasileira Maria Valéria Rezende, à luz da Geografia Humanista Cultural, de viés fenomenológico. A história gira em torno de uma pequena vila denominada Farinhada, localizado no Nordeste brasileiro. Os moradores do vilarejo apresentam uma forte ligação com sua terra natal e por vezes sentem dificuldades de adaptação em outros lugares longe dali, principalmente, no contexto urbano. É o próprio chão de Farinhada quem nos revela as andanças desse povo, bem como esquadrinha o interior de cada homem e mulher que por ele passa ou habita. O solo seco entrega afeto maternal aos seus moradores e estabelece uma relação de interdependência. Rezende constrói em sua obra um Nordeste generoso, embora castigado pelo clima seco e pela pobreza, por outro lado a autora tece o seu sertão na esperança, alegria e cultura do povo nordestino. A análise trata de uma leitura interdisciplinar, em que será estabelecido um diálogo entre a crítica literária, a Geografia Humanista Cultural, de base fenomenológica, e os estudos que dialogam com as temáticas do pertencimento. Serão discutidos os conceitos de: espaço; lugar; lar; topofilia, topofobia; apinhamento; espaciosidade; lugar-sem-lugaridade; enraizamento e alguns sentimentos relacionados às questões espaciais vivenciadas pelos personagens da obra, como “medo” e “esperança”. Para tal discussão, faz-se necessário o aporte teórico da Geografia Humanista Cultural, sobretudo dos geógrafos Éric Dardel, Yi-Fu Tuan e Edward Relph. A obra evidencia traços de uma tradição regionalista vista sob a ótica do contemporâneo, por isso, a fim de observar a referente temáticas, serão ainda referenciados autores de outras áreas. Da crítica literária destacam-se os apontamentos de: Luís Bueno (2006); Alfredo Bosi (2017); Antônio Candido (2016), Massaud Moisés (2012); Antonio Dimas (2014); Eduardo Coutinho (2019); Herasmo Brito (2017) e outros. Das contribuições de historiadores e antropólogos evidenciam-se os trabalhos de: Durval Albuquerque Júnior (2011); Lillian Schwartz (2012); Gilberto Freyre (1996); Lévi-Strauss (1976); Anthony Giddens (2013); e os teóricos da memória: Maurice Halbwachs (2003) e Michel Pollak (1992).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira. Vasto mundo. Maria Valéria Rezende. Espaço-Lugar. Pertencimento.

ABSTRACT

This research aims to analyze the work *Vasto mundo* (2001), by Brazilian author Maria Valéria Rezende, in the light of Humanistic Cultural Geography, with a phenomenological bias. The story revolves around a small village called Farinhada, located in the Northeast of Brazil. Residents have a strong connection to their homeland and sometimes find it difficult to adapt to other places, especially in the urban context. It is the very soil of the Farinhada that reveals the movements of these people to us, as well as examining the interior of each man and woman who passes or inhabits them. The dry land gives maternal affection to its residents and establishes an interdependent relationship. Rezende builds in her work a generous Northeast, although punished by the dry climate and poverty, on the other hand, the author weaves her backlands in the hope, joy and culture of the people of the Northeast. The analysis deals with an interdisciplinary reading, in which a dialogue is established between literary criticism, Humanistic Cultural Geography, based on phenomenology, and studies that dialogue with the themes of belonging. The concepts of: space; Put, put; Home; topophilia, topophobia; crowd; amplitude; place-without-place; rooting and some feelings related to the spatial issues experienced by the characters of the work, such as "fear" and "hope". For such a discussion, the theoretical contribution of Humanist Cultural Geography is necessary, especially by geographers Eric Dardel, Yi-Fu Tuan and Edward Relph. The work shows traces of a regionalist tradition seen from the perspective of the contemporary, therefore, to observe the thematic referent, authors from other areas will also be referenced. From literary criticism, the following stand out: Luís Bueno (2006); Alfredo Bosi (2017); Antônio Candido (2016), Massaud Moisés (2012); Antonio Dimas (2014); Eduardo Coutinho (2019); and others. The contributions of historians and anthropologists show the work of: Durval Albuquerque Júnior (2011); Lillian Schwartz (2012); Gilberto Freyre (1996); Lévi-Strauss (1976); Anthony Giddens (2013); and memory theorists: Maurice Halbwachs (2003) and Michel Pollak (1992).

KEYWORDS: Brazilian literature. *Vasto mundo*. Maria Valéria Rezende. Space-Place. Belonging.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
2 O NASCIMENTO DO NORDESTE BRASILEIRO: uma trajetória de perdas	20
2.1 Terra hostil: o duelo entre o homem nordestino e a seca	20
2.2 Regionalismo modernista: o outro lado	29
2.3 Quando a gente voltar: o Nordeste da saudade no Movimento Regionalista Tradicionalista	34
3 FIGURAÇÕES DO NORDESTE NA LITERATURA BRASILEIRA: De Alencar a Maria Valéria Rezende	45
3.1 O Nordeste idealizado no Romantismo brasileiro	45
3.2 A tragédia do homem e da terra: as mazelas nordestinas tecidas na literatura brasileira	52
3.3 A prosa regionalista de 30: o enfrentamento das secas	58
3.4 O Neorregionalismo na Literatura brasileira: um novo Nordeste?	66
4 “SOU SEU CHÃO”: o vasto mundo neorregionalista de Maria Valéria Rezende sob a ótica da Geografia Humanista Cultural.....	72
4.1 O homem enraizado: categorias do espaço e lugar a partir da Geografia Humanista cultural	73
4.2 A escrita neorregionalista de Maria Valéria Rezende: revelando os invisíveis	82
4.3 O Neorregionalismo em <i>Vasto mundo</i>: o espaço como protagonista	85
4.4 Minha terra: ser e pertencer	92
4.5 Apinhamento, medo e esperança em <i>Vasto mundo</i>	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS	117

INTRODUÇÃO

E o sertão é um vale fértil. É um pomar vastíssimo, sem dono.
(Euclides da Cunha – *Os sertões*)

Região ensolarada, de espaços de vida e de morte, paisagens áridas, solos secos, povos e animais castigados pela terra ingrata e as intempéries, permeada de calor humano, de cultura e habitada por homens e mulheres impregnados pela necessidade de sobreviver, de resistir e de lidar constantemente com a ameaça eminente de desgraças e conflitos. Esses elementos compõem um retrato recorrente facilmente encontrado nas narrativas reais e de ficção produzidas sobre o Nordeste brasileiro e a história do seu povo. Tais aspectos parecem imprimir uma identidade sobre a região e os homens oriundos dela, conquanto, como veremos neste estudo, muitas dessas características são construtos dos vários caminhos que perpassam o surgimento do Nordeste brasileiro, enquanto espaço geopolítico.

Embora a região nordestina seja originada da emergência da seca e de outras problemáticas sociais perscrutadas, são as narrativas (reais e de ficção) que apresentaram esse lugar ao restante do Brasil, pois foi por meio das letras de jornalistas, estudiosos e literatos dos finais do século XIX e, sobretudo, do século XX, que o Nordeste “nasce” no imaginário de grande parte da nossa sociedade, quando a maioria, até então, desconhecia as entranhas do semiárido brasileiro.

A princípio, os textos jornalísticos, principalmente de periódicos sulistas, importavam-se em escancarar as tragédias do Nordeste: sua terra infrutífera e seus habitantes “moribundos”. As manchetes sobre os flagelos da seca estampavam os principais jornais do país, à época, e convenciam os leitores sobre a paisagem de morte que parecia permear toda a incipiente região que emergia no território brasileiro. A recorrência dessas publicações durante vários anos contribuiu para a construção de uma imagem de suplício sobre esse lugar, como se a seca e o sertão passassem a ser os definidores da região. Essa imagem foi fortalecida quando se intensificaram os movimentos migratórios que levaram o povo nordestino às demais regiões do país. O deslocamento dos retirantes não foi benquisto por alguns intelectuais e outros estudiosos que defendiam políticas separatistas, ainda embasadas nos paradigmas naturalistas.

Nesse contexto, tanto o homem do sertão assim como a sua força de trabalho foi depreciado, mesmo sendo útil para o processo de urbanização das grandes cidades do Sul e Sudeste. Essa discriminação aconteceu, inicialmente, baseada em ideias racistas que rebaixavam a origem dos povos nortistas e nordestinos, pois suas raízes étnicas engendravam,

majoritariamente, da confluência entre povos indígenas e afrodescendentes. O século XX iniciou ainda fortemente influenciado pelas teorias raciais que inclusive continuavam a permear os debates sobre nacionalidade e maioria da nação. Conforme aponta Lilia Schwartz (2012, p. 35), “a mestiçagem existente no país parecia atestar a própria falência da nação”, portanto para os ideólogos que naturalizavam a diferença entre “raças”, os homens nortistas e nordestinos – por serem frutos de miscigenação – representavam a degeneração da nação brasileira e remanescentes da escravidão.

Se por um lado alguns jornalistas e intelectuais potencializaram, em seus textos, as mazelas dos nordestinos, por outro a literatura entregou um lugar de dignidade a esse povo desumanizado. São as narrativas de ficção que nos revelam outros aspectos do Nordeste e, principalmente, os sentimentos de homens e mulheres, que, tendo sua trajetória marcada por descontinuidades e migrações, carregavam consigo experiências das partidas forçadas, medos, amores e o profundo desejo de retorno à terra de origem.

Pareyson (1984, p. 61) declara que “[...] a arte está prenhe de conteúdo, carregada de significado, densa de espiritualidade, embebida de atividades, aspirações, ideias e convicções humanas”. Assim sendo, é sob à pena de literatos que nasce o Nordeste como espaço de vida, fruto da idealização, ensejos e reivindicações de seus autores, que, esperançosos no porvir e arraigados ao passado, recriaram (ou figuravam) em suas composições literárias seu lugar de afeto.

O Nordeste recebeu lugar de destaque na literatura brasileira, sobretudo, quando a prosa regionalista se consolidou durante o Modernismo nas artes. O engajamento da geração de 30 superou o idealismo presente no regionalismo romântico e inovou o romance, “como o romance da seca, ajuntava uma visão mais contundente da realidade do país, numa linguagem mais informal” (BUENO, 2006, p. 6). As obras desse período são fortemente marcadas por questões voltadas para o social e retratam as tragédias do nordestino pobre vitimado pela seca e miséria. Esses enredos, muitas vezes, se originavam das experiências ou lembranças de seus próprios autores, quando de suas vivências no sertão.

O que começou no Romantismo com sentimentos ufanistas voltados para a descrição da paisagem regional, na contemporaneidade, o regionalismo na literatura assumiu novos contornos, dessa vez interessado nos contrastes sociais, sobretudo, nas disparidades entre o rural e o urbano.

Isto posto, esse trabalho parte de indagações originadas a partir da leitura de uma obra contemporânea que apresenta marcas regionalistas em sua narrativa, qual seja, *Vasto*

mundo (2001), da autora Maria Valéria Rezende. O enredo da referida obra se passa no interior do sertão paraibano, na pequena vila de Farinhada. Os moradores desse lugar enfrentam situações cotidianas diversas, desde o retorno de antigos moradores que haviam migrado para a cidade grande; revoluções políticas lideradas por mulheres; visitas de supostos extraterrestres, até histórias de amores irrealizáveis inspiradas nas tragédias shakespearianas. Dos mais singelos aos mais curiosos, cada um desses e outros acontecimentos impactam a rotina do vilarejo, que ainda apresenta ares rurais ingênuos e, em alguns aspectos, arcaicos.

A terra tão vista como ingrata em outras narrativas que figuram o Nordeste, em *Vasto mundo* (2001), ganha voz. É o próprio chão, craquelado em torrões, quem narra o vasto mundo de Farinhada. Com sentimentos maternais e sem juízo de valor ele toma para si a responsabilidade de conhecer a todos, acompanhá-los e prover a cada um o necessário para viver, quer sejam alimentos para o corpo ou afetos para a alma:

Eu reconheço a todos. Reconheço-os pelas pisadas [...]. Leio seus passos quando apenas roçam minhas lajes em corridas alegres de pés pequenos ou quando me oprimem com o peso de uma vida inteira. Foi seu tropel incessante que me despertou do meu sono de pedra. Só eu os reconheço a todos porque só eu estou sempre neles como eles estão em mim. [...] como mãe os crio, tais quais me vieram, acolho-os. Sou seu chão. (REZENDE, 2015, p. 13).

Porquanto, o solo de Farinhada é nutrido pela vida de seus moradores e, embora seja atravessado pela miséria, permeado pela seca, fome e morte, é uma terra que provê e alimenta os seus. Sua gente ainda padece, vitimada pelo coronelismo latente, porém é um povo consciente e esclarecido dos jugos que carrega. Sempre luta, como pode, contra as opressões ou circunstâncias que abalam a harmonia de sua comunidade, logo é um lugar de pessoas esperançosas e felizes, apesar de tudo.

O povo enfrenta constantes entraves relacionados ao espaço geográfico em que vivem (castigado pela seca, mas não refém dela) quanto sociais, porém estão sempre buscando melhores perspectivas de vida e, curiosamente, nem um desses fatores afeta diretamente sua relação de pertença com a vila. Diversas vezes, na obra, essa interdependência dificulta suas experiências por outros lugares que transita, como exemplo, a difícil adaptação no contexto urbano. Farinhada é, para eles, o centro do mundo. Os sentimentos desses personagens lembram as predicções do geógrafo Yi-Fu Tuan (2013, p. 171) quando discute o afeto dos homens por sua pátria e seu lugar de pertença:

A cidade ou terra é vista como mãe nutriz; o lugar é um arquivo de lembranças afetivas e realizações esplêndidas que inspiram o presente; o lugar é permanente e por isso tranquiliza o homem, que vê franqueza em si mesmo e chance e movimento em toda parte.

Maria Valéria constrói em *Vasto mundo* (2001) um Nordeste otimista, em que a dignidade dos moradores de Farinhada é destacada, especialmente, o contexto culturalmente rico dessa região e a maneira como os personagens experienciam suas vivências: seja o relacionamento com a sua terra, com seus semelhantes ou a maneira como pensam o mundo. Os farinhenses entregam ao solo seco de Farinhada o mesmo sentimento visceral de dependência.

As obras de Maria Valéria Rezende são, sobremaneira, inspiradas em suas vivências como freira missionária, inclusive, na região nordestina, onde não somente exerceu o sacerdócio, mas contribuiu com a educação de jovens e adultos, moradores do sertão da Paraíba. Apesar de ter estreado na literatura brasileira aos 59 anos, foi vencedora¹ por três vezes do renomado prêmio Jabuti nos anos de 2009, 2013 e 2015, com as respectivas obras: *No risco do caracol* (2008), categoria literatura infantil; *Ouro dentro da cabeça* (2012), categoria juvenil e *Quarenta dias* (2014), na categoria romance e livro de ficção do ano.

O desejo em analisar a narrativa de Maria Valéria Rezende partiu de um apreço pessoal da pesquisadora desse trabalho por obras ambientadas no Nordeste brasileiro, sobretudo, no contexto rural. Conquanto, o conhecimento sobre essas obras se resumia às clássicas e mais conhecidas no cenário literário brasileiro, principalmente, as da geração de 30, estudadas durante a graduação no curso de Letras. Curiosamente, após a leitura de *Quarenta dias* (2014) foi suscitado o interesse pela tessitura de Rezende, desse modo a pesquisadora partiu em busca de outras composições literárias, chegando assim até *Vasto mundo* (2001).

Durante a leitura, diversos elementos da narrativa chamaram atenção: primeiramente, por se tratar de uma produção contemporânea do século XXI que ainda apresenta marcas do regionalismo; soma-se a isso a intrigante configuração do Nordeste construída pela autora. Diferente das demais, nessa narrativa a terra ganha voz, não é um elemento inerte da paisagem e, por fim, a relação de interdependência existente entre os personagens telúricos de Rezende e a vila em que moram.

A partir do contato com as discussões e trabalhos desenvolvidos no Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura (GEPLIT), coordenado pela professora Márcia Manir Miguel Feitosa, surgiu o interesse em investigar a referente obra pelo viés da Geografia Humanista Cultural, investigando essa espacialidade nordestina presente na narrativa de Maria Valéria Rezende.

¹ Informações retiradas da revista eletrônica *Le monde diplomatique Brasil*.

Assim sendo, a pesquisadora realizou uma breve busca no banco de teses e dissertações da Capes² e constatou a ainda tímida produção de trabalhos voltados para as obras de Maria Valéria Rezende sob a perspectiva do novo regionalismo. Conquanto, essa escassez de estudos, ao que parece, pode ser justificada pelo pouco interesse voltado para contemporânea as obras que apresentam temas regionalistas na contemporaneidade. Para alguns essa tendência é considerada ultrapassada, entretanto ainda encontramos traços regionalistas na literatura contemporânea, assim como a investigação dessas obras continuam a reverberar no meio acadêmico, em diferentes leituras e diferentes áreas de estudo.

Tal questão evidencia uma das relevâncias desse estudo, pois, conforme ressalta Lígia Chiappini (1995, p. 156),

Regionalismo na literatura, como tema de estudo, constitui um desafio teórico, na medida em que defronta o estudioso com questões das mais candentes da teoria, da crítica e da história literárias, tais como os problemas do valor; da relação entre arte e sociedade; das relações da literatura com as ciências humanas; das literaturas canônicas e não-canônicas e das fronteiras movediças entre clãs. Estudar o regionalismo hoje nos leva a constatar seu caráter universal e moderno. [...] (Por isso o regionalismo literário hoje, em muitos países, inclusive aqui, reaparece discutindo questões de identidade problemática e de ecologia.)

Embora o texto de Chiappini seja de 1995, os argumentos sobre a importância dos estudos literários regionalistas ainda continuam válidos, primeiramente por possibilitar diferentes leituras e diálogos interdisciplinares que fogem das questões simplistas, assim como a regionalidade continua a configurar um fenômeno universal fundamental para pensar as identidades e outras inquietudes existenciais que os homens carregam, como o seu lugar no mundo.

Ao refletir sobre os “poderes” da literatura, Roland Barthes (1977, p. 16-17) acentua:

A literatura assume muitos saberes. Num romance como *Robinson Crusoe*, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), [...] Ela é realidade, isto é, o próprio fulgor do real. Entretanto, e nisso verdadeiramente enciclopédica, a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ele permite designar saberes possíveis – insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência [...].

De forma semelhante Eduardo Marandola Jr e Lúcia Helena Gratão (2010, p. 7) declaram:

Uma das grandes virtudes da literatura é a sua capacidade de ir do particular em direção ao universal. [...]. Muito se encontra na literatura analítica, cerebral, elementos que nos conduzem a universos de pensamentos e a dimensão de existência humana de maneira premeditada, aspirando a uma cientificidade que não lhe é própria. A ciência, de fato, demorou a levar em conta a literatura. [...].

² Repositório consultado no período de 12 de março de 2019 a 11 de julho de 2020.

A literatura está imbuída de diferentes saberes. De forma acidental e secundária, a arte da palavra pode informar, registrar e, em alguma medida, educar, embora essa não seja sua finalidade. Conquanto esse “poder” concedido permite seu diálogo com outras artes e com a ciência. Tal assertiva norteia também a presente pesquisa e reitera o caráter de importância do trabalho por se tratar de um estudo interdisciplinar, em que há o diálogo entre Literatura e a Geografia.

Nessa perspectiva, a pesquisa trata de uma análise literária da obra *Vasto mundo* (2001) à luz dos pressupostos da Geografia Humanista Cultural, de base fenomenológica, valendo-se também dos estudos em torno da memória e da tradição, posto que a trajetória de descontinuidades e deslocamentos influenciou substancialmente na relação entre o nordestino e sua terra. Por esse motivo alguns autores, ainda movidos por saudosos sentimentos, resgataram em suas obras, por meio da memória individual e coletiva, um Nordeste de tradição, cultura e profundos afetos, inclusive de saudades.

Partindo dessa premissa, os seguintes problemas foram elencados: até que ponto o sentimento de pertencimento interfere nas relações dos personagens com outros espaços e lugares? Quais fenômenos relacionados às questões espaciais podem ser observados nas vivências dos personagens construídos por Maria Valéria Rezende? Qual a configuração do Nordeste figurado pela autora? De que forma os traços regionalistas tradicionalistas se manifestam na obra? Esses e outros questionamentos norteiam nossa abordagem.

A partir da problematização proposta, o estudo traz como objetivo principal: Analisar a figuração de um Nordeste tradicionalista na escritura de Maria Valéria Rezende a partir do romance *Vasto mundo*, bem como o sentimento de pertencimento dos personagens. Como objetivos específicos, procuramos: Identificar o sentimento de pertencimento nos personagens da obra; Relacionar os conceitos de espaço, lugar, paisagem, pertencimento, lar, topofilia, topofobia, lugar-sem-lugaridade, apinhamento e espacialidade, às experiências dos personagens, e; Corroborar as relações possíveis entre a obra *Vasto mundo* (2001) e a tendência neoregionalista sob a ótica do contemporâneo.

Para que os objetivos propostos sejam alcançados e os questionamentos formulados anteriormente sejam respondidos, é necessária uma metodologia eficiente. Sendo este trabalho uma pesquisa qualitativa, cujo objeto de análise é um texto literário, tomaremos como metodologia a pesquisa bibliográfica. Cerco, Bervian e da Silva (2007, p. 61) a definem como “o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema”. Considerando o caráter interdisciplinar desse estudo, em que

há um diálogo entre a Literatura e a Geografia, tornam-se indispensáveis os estudos fenomenológicos. Conforme define Maurice Merleau-Ponty (1999, p. 01-02), a fenomenologia “é a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer”. Por conseguinte, a fenomenologia está voltada para a experiência concreta dos indivíduos no mundo vivido, assim como leva em consideração as simbologias e significados que os homens concedem ao espaço e lugar.

Esse trabalho está estruturado em quatro capítulos. Nesse sentido, o Capítulo 2, que se inicia após a “Introdução”, se intitula “O NASCIMENTO DO NORDESTE BRASILEIRO: uma trajetória de perdas”, onde refletiremos sobre os caminhos que levaram ao surgimento da região nordestina, destacando não só os fatores sociais, políticos e climáticos envolvidos nesse processo, mas ainda as problemáticas que levaram o Nordeste brasileiro a ser estigmatizado como uma região supliciada. Discutiremos também a influência das narrativas reais e de ficção na construção de uma paisagem imaginada sobre o Nordeste no ideário brasileiro. Será palco do estudo inclusive, o contexto do Movimento Regionalista brasileiro, as principais obras literárias produzidas nesse momento e os valores culturais, políticos e identitários, imbricados nesse movimento. O Capítulo 2 se encerra fazendo um apanhado do Movimento Regionalista Tradicionalista, desde a sua idealização, principais objetivos e a sua importância para as obras de autores nordestinos, assim como o papel da memória e tradição nessas produções.

O Capítulo 3, intitulado “FIGURAÇÕES DO NORDESTE NA LITERATURA BRASILEIRA: De *Alencar* a *Maria Valéria Rezende*”, objetiva mostrar a figuração do Nordeste em obras da literatura brasileira e os seus diferentes contornos ao longo da trajetória literária nacional, mais precisamente desde o Romantismo até à contemporaneidade. Nesse capítulo procuramos destacar as principais obras, semelhanças, diferenças e as principais abordagens de seus autores. Passamos pelo Nordeste idealizado e descritivo de alguns autores ufanistas; o início da figuração das mazelas nordestinas nos autores naturalistas; a efervescente produção da geração de 30 e os conflitos sociais que marcam os enredos, até chegarmos à literatura contemporânea, para pensarmos como o Nordeste tem sido figurado.

O Capítulo 4, denominado, ““**SOU SEU CHÃO**”: o vasto mundo neorregionalista de Maria Valéria Rezende sob a ótica da Geografia Humanista Cultural”, representa o núcleo desse trabalho, posto que será a análise da obra, objeto dessa pesquisa. Serão discutidos os principais conceitos da Geografia Humanista Cultural, principalmente aqueles que se destacam na narrativa de Rezende e acabam por determinar e influenciar a ação de seus personagens.

Nesse intuito, enfatizaremos os conceitos de: espaço; lugar; lar; topofília; topofobia; apinhamento; espacialidade; lugar-sem-lugaridade; enraizamento e alguns sentimentos relacionados às questões espaciais vivenciadas pelos homens do sertão, como “medo” e “esperança”. Procuraremos dar enfoque na relação existencial entre o homem e sua terra de origem, sobretudo no sentimento de pertença. Nessa perspectiva, estabeleceremos também um diálogo entre a Geografia Humanista Cultural, de base fenomenológica, e outros estudos que versam sobre a problemática do pertencimento, tais como, os Estudos Culturais e de Identidade.

Neste último capítulo veremos ainda características da tendência neorregionalista e como os aspectos dessa estética aparecem na escrita de Maria Valéria Rezende, sobretudo em sua obra *Vasto mundo* (2001). Neste capítulo observaremos ainda a relação dos personagens com sua pequena vila, pelo viés dos conceitos da Geografia Humanista Cultural, discutiremos, sobretudo, os sentimentos que estes têm não somente com o lugar em que habitam, mas também com aqueles que despertam sentimentos adversos. Observaremos ainda, o Nordeste revelado na literatura contemporânea de Maria Valéria Rezende e os traços regionalistas presentes em sua escritura.

Por fim encerraremos esse trabalho com as “Considerações finais”, onde mostraremos os resultados alcançados a partir da conclusão dessa pesquisa.

À luz do exposto, a análise trata de uma leitura interdisciplinar, em que será estabelecido um diálogo entre a crítica literária, a Geografia Humanista Cultural, de base fenomenológica, e os estudos que dialogam com a temática do pertencimento. Para tal discussão, faz-se necessário, sobretudo, os estudos dos geógrafos Éric Dardel, Yi-Fu Tuan e Edward Relph, Anne Butimmer. A obra evidencia traços de novo regionalismo visto sob a ótica do contemporâneo, por isso, a fim de observar a referente temática, serão ainda referenciados autores de outras áreas. Da crítica literária destacam-se os apontamentos de: Luís Bueno (2006); Alfredo Bosi (2017); Antônio Candido (2016), Massaud Moíses (2012); Antonio Dimas (2014); Eduardo Coutinho (2019); Herasmo Brito e outros. Das contribuições de historiadores e antropólogos evidenciam-se os trabalhos de: Durval Albuquerque Júnior (2011); Lillian Schwartz (2012); Gilberto Freyre (1996); Lévi-Strauss (1976); Anthony Giddens (2013); os teóricos da memória: Maurice Halbwachs (2003) e Michel Pollak (1992); e, por fim, os estudos de: Edward Said (1996), Stuart Hall (2011) e Tzvetan Todorov (1993).

2 O NASCIMENTO DO NORDESTE BRASILEIRO: uma trajetória de perdas

Sertão: é dentro da gente
(Guimarães Rosa – *Grande sertão: veredas*)

O nascimento do Nordeste brasileiro está imbricado de diversos dilemas e problemáticas. Os debates em torno dos motivos que levaram ao seu processo de desmembramento e reconhecimento oficial, perpassam importantes debates, desde os voltados para a questão da nacionalidade e identidade regional; interesses políticos; ideias separatistas até os sentimentos de intelectuais e artistas nordestinos, preocupados em ver sua região ameaçada pelos novos tempos e os paradigmas modernistas.

Essa longa jornada do Nordeste e de seu povo repercutiu na literatura brasileira em diversos momentos e sob diferentes aspectos. O presente capítulo discutirá essas e outras questões, mostrando a trajetória do Nordeste, enquanto recorte espacial do território brasileiro e espaço figurado na ficção.

2.1 Terra hostil: o duelo entre o homem nordestino e a seca

Originado nos entremeios das ruínas geográficas dos territórios que antes representavam o Norte e Sul do país, o Nordeste brasileiro, enquanto região delimitada, nasce da emergência da seca. Antes do seu reconhecimento no território nacional, suas singularidades culturais, históricas e geográficas eram consideradas como elementos que compunham a grande região Norte. A trajetória que levou à delimitação desse recorte espacial brasileiro é marcada por um longo processo histórico, político e cultural, iniciado nos finais do século XIX.

Diversas foram as vias que levaram o Nordeste a ser concebido, no imaginário nacional, a partir do sertão e da seca, formando uma espécie de trinômio em que esses três aspectos unidos pareciam exprimir de forma homogênea a região do semiárido brasileiro. Esse fato, podemos afirmar, está diretamente ligado ao processo de “nascimento” da região nordestina.

Por longos períodos o Brasil era entendido como um país “bipartido”, composto somente por duas grandes regiões, Norte e Sul. A estas os brasileiros pareciam fazer atribuições específicas, como demonstram os apontamentos do geógrafo e historiador brasileiro Manuel Correia de Oliveira Andrade³ (2013, p. 8),

³ Professor emérito da Universidade Federal de Pernambuco.

[...] até os anos 30 as pessoas se referiam ao Brasil como se ele fosse composto apenas de duas grandes porções, o Norte e o Sul; e, ao fazerem esta caracterização, chamavam, de forma bastante empírica, de Norte todas as áreas situadas ao norte da Bahia. Tanto que em São Paulo, na linguagem vulgar, chamavam todo migrante vindo da porção setentrional do Brasil de “baiano” e os mineiros chamavam de “bairanos cansados”.

Apesar de se manifestar de forma incisiva no século XX, tais concepções foram herdadas dos grandes impasses da administração do Brasil colônia. Os escritos do historiador Gaspar Barléu, datados de 1647, expressam claramente esse pensamento separatista que perdurou até os primeiros decênios do último século, conforme podemos notar a seguir:

Há muito a ciência dos geógrafos dividiu o Brasil em capitânicas do norte e do sul. A divisão recente é, porém, a que o distingue em Brasil Espanhol e Brasil Holandês. A primeira dessas divisões é natural; e a segunda é feita pela força e valor dos homens. Aquela é do Criador; esta a da partilha entre os príncipes. Uma é perpétua e imutável; a outra passageira e variável, segundo a fortuna da guerra (BARLÉU, 1974, p. 26).

As mudanças sobre essas noções vieram somente após o reconhecimento da existência de um Brasil “plural” e não homogêneo como se pensava. Esse entendimento se deu, sobretudo, por meio do desenvolvimento de estudos científicos direcionados à diferenciação e compreensão das peculiaridades de cada região, como veremos adiante. Entretanto, essas concepções deixaram heranças no ideário nacional e marcaram fortemente a maneira como os brasileiros passaram a considerar essas localidades, principalmente comparando-as entre si. Nessa perspectiva, o Norte era caracterizado a partir de suas problemáticas (sociais, econômicas, climáticas), em oposição ao Sul e ao seu desenvolvimento crescente.

Sabe-se que o Brasil, no decorrer da sua história, passou por muitas divisões e subdivisões político-administrativas até chegar à estrutura oficial com a inclusão de suas cinco grandes regiões, tal como se apresenta hoje. O surgimento da região nordestina fez parte desse processo e pertence a um passado recente, se considerarmos que a sua oficialização aconteceu em meados do século XX. Albuquerque Júnior (2011, p. 81) explica que o termo “Nordeste” foi usado inicialmente

para designar a área de atuação da Inspeção Federal de Obras Contra as Secas (IFOC), criada em 1919. Neste discurso institucional, o Nordeste surge como a parte do Norte sujeita às estiagens e, por essa razão, merecedora de especial atenção do poder público federal.

Porquanto o “Nordeste” surge, inicialmente como um recorte da região Norte, porém que apresentava uma grande problemática, ou seja, era a área que vinha sendo castigada com a seca. Cabe ressaltar, que a primeira grande estiagem aconteceu de 1887 até 1889. É, portanto, nesse momento que as mazelas do Norte (e Nordeste) começam a repercutir no cenário nacional, agora não mais pela vasta produção de algodão e de cana-de-açúcar, mas por causa

de suas problemáticas. A título de exemplo, podemos observar um excerto do jornal *O Estado de São Paulo*⁴, escrito em 1920:

[...] Incontestavelmente o Sul do Brasil, isto é a região que vai da Bahia até o Rio Grande do Sul, apresenta um tal aspecto de progresso em sua vida material que forma um contraste doloroso com o abandono em que se encontra o Norte, com seus desertos, sua ignorância, sua falta de higiene, sua pobreza e seu servilismo.

Importa evidenciarmos que, até o início do século XX, os termos “Norte” e “Nordeste” ainda eram utilizados como sinônimos. A transição de diferenciação aconteceu de forma gradual à medida que o interesse sobre a região foi se expandindo entre os intelectuais e estudiosos dedicados ao assunto. De acordo com Scoville (2011, p. 47):

Durante as primeiras décadas do século XX, a denominação “Nordeste” surge e começa a se consolidar. Pode-se observar essa transição acompanhando a gradual incorporação do termo em textos políticos, técnicos e literários do período. Vários autores que, até então, utilizavam a denominação “Norte”, passam a substituí-la por “Nordeste”.

Os textos jornalísticos, científicos e literários eram as principais fontes de informação que os brasileiros sulistas tinham sobre o Norte do país, porém nem sempre as informações contidas nesses escritos representavam em totalidade a realidade da região e de seus moradores. Ainda a precariedade nos meios de comunicação (e de transportes), aliada à não popularização do turismo nacional, dificultavam a constatação daquilo publicado pelos jornalistas, exploradores e literatos. Assim sendo, o que a grande maioria dos brasileiros sabia sobre o Norte e Sul se resumiam às informações divulgadas pela grande mídia à época ou à publicação de relatos de viagens.

Diante disso, muitos dos equívocos sobre a região devem-se a essas narrativas. Imbuídos de noções separatistas, os jornalistas e intelectuais evidenciavam ainda mais a polarização entre o Sul e o restante do país, como se essa fosse a via de definição entre as regiões. Tais concepções podem ser notadas no artigo “As reivindicações do Norte”, escrito em 1920 ao jornal *Estado de São Paulo* pelo importante jornalista Mário Pinto Serva. Em um trecho, ele menciona:

A política brasileira aplicada ao Norte do Brasil é a negação formal da civilização, é completa e fundamentalmente errada em tudo e só para plantar a desolação e o deserto na Amazônia, e abandono e a miséria social das populações do Nordeste, assim como a mais pútrida das corrupções políticas e morais na Bahia.

Opiniões como as de Pinto Serva não eclodiram no século XX, pelo contrário, eram construtos dos paradigmas naturalistas sobre “raça” e meio, tão presentes nos debates do século XIX, quando alguns intelectuais brasileiros acreditavam na superioridade étnica e tentavam

⁴ O Bloco Político do Norte. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 03 set. 1920. p. 4. c. 5.

pensar as noções de nacionalismo e processo civilizatório a partir dessas questões. Em razão disso, defendiam a soberania da região Sul e de seus moradores, elencando vários fatores, dentre eles, os aspectos climáticos da região e, principalmente, as raízes europeias que traziam na formação do seu povo. De acordo com Lilia Schwarcz (2012, p. 176),

Foi no século XIX que os teóricos do darwinismo racial fizeram dos atributos externos e fenotípicos elementos essenciais, definidores de moralidades e do devir dos povos. Vinculados e legitimados pela biologia, a grande ciência desse século, os modelos darwinistas sociais constituíram-se em instrumentos eficazes para julgar povos e culturas a partir de critérios deterministas e, mais uma vez, o Brasil surgia representado como um grande exemplo – desta feita, um “laboratório racial”.

Essas noções estão claramente expostas nos estudos do antropólogo e médico legista brasileiro Raimundo Nina Rodrigues. Considerados fundamentos cientificamente avançados à época, seus apontamentos propagavam a ideia da superioridade branca europeia em detrimento dos povos mestiços, sobretudo os de origem afrodescendente. Sua obra *Mestiçagem, Degenerescência e Crime* (1899) trata, de forma efervescente, a questão da mestiçagem no Brasil como razão da decadência do país e justificativa para muitas doenças. Em um trecho, ele afirma:

A degenerescência dos mestiços devia ter uma influência decisiva e predominante sobre sua criminalidade, o que era de prever, mas não seria justo inferir daí que essa criminalidade deva ser forçosamente muito elevada, pois compreendemos perfeitamente que a degenerescência, sob a influência de causas múltiplas e difíceis de precisar, difíceis mesmo de conhecer, pode tomar formas variadas: mais criminosas aqui, mais vesânicas lá, e assim por diante (RODRIGUES, 2008, p.1166).

Em *Os africanos no Brasil*⁵, o médico delinea o desenvolvimento incongruente entre Norte e Sul. A essa disparidade ele atribui a influência do clima tropical nas capacidades físicas e intelectuais dos homens que vivem no Norte, sobretudo considera que a maior presença de negros, índios e mestiços na formação desse povo seria a principal responsável pela improdutividade e atraso da região e de seus moradores, comparando com o clima temperado do Sul e a origem branca e europeia presente no homem sulista.

Assim sendo, algumas dessas concepções influenciaram outros importantes intelectuais brasileiros e conseguiram se manter frutíferas durante o início do século XX, transformando-se também em justificativas elementares no processo de desmembramento da região Nordeste. Desde a repercussão nacional sobre as agruras que afligiam esse recorte espacial brasileiro a partir de 1887, a região passa a ser vista como pedinte e miserável, principalmente porque alguns governos nortistas corruptos, aproveitando-se da grande repercussão dos flagelos da seca, solicitavam cada vez mais recursos federais sob o pretexto de

⁵ Escrita em 1890, porém somente publicada postumamente em 1932.

investimento nas áreas castigadas pela seca. Esses fatores aliados contribuíram significativamente na construção de uma imagem de sofrimento e pobreza da região nordestina.

Muitos intelectuais nordestinos ainda tentaram refutar essa imagem de fracasso e decadência que progressivamente ia se consolidando no ideário moderno brasileiro. Arraigado ainda aos tempos de glória da indústria canavieira, Gilberto Freyre, em 1937, em sua obra *Nordeste: aspectos da Influência da Cana sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste do Brasil*, reclama sobre esse recorte que ele irá chamar de “*outro* Nordeste”:

A palavra “nordeste” é hoje uma palavra desfigurada pela expressão “obras do Nordeste” quer dizer: “obras contra as secas”. E quase não sugere senão as secas. Os sertões de areia seca rangendo debaixo dos pés. Os sertões de paisagens duras doendo nos olhos. Os mandacarus. Os bois e os cavalos angulosos. As sombras leves como umas almas do outro mundo com medo do sol. Mas esse Nordeste de figuras e de bichos se alongando quase em figuras de El Greco é apenas um lado do Nordeste. **O outro Nordeste.** (FREYRE, 2013, p. 39, grifo nosso).

Freyre, semelhante a outros intelectuais e estudiosos desse período, tinha a preocupação de diferenciar e delimitar as regiões, por isso, ao pensar em dois “Nordestes”, ele apresentava de forma assertiva e apaixonada a diferença entre o antigo e aquele originado pela seca. Em suas predicções, o Nordeste que precede o “outro” é descrito com vigor saudosista:

O Nordeste de árvores gordas, de sombras profundas, de bois pachorrentos, de gente vagarosa e às vezes arredondada quase em sanchos-panças pelo mel de engenho, pelo peixe cozido com pirão [...].

Um Nordeste onde nunca deixa de haver uma mancha de água: um avanço de mar, um rio, um riacho, o esverdeado de uma lagoa. Onde a água faz da terra mais mole o que quer: inventa ilhas, desmancha istmos e cabos, altera a seu gosto a geografia convencional dos compêndios. [...].

Esse Nordeste da terra gorda e de ar oleoso é o Nordeste da cana-de-açúcar. (FREYRE, 2013, p. 39).

O lugar que lhe servia como núcleo e parâmetro de intensa observação era o construto dos tempos de glória do açúcar, mais precisamente a cidade de Recife, em Pernambuco, sua terra natal. Entretanto, as impressões de Freyre estavam demasiadamente distantes daquilo que era noticiado nos grandes jornais de nível nacional, sobretudo os do Sul do país.

Apesar do passado glorioso e triunfante na indústria de cultivos (algodão e açúcar) e outras peculiaridades presentes na região, como a riqueza e beleza das paisagens naturais; a diversidade cultural, fruto dos povos autóctones e imigrantes que habitaram o local; o desenvolvimento de trabalhos acadêmico, científico e literário de muitos nordestinos (e nortistas), o que interessava à grande mídia da época era a miséria do lugar e sua gente castigada. A região era comumente retratada como homogênea e definida a partir da seca que atingia uma parte do sertão nordestino.

Repetidas ao longo dos anos e intensificadas a partir dos famosos relatos de viagens, reportagens e obras literárias sobre as regiões longínquas brasileiras, essas narrativas foram responsáveis por construir uma paisagem imaginada do Nordeste: composta pelo sertão, a seca e seus moradores corpulentos e esqueléticos. Essas impressões convenciam a maioria dos sulistas.

A título de exemplo, um evento experienciado pelo escritor Oswald de Andrade pode demonstrar essas constatações. Em uma passagem pela cidade de Recife, em 1925, o escritor deparou, surpreso, com a fisionomia do lugar. Em uma entrevista, declarou seu deslumbre:

Sinto-me encantado com estas paisagens verdes destas árvores, as palmeiras, os bananais, tudo. Sinto-me brasileiro aqui. Aos pernambucanos competem trabalharem para que não desapareça, e, antes, fulgure mais intensamente o espírito de brasilidade. Veja as cores dessas casas antigas: excelentes [...]. (ANDRADE apud MORAES, 1988, p. 36)⁶.

Possivelmente o impacto de Oswald de Andrade diante da real paisagem de Recife era resultado das imbricações plantadas pelos veículos de comunicação que, mesmo às portas do Modernismo, continuavam a reproduzir nuances dos paradigmas naturalistas sob o viés separatista.

Outro fator basilar no processo de estigmatização do nordestino e do seu lugar de origem foi a valorização da política imigrantista, responsável por polarizar ainda mais o Sul e o restante do país e “reservava um lugar de segunda classe para os “nordestinos”, por serem considerados inferiores em sua própria natureza, já que além de mestiços, sofreriam a ação deletéria do meio [...]”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 56).

Sabe-se que o separatismo, tão evidente nesses pensamentos, marca o endossamento de uma ideia que atravessou as sociedades do nosso país durante longas épocas: os homens, frutos da miscigenação de outras etnias que ajudaram a povoar o território brasileiro, eram vistos como uma chaga na história da nação. Sob o olhar impregnado de (errôneos) conceitos evolucionistas, o pobre trabalhador nativo do Brasil carregava sobre si os resquícios da escravidão e a desvalorização de sua mão-de-obra, sempre desmerecida em prol do trabalhador europeu que, por sua vez, era visto não apenas como uma força de trabalho, mas como aliado no processo de branqueamento da “raça” brasileira. Conforme pontua Giralda Seyferthy (1996, p. 125):

[...] os imigrantes tinham um papel adicional a exercer: contribuir para o branqueamento e, ao mesmo tempo, submergir na cultura brasileira através de um processo de assimilação.

⁶ Comentário presente no artigo “Modernismo revisitado” (1988), de Eduardo Jardim de Moraes.

O fluxo imigratório para o Brasil foi mais intenso entre 1880 e 1920, e a década de 1890 concentrou o maior volume de entradas de estrangeiros [...], a maioria proveniente da Europa [...]. na virada do século, as estatísticas serviram para dar credibilidade à imaginada nação branca do futuro.

Grande parte da intelectualidade brasileira acreditava que a ampla migração da população nordestina para outras localidades do país era uma ameaça para o desenvolvimento nacional (e regional), pois preferiam a mão-de-obra dos imigrantes europeus, tidos como sinônimo de progresso, civilização e cultura.

Essa desqualificação do nordestino e de sua região, associada à inferioridade étnica, cultural, regional e identitária, está relacionada também aos ideais de branqueamento e civilização ainda presentes nos ensejos da nação. Tais concepções lembram os apontamentos de Lévi-Strauss (1976, p. 4) ao discutir a diversidade de culturas:

A atitude mais antiga e que repousa, sem dúvida, sobre fundamentos psicológicos sólidos, pois que tende a reaparecer em cada um de nós quando somos colocados numa situação inesperada, consiste em repudiar pura e simplesmente as formas culturais, morais, religiosas, sociais e estéticas mais afastadas daquelas com que nos identificamos. “Costume de selvagem”, “isso não é nosso”, “não deveríamos permitir isso”, etc., um sem número de reações grosseiras que traduzem este mesmo calafrio, esta mesma repulsa, em presença de maneiras de viver, de crer ou de pensar que nos são estranhas.

Lévi-Strauss (1976, p. 5) ainda ressalta que esse estranhamento segue cristalizado na grande maioria que compõe a sociedade humana. Consequentemente, a estranheza com os que não representam os ideais de refinamento, civilização e cultura de determinada sociedade (ou parte dela) leva ao repúdio. Logo, aqueles que não se identificam ou desconhecem a cultura, origem ou modo de viver do outro tendem a rechaçá-lo, excluí-lo ou estigmatizá-lo. Semelhante ao que aconteceu com o Nordeste e os nordestinos.

A ida de muitos nordestinos para outras localidades brasileiras não foi uma medida benquista por muitos governos, a começar por alguns estados nordestinos que viam esse êxodo como prejuízo para algumas capitais. Em Fortaleza (CE), por exemplo, durante a grande seca de 1915, campos de concentração foram montados para receber os flagelados da seca, “foram criados com o propósito de tratar as enfermidades, saciar a fome dos retirantes, oferecer-lhes emprego e evitar que chegassem à capital disseminando doenças [...] e causando desordem no funcionamento do comércio” (UCHOA, 2013, p. 25). Tal contexto foi inserido em *O Quinze* (1930) por Rachel de Queiroz.

A região amazônica também foi uma opção de grande procura dos nordestinos, principalmente, durante o auge da borracha, quando os retirantes buscavam novas oportunidades de sobrevivência, essa realidade foi, inclusive, retratada na obra literária *A Selva* (1930), do autor português, Ferreira de Castro.

Conquanto a presença de nordestinos não foi benquista pelos governos nortistas sob a justificativa de que o Norte enfrentava problemas econômicos e, portanto, não poderia abrigar a grande demanda de retirantes. Na cidade de São Paulo, os baianos foram os primeiros a chegar em grande número, e só posteriormente outros nordestinos vieram. Embora o Sul tenha necessitado da mão-de-obra dos trabalhadores nacionais, suas reais militâncias giravam em torno de um projeto de permanência provisória dos nortistas e nordestinos. Esses dilemas aconteceram em meio a fortes debates sobre a necessidade da força de trabalho em oposição ao ensejo pelo desenvolvimento de uma sólida sociedade burguesa brasileira. Alfredo Bosi destaca que,

O quadro geral da sociedade brasileira dos fins do século vai-se transformando graças a processos de urbanização e à vinda de imigrantes europeus em levadas cada vez maiores para o centro-sul do país. Engrossam-se, em consequência, as fileiras da pequena classe média, da classe operária e do subproletariado. Acelera-se ao mesmo tempo o declínio da cultura canavieira no Nordeste que não pode competir, nem em capitais, nem em mão-de-obra, com a ascensão do café (BOSI, 2017, p. 324).

O novo século que se iniciava foi marcado pelas tensões que envolviam os processos migratórios, entretanto, para além das questões políticas e socioeconômicas, o âmbito cultural também foi fortemente influenciado, pois os debates que emergem nesse momento começam a problematizar de forma mais intensa a questão do nacional, das brasilidades e outros aspectos da identidade nacional. Conquanto, essas concepções ainda permaneciam presas ao desejo de igualar a nação brasileira à europeia, como afirma o antropólogo brasileiro, John Manuel Monteiro (1996, p. 180):

o que estava em jogo, evidentemente, era a caracterização do Brasil enquanto país civilizado ou, pelo menos, como um país capaz de superar o atraso e as contradições para alcançar um lugar ao lado das luminosas civilizações do hemisfério norte.

Apesar dessas problemáticas receberem maiores destaques durante esse período, algumas obras literárias escritas em tempos precedentes já abordavam em seus enredos a realidade da influência estrangeira na sociedade brasileira. O autor Graça Aranha, por exemplo, surge nesse contexto com intenso sentimento nacional e aguçada consciência crítica voltada para as problemáticas da sociedade. Seu olhar otimista em relação ao estrangeiro é exposto claramente em suas obras. Em *Canaã* (1902), um de seus mais famosos livros, a narrativa é protagonizada por dois europeus, Milkau e Lentz, que podem representar “o contraste entre o racismo e o universalismo, entre a ‘lei da força’ e a ‘lei do amor’ que polariza ideologicamente, em *Canaã*, as atitudes do imigrante europeu diante da sua nova morada” (BOSI, 2017, p. 348). Embora Graça Aranha tenha sido um defensor ávido do branqueamento da “raça” brasileira a

partir dos imigrantes, sempre enfatizava a ameaça iminente das influências estrangeiras na essência do brasileiro.

O autor Monteiro Lobato também participou desse momento. As experiências no campo, quando fazendeiro do Vale do Paraíba e sua veia política – interessada nas questões de nacionalismo e cidadania –, inspiram suas primeiras obras que trazem como pano de fundo o Brasil da República Velha, seus problemas e sua gente.

Um de seus personagens mais famosos, Jeca Tatu, inicialmente apresentado em *Urupês* (1918), é um estereótipo do homem do campo, que “nada o esperta. Nenhuma ferroada o põe de pé. Social, como individualmente, em todos os atos da vida, Jeca, antes de agir, acocora-se. [...] De pé ou sentado as ideias se lhe entramam, a língua emperra e não há de dizer coisa com coisa” (LOBATO, 2014, p. 152). Desde seu surgimento, Jeca Tatu despertou sentimentos diversos: críticas e afeições, enquanto uns achavam que era uma representação sádica e de mau gosto do homem brasileiro, outros defendiam a composição lobatiana, como exemplo, o escritor Lima Barreto que se revelou um verdadeiro entusiasta da estética-nacionalista de Monteiro Lobato:

A sua roça. As suas paisagens não são coisas de moça prendada, de menina de boa família, de pintura de discípulo ou discípula da Academia Julien: é da grande arte do nervoso, dos criadores, daqueles cujas emoções e pensamentos saltam logo do cérebro para o papel ou para a tela. Ele começa com o pincel, pensando em todas as regras do desenho e da pintura, mas bem depressa deixa uma e outra coisa, pega a espátula, os dados e tudo o que ele viu e sentiu sai de um só jato, repentinamente, rapidamente. (BARRETO apud RESENDE, 2017).

Apesar desse “valor” ao nacional latente, reconhecido por muitos nas obras de Lobato, seus ensejos para a sociedade brasileira, em parte, se dividiam entre valorizar os aspectos mais fortes do “espírito brasileiro” e, por outro lado, defender a superioridade da etnia europeia, vista como solução para a “evolução” e civilização de nossa gente.

Esse período marca, pois, momentos de rupturas, transições e confluências na sociedade brasileira. O século que acabara de ficar para trás havia perscrutado a queda de pilares que jamais seriam reerguidos novamente em nossa sociedade, enquanto o novo século que acabara de iniciar seria palco para acontecimentos fundamentais no repensar sobre “ser brasileiro” em um Brasil plural.

Em face do que foi discutido nesse tópico, percebemos que a seca que levou os nordestinos às outras regiões do país também foi a principal responsável pelo nascimento da região nordestina. Entretanto, como explanado, desde a saída e chegada aos novos lugares, o nordestino, assim como o Nordeste, foi considerado uma problemática, carregando em si as angústias de um deslocamento forçado e a rejeição de muitos brasileiros sulistas.

Porquanto, o deslocamento de brasileiros entre as regiões provocou não apenas uma nova reorganização do espaço para comportar mais pessoas em uma localidade – neste caso no Sul e Sudeste do país –, mas produziu novas relações entre áreas que tinham pouco ou nenhum conhecimento uma da outra, ainda que pertencentes ao mesmo território. A troca de vivências entre nortistas, sulistas e nordestinos fez surgir uma confluência de culturas, novos olhares, reconhecendo diferentes modos de viver e outras realidades; por outro lado irrompe igualmente, olhares de estranheza, estereótipos e preconceitos.

Esses encontros entre diferentes naturalidades levaram a discussões profundas (políticas, econômicas, sociais e culturais) sobre a definição das regiões e dos brasileiros que a elas pertenciam. “Ser nordestino”, “ser sulista”, “ser brasileiro” começam a fazer partes dos debates mais acirrados, principalmente entre os intelectuais e estudiosos da época, iniciando, assim a problematização sobre o regionalismo, tema que será discutido no tópico a seguir.

2.2 O Regionalismo modernista: o outro lado

A década de 20 do último século presencia o nascimento do novo regionalismo, desta vez interessado em representar a cultura, a tradição e os costumes das regiões brasileiras. Buscava “as peculiaridades locais mostrando cada uma delas como outras tantas maneiras de ser brasileiro” (CANDIDO, 1981, p. 61). O regionalismo moderno, por sua vez, apreciava as pluralidades nacionais e trazia como um de seus ensejos a superação das instituições republicanas por meio de novos projetos para a nossa sociedade.

Ainda remanescente dos sentimentos gerados pela Primeira Grande Guerra, a ideia de pátria, nesse momento, ganha maior destaque no contexto intelectual, social e artístico. Muitos movimentos à época “vislumbravam vários caminhos para a recuperação e/ou fundação da nacionalidade [...]” (HOCHMAN; TRINDADE, 2018, p. 273). Conquanto a valorização cultural que se manifestou nesse momento, tão acentuada entre as principais discussões acerca da nação e das regiões, carregava em si as mais diversas intenções, desde interesses políticos e públicos até motivos nobres e essenciais daqueles que desejavam de fato contribuir com a construção de uma identidade brasileira potencialmente autêntica.

O país passava por profundas mudanças em seus contextos econômico, político e cultural: a urbanização das principais capitais do país; o alto fluxo migratório entre as diferentes regiões; o recebimento de estrangeiros e, principalmente, o processo de industrialização. Essas

transformações, aliadas às transições que ocorriam com a chegada do Modernismo nas artes brasileiras, trouxeram novas formas de perceber o Brasil e novas maneiras de viver.

Como construto dessas mudanças na nossa sociedade, vimos o nascimento de novos códigos de sociabilidade, novos olhares sobre a nação no contexto da modernidade e daquilo que se entendia como moderno. As cidades mais desenvolvidas mudaram progressivamente sua fisionomia. A paisagem, antes rural, marcada pelos casarões coloniais e por um espaço natural, começa a se transformar com o surgimento das grandes construções, fábricas, largas avenidas; mudanças que anunciavam o início de uma nova era no Brasil. O espaço urbano também experimentou, em seus aspectos sociais, transmutações oriundas da confluência de culturas, resultado das migrações de pessoas das demais regiões do país para as grandes cidades. Sendo assim, costumes e tradições fundiram-se, criando um verdadeiro cosmopolitismo.

Foram as consequências do final da Primeira Grande Guerra as principais responsáveis em fazer ruir os últimos sentimentos remanescentes da *belle époque* brasileira, que viam o Brasil, suas regiões e tropicalidade sob a ótica do exótico e atribuíam à decadência da nação as suas origens étnicas, ao considerarem o índio e o negro como sinônimos de selvageria e atraso cultural.

O ambiente cosmopolita que se solidificava nas grandes sociedades contribuiu para que nesse período surgisse uma nova maneira de perceber a nação, não mais originada no todo, mas nas partes constituintes do nosso país. Albuquerque Júnior (2011, p. 53) esclarece:

A partir deste momento, para visualizar a nação em toda a sua complexidade, os vários discursos, tanto do Norte quanto do Sul, partem para a análise do próprio espaço de onde são emitidos. Buscam nas partes a compreensão do todo, já que se vê a nação como um organismo composto por diversas partes, que deviam ser individualizadas e identificadas. A busca da nação leva à descoberta da região com um novo perfil. Diferentes saberes, seja no campo, da arte ou da ciência, são mobilizados no sentido de entender a nação [...].

Assim sendo, nas novas perspectivas sobre a ideia de nação, as regiões eram consideradas como núcleos fundamentais do processo, pois a partir delas buscava-se perceber os entraves sobre a maioria do país e sua “ascensão” econômica, política e cultural. É o nacionalismo demasiadamente presente na década de 20 que motiva o interesse sobre as semelhanças e diferenças entre as regiões brasileiras. Com o desenvolvimento nos meios de transporte (e comunicação) o trânsito entre os moradores do Norte e Sul começa a se intensificar, não apenas pela necessidade, mas pela curiosidade despertada a partir das publicações da imprensa nacional ao divulgar algumas peculiaridades sobre esses lugares e seus moradores.

Por outro lado, essa busca por uma identidade nacional a partir das regionalidades marca também o início de estereótipos estabelecidos sobre a região Nordeste, criados de alguns equívocos emitidos e perpetuados em textos jornalísticos, obras literárias, relatos de viagens, dentre outras narrativas aceitas como descrições reais sobre os moradores do Nordeste do país.

Os jornais dessa época se mostravam abarrotados dos chamados “relatos e notas de viagens”. Tais narrativas não estavam interessadas somente em descrever aquilo que os exploradores encontravam em suas andanças, mas procuravam dar maior destaque às peculiaridades dos povos das demais regiões, enfatizando sua forma de viver, de falar, seus costumes como “diferentes” ou estranhos em relação ao Sul e suas características.

A maioria dos textos jornalísticos, responsáveis por revelar o Norte e o Nordeste “reais” e “desconhecidos” para o restante dos brasileiros, eram de jornalistas do Sul. Esses textos delineavam as regiões com acentuados preconceitos e equívocos e pareciam conceber os costumes sulistas como “nacionais” e os outros como “regionais”. Essas circunstâncias podem ser associados aos pensamentos de Edward Said (1995, p. 5-6), em sua obra *Cultura e Imperialismo*, quando pontua:

Como sugeriu um crítico, as próprias nações *são* narrativas. [...], a cultura é um conceito que inclui um elemento de elevação e refinamento, o reservatório do melhor de cada sociedade, no saber e no pensamento, [...]. Com o tempo, a cultura vem ser associada, muitas vezes de forma agressiva, à nação ou ao Estado; isso “nos” diferencia “deles”, quase sempre com algum grau de xenofobia. A cultura, neste sentido, é uma fonte de identidade, e aliás bastante combativa, como vemos em recentes “retornos” à cultura e à tradição.

Semelhantes construções, repletas de estranhezas, expressam relações de poder de onde se fala em contraposição sobre de quem se fala, contribuindo para a criação de identidades diversas, inclusive, depreciativas. Sendo os lugares em destaque como centros de poder, cultura e conhecimento, aqueles que ali não pertencem são eleitos como “diferentes”, “estranhos”, bem como o seu estilo de vida, linguagem ou tradições. Assim como aconteceu com os nortistas e nordestinos.

As impressões narradas nos jornais sulistas nada mais eram do que a própria expressão de estranhamento dos indivíduos que pertenciam às principais metrópoles da época, e não uma representação da verdadeira identidade ou regionalidade dos brasileiros nortistas e nordestinos. Quando as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo tornam-se então os núcleos de referências, as regiões Norte e Sul assumem uma aparente “subalternização”, com exceção de Recife – considerada metrópole.

Alguns jornalistas e intelectuais do Sul e Sudeste do país rotulavam o Norte e Nordeste, bem como seus moradores, como arcaicos e incultos por não pertencerem ao Sul.

Essas impressões de estranhamento podem ser constatadas em um trecho do jornal *O Estado de São Paulo*, escrito em 1923, pelo jornalista, Paulo de Moraes Barros:

Algo sabíamos por leitura sobre a terra do sofrimento, que tem prados só de urzes, tem montanhas de penhascos, habitações só de colmos, céu que nunca se encobre...chão que nunca recebe orvalho, rios que não têm água. O Nordeste brasileiro só foi divulgado com tal designação após a última calamidade que assolou em 1919, determinando a fase decisiva das grandes obras contra as secas. (...) quando levas de esqualidos retirantes vieram curtir saudades infindas na operosidade do generoso seio sulino, quem sabe ainda em dúvida, entre a miséria de lá e a abundância daqui. (BARROS, 1923, p. 3)

Percebemos que o Nordeste é descrito como homogêneo, diferente do que realmente era, isto é, como um conglomerado de sub-regiões e culturas. O seu principal definidor era a miséria, logo é apresentado unicamente como um lugar deplorável. O comentarista ainda ressalta a superioridade e “generosidade” do Sul em ajudar seus “irmãos” flagelados. As dicotomias estabelecidas não são frutos apenas deste que escreve, posto que ele acentua leituras preexistentes. A partir disso, podemos constatar como essas narrativas tiveram força suficiente para contribuir com a invenção das identidades regionais e com o legado de inferioridade e estigmatização carregado até a contemporaneidade pela região Norte e, principalmente, pelo Nordeste.

Como pontua Scoville (2011, p. 31), “não poucas vezes manifestações de sentimento regionalista surgiram como reação a quadros de centralização do poder ou de favorecimento de algumas regiões em detrimento de outras”. Isso explica o rechaçamento inclusive dos líderes políticos das regiões desmerecidas, quando alguns intelectuais e ideólogos da época afirmavam que os governantes nortistas não deveriam possuir os mesmos poderes dos políticos sulistas, pelo contrário, deveriam submeter-se e serem governados, pois eram “inferiores”.

Os intelectuais que carregavam esse pensamento separatistas apresentavam a proposta de um regionalismo que colocava suas cidades em um lugar de superioridade. Dentre esses podemos destacar Oliveira Viana, que além de defender com veemência esses ideais, ainda os propagou por meio de alguns dos seus trabalhos, conforme pontua Antônio Candido (2006, p. 126): “Oliveira Vianna elabora a partir de 1917 a sua ridícula teoria das elites rurais, arianas e fidalgas, como foco de energia nacional”. Nos textos de Vianna, o estado de São Paulo, especialmente a capital, era concebido em excelência. Nas concepções desse ideólogo, esta era a região mais aproximada das bases europeias, referência do triunfo.

Essas e outras importantes figuras pertencentes à intelectualidade brasileira à época vangloriavam-se das grandes transformações pelas quais o Rio de Janeiro e São Paulo passavam

em virtude do processo de urbanização e industrialização. A emergência da “Pauliceia” e a chegada do Modernismo nas artes, representavam para alguns desses intelectuais, uma grande justificativa para suas convicções sobre a superioridade do Sul e Sudeste e que nenhuma outra região possuía atributos suficientes para servir como símbolo da civilização e progresso do país.

Vale ressaltar que, na mesma época, a cidade de Recife experimentou o desenvolvimento perscrutado pelas grandes capitais do Sul e Sudeste, não tendo recebido igual destaque, pois a ideia do Nordeste pobre e degenerado já havia generalizado na sociedade brasileira. Por isso, espantavam-se aqueles que chegavam em terras nordestinas, tal como aconteceu com Oswald de Andrade quando de sua viagem ao Recife.

Imbuídos pelas informações da grande mídia, ao experienciarem uma real visita à região ensolarada, muitos viam com espanto a paisagem vital que encontravam nos lugares que não sofriam com a seca. Podemos constatar tais impressões nos registros de jornalistas que visitaram o Nordeste nesse período. Como demonstram as declarações da jornalista paulista Chiquinha Rodrigues, ao jornal *O Estado de São Paulo*, em 1941:

Nas regiões do Nordeste, interessante verdade! Estão as terras onde há mais chuva no Brasil. O que ocasiona as secas dizem os técnicos e maldizem os leigos, é a má distribuição das chuvas. Oásis no deserto merece tamanha deferência. [...] Vamos desvendar os mistérios destas singulares, onde um mundo de luz resplandece ao nosso olhar, onde o clima é ardente e quente ou temperado e doce.

De forma contraditória e ainda refém de valores estereotipados, a jornalista, mesmo diante da real fisionomia do lugar com sopros de vida e beleza, parece querer atestar a sequidão e as mazelas apreendidas possivelmente em suas leituras precedentes sobre a região, o que pode ser observado na descrição da paisagem:

O tapete de cordas duras e agressivas impedia que seja real o contato entre a criatura e a terra [...]. Como a senhora em sua crueldade, surge em lugares destacados a Cabeça de Frade que abrolha à flor da caatinga, em pontos esverdeados, em atitudes agressivas. Tudo nela queima, fere, penetra em nossa mão, mas às primeiras chuvas, tudo se transforma; são as mil flores, a variedade de pássaros e borboletas [...]. (RODRIGUES, 1941, p. 5).

O sentimentalismo com nuances poéticas, presente no comentário de Chiquinha Rodrigues, pode exprimir as contradições entre aquilo que ela vê com o que esperava ou mesmo desejava encontrar. Mesmo narrando uma paisagem vital e ter conhecimento de fatos constatados pela ciência sobre a presença de chuva, a opinião cristalizada sobre a pobreza e miséria segue firme em suas concepções. Assertivas como essas foram responsáveis pelas fissuras causadas na imagem da região Nordeste, ainda em construção.

Por outro lado, nem todos os intelectuais e estudiosos brasileiros compactuavam com esses pensamentos e discursos. É possível encontrarmos escritos em que a diversidade

regional do nosso país é posta em destaque e valorizada. A exemplo temos os ensaios e crônicas do escritor Mário de Andrade, reunidos na obra *O Turista aprendiz*, publicada na década de 70, como resultado de suas aventuras e andanças pelo Norte e Nordeste do Brasil durante os anos finais da década de 20.

Para além de conhecer e pesquisar a identidade cultural, a geografia e os costumes dessas regiões e de seus moradores, o autor também se preocupou em registrar e difundir em seus escritos o que verdadeiramente encontrava durante suas viagens para que as pessoas pudessem conhecer, de maneira autêntica, as terras até então consideradas longínquas e “estranhas” para muitos brasileiros.

Seus relatos evidenciam diálogos constantes entre o homem intelectual urbano e a cultura popular do homem “primitivo”. Porém, o autor procura não se expressar a partir de suas impressões próprias (de estranhamento), mas dar azo à realidade perscrutada. Procurou descrever com cuidado o cotidiano, os costumes e a forma de viver, sem expressar qualquer julgamento de valor. Mais tarde as experiências vividas no Norte e Nordeste do Brasil foram hùmus essenciais para a sua mais conhecida composição literária e uma das mais importantes obras da literatura brasileira, *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* (1928).

Diante do exposto, percebemos que o novo regionalismo que eclode no século XX, trazendo a emergência da região, não se resumiu aos movimentos literários e artísticos, mas fez parte de interesses políticos e se desenvolveu em meio a discursos separatistas responsáveis também por estereotipar o Nordeste brasileiro como uma região inferior e subestimada, principalmente por causa das impressões preconceituosas e equivocadas, divulgadas nos textos jornalísticos e de alguns intelectuais brasileiros.

No entanto, concomitante à construção de um Nordeste estereotipado, também tivemos a tentativa dos autores regionalistas tradicionalistas em (re) construir, por meio da memória e tradição, o Nordeste e suas nordestinidades como uma região rica de cultura, como veremos a seguir.

2.3 Quando a gente voltar: o Nordeste da saudade no Movimento Regionalista Tradicionalista

Gilberto Freyre é conhecido mundialmente por suas reflexões sociológicas, antropológicas e históricas acerca das teorias raciais em torno da formação do povo brasileiro. Conquanto, o autor da célebre obra *Casa-Grande e Senzala* (1933) teve uma participação imprescindível nas discussões sobre o regionalismo no Brasil, sobretudo no Nordeste. Suas

discussões sobre as delimitações do Nordeste brasileiro (em seus aspectos geográficos, naturais e políticos) começam ainda durante sua estadia no Estados Unidos, quando coopera com artigos para *O Diário de Pernambuco*.

Seus textos avaliavam o momento de transição pelo qual o país passava e a trajetória que havia resultado no Nordeste de 1925. Mais tarde, esses ensaios reunidos deram origem ao *Livro do Nordeste* (1925), obra precursora em evidenciar o conteúdo histórico, artístico e cultural da região, bem como a tentativa inicial de resgatar a memória e tradição nordestina. De acordo com Antonio Dimas (2004, p. 7),

o *Livro do Nordeste*, em vez de chamar a atenção para o centenário do periódico, preferia demarcar os limites de uma cultura regional, ao mesmo tempo em que dava a largada para a carreira de seu criador, recém-chegado de longa permanência em terras de “Oropa, França e Bahia”.

Esses pensamentos nortearam, sobremaneira, os diálogos ocorridos durante o Congresso Regionalista de Recife⁷, no ano de 1926, que trazia como escopo principal reunir nordestinos em prol de um patriotismo regional que se fundamentasse na tradição. Fernando de Mello Freyre (1977) aponta que os debates do evento giraram em torno de um único objetivo: mostrar que,

o regionalismo era uma força, um movimento, no sentido de verdadeira e sincera federação brasileira. Deu o sentido de tradição – sentido vivo, criador, desembaraçado do sentimentalismo como do formalismo que tendem à estagnação ou à cópia servil das formas do passado – que anima ao movimento regionalista do Nordeste. (MELLO FREYRE, 1977, p. 177).

O jornalista Joaquin Inojosa (1977, p. 218), um dos participantes do Congresso, declarou que o evento ambicionava despertar “o amor ao torrão natal de cujo salubre entusiasmo, de cujo grande ardor se faz a estrutura das grandes pátrias”. Foram esses pensamentos visionários que se tornaram a pedra angular do *Movimento Regionalista Tradicionalista*, consolidado durante o Congresso. Neste, Gilberto Freyre apresentou o *Manifesto Regionalista*⁸. O documento esclarece os principais objetivos que norteavam o movimento:

Seu fim não é desenvolver a mística de que, no Brasil, só o Nordeste tenha valor, só as sequilhas feitas por mãos pernambucanas ou paraibanas de sinhás sejam gostosas, só as rendas e redes feitas por cearense ou alagoano tenham graça, só os problemas da região da cana ou da área das secas ou do algodão apresentem importância. Os animadores desta nova espécie de regionalismo desejam ver se desenvolverem no País outros regionalismos, que se juntem ao do Nordeste, dando ao movimento o sentido organicamente brasileiro e, até, americano, quando não mais amplo, que ele deve ter. (FREYRE, 1996, p. 49).

⁷ Evento em que se consolidou o movimento Regionalista Tradicionalista iniciado em 1924 com a fundação do Centro Regionalista do Nordeste.

⁸ Apesar de ser redigido durante o ano de 1926, de acordo com Joaquim Inojosa (1978), a obra foi publicada somente em 1956.

A proposta regionalista freyreana trazia à baila questões sociológicas sobre a região representada não mais sob a ótica naturalista, mas percebida a partir da diversidade, seus inúmeros tipos e traços que a compõem e as verdadeiras características expressas pela identidade do lugar e de seu povo. Por outro lado, apesar de criticar os modelos modernistas, Freyre não desmerecia o nacional, mas incitava a participação política por intermédio de uma conjuntura cultural originada no regional e nas artes. Segundo Antonio Dimas (2004, p. 13), os ideais freyreanos pautavam-se em:

Enfatizar aos nativos a necessidade de se afastar das tentações falsamente modernizantes e dos empreendimentos que cheiravam a um francesismo tardio ou a um americanismo mal digerido. Mais do que simples projeto estético, o seu era de uma abrangência decididamente cultural, em que pese a má vontade da academia contemporânea.

A visão tradicionalista do autor pode ser notada em suas outras obras. Em *Sobrados e Mucamos* (1936), por exemplo, Freyre crítica a mudança na fisionomia do Recife, quando de seu retorno da Europa. O autor irá chamar de “afrancesamento” ou “re-europeização”, a transformação na paisagem que agora estava repleta de elementos importados de países estrangeiros. De acordo com ele, essa não correspondia à realidade brasileira em seus diferentes aspectos: geográficos, sociais, climáticos.

De acordo com Ruben George Oliven (2004, p.102), O *Manifesto* abordava dois temas fundamentais: “a defesa da região enquanto unidade de organização nacional e a conservação dos valores regionais e tradicionais do Brasil em geral e do Nordeste em particular”. Desse modo, contrariando o Modernismo, o regionalismo tradicionalista buscava resgatar e manter as tradições nordestinas, pois o autor via nas raízes étnicas brasileiras a verdadeira expressão da tradição nacional. Em mais um trecho do *Manifesto* (1926), ele afirma:

Talvez não haja região no Brasil que exceda o Nordeste em riqueza de tradições ilustres e em nitidez de caráter. Vários dos seus valores regionais tornaram-se nacionais depois de impostos aos outros brasileiros menos pela superioridade econômica que o açúcar deu ao Nordeste durante mais de um século do que pela sedução moral e pela fascinação estética dos mesmos valores (FREYRE, 1996, p. 52).

Essas convicções também se justificam não apenas pelas ideologias defendidas pelo autor, que criticava a política do “caldeamento” da “raça” brasileira, enxergando o índio e o negro também como matrizes da identidade nacional, mas porque, para ele e seus adeptos, somente a região nordestina poderia expressar a verdadeira regionalidade em favor de uma identidade brasileira, pois, nessa perspectiva, era a única que não havia sido “corrompida” completamente com os estrangeirismos europeus e as artificialidades do Modernismo de São Paulo. Os pressupostos freyreanos apontavam que o regionalismo inadequado pregava “o

separatismo; que consiste na imposição dos interesses locais sobre os gerais. “Este mau regionalismo”, dizia Freyre, “já se tem feito sentir na política e na economia brasileira, com os mais lamentáveis efeitos” (FREYRE, 1996, p. 55).

Outros importantes intelectuais e artistas nordestinos, principalmente os escritores, aliaram-se ao movimento durante a década de 1920, como exemplo, José Lins do Rego, que se tornou um dos ávidos defensores do regionalismo tradicionalista. Esse grupo de pensadores questionava o Modernismo, originado em São Paulo, em razão da tradição e problematizava os verdadeiros ideais por trás da busca de uma identidade brasileira.

Para Freyre e José Lins, o conjunto de regiões expressava a autenticidade identitária do Brasil, porquanto, nas ideias freyreanas, “o bom regionalismo é aquele cuja ânsia é a defesa das tradições e dos valores locais contra o furor imitativo [...] Não sonhemos com um Brasil uniforme, monótono, pesado, indistinto, nulificado, entregue à ditadura de um centro regulador de ideias” (FREYRE, 1996, p. 55), por isso criticavam o Modernismo sulista ou o regionalismo originado nele. Na perspectiva dos tradicionalistas, os modernistas centralizavam as novidades e rupturas que ocorreram no país como frutos oriundos unicamente da Semana de 22. De acordo com Tadeu Rocha, geógrafo brasileiro citado,

O primeiro regionalismo nordestino valorizou o homem e as coisas deste pedaço do Brasil, numa interpretação realista dos nossos fatos históricos, sociais e econômicos. E também criou uma nova mentalidade antiacademista no meio dos jovens intelectuais do Nordeste, que puderam cristalizar as suas idéias nos estudos históricos e geográficos, no ensaio sociológico, no romance social e na poesia regionalista ou profundamente humana. [...] Foi no Regionalismo Tradicionalista, com suas raízes bem nordestinas e as suas preocupações renovadoras, que vacinou esta parte do Brasil contra o artificialismo do Movimento Modernista do Rio e São Paulo. (ROCHA, 1964, p. 334).

Essas concepções e debates foram importantes por manifestar a busca pelo reconhecimento da rica diversidade presente na região nordestina e a criação de uma “tradição” a partir das características típicas da região e das nordestinidades, sobretudo em relação aos aspectos culturais e suas tensões locais. Antonio Dimas (2004, p. 14) ressalta que se por um lado o regionalismo originado no Modernismo do Sul e Sudeste

tentava-se o emparelhamento com a arte européia, insistindo-se, com isso, qualquer surto de veleidade regionalista, em princípio. [...], no Nordeste, desrecalcava-se esse regionalismo, escancarava-se o pesado passado rural e colonial, assumiam-se as raízes longínquas, com fundamento na sociologia e na antropologia. Mais no sul, a caipirice não era matéria para discussão favorita de paulistanos ilustrados (DIMAS, 2004, p. 14).

Desse modo, o regionalismo tradicionalista buscava resgatar e perpetuar a cultura nordestina por intermédio da memória e da tradição. Esses ensejos motivaram muitos artistas e intelectuais nordestinos, que invadidos pelo sentimento regionalista e, sobretudo, pelo receio

de que a memória do seu lugar e a tradição se extinguissem procuraram com suas artes construir o Nordeste a partir da rememoração.

De acordo com Albuquerque Júnior (2011, p. 95), aliados aos escritos sociológicos de Freyre, destaca-se a escrita de ficção, principalmente a literatura de 30. O autor afirma que os autores regionalistas da geração de 30,

vão tentar construir o Nordeste pela rememoração de suas infâncias, em que predominavam as formas de relações sociais agora ameaçadas. Eles resgatam a própria narrativa como manifestação cultural tradicional e popular, ameaçada pelo mundo moderno, e a tomam como expressão do regional. Enquanto em São Paulo os modernistas tentavam romper com a narrativa tradicional, assumindo a própria crise do romance no mundo moderno, no Nordeste o movimento regionalista e tradicionalista volta-se para resgatar as narrativas populares, a memória como único lugar de vida para este homem moderno dilacerado entre máquinas, a narrativa como o lugar de reencontro do homem consigo mesmo, de um espaço com sua identidade ameaçada.

Esses escritores traziam consigo também o desejo de continuidade e perpetuação da memória nordestina repleta de reminiscências afetuosas colhidas de uma realidade vivida em potencial no seu lugar de origem, entre tragédias climáticas e sociais, tensões e, sobretudo, afetos. Fernando de Mello Freyre (1977, p. 182) ainda aponta:

Entendo o ânimo de compreender e fazer compreendidas as verdadeiras origens, formação e exteriorização da cultura brasileira que levaram Gilberto Freyre a liderar este Movimento que iria exercer decisiva influência sobre escritores e artistas, músicos e arquitetos, profissionais liberais, políticos e administradores, homens de ação em busca de caminhos brasileiros para a resolução de problemas nacionais. O Manifesto foi também – e não apenas isto – uma convocação para que fossem preservados valores culturais ameaçados, já naquela época por modernismos cosmopolitas.

Junto aos ensejos dos intelectuais aliaram-se também os interesses dos envolvidos na economia da cana-de-açúcar e de algodão, ameaçada pela indústria do café que estava se consolidando no Sul. Movidos pela “sensação de perda de espaços econômicos e políticos por parte dos produtores tradicionais de açúcar e algodão e intelectuais a eles ligados” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 80), juntaram-se ao movimento.

O Nordeste não nasce somente como fruto da seca ou de dos estereótipos oriundos da mídia sulista, tampouco dos discursos politizados separatistas em busca do nacional, mas também nasce dos interesses de homens oriundos do semiárido brasileiro, que vendo seu lugar de origem ameaçado por influências outras, bem como suas referências históricas e culturais que pouco a pouco pareciam se esvaír, unem-se em prol do seu *topos* e de sua gente, numa tarefa exaustiva de demarcar a tradição a partir da multiplicidade do Nordeste brasileiro. Entretanto, conforme aponta Anthony Giddens em *O mundo em descontrolado* (2013, p. 47):

tradições e costumes são inventados [...]. São fabricados, em vez de se desenvolver espontaneamente; são usados como meios de poder; e não existiram desde tempos

imemoriais. Qualquer continuidade que implique o passado distante é em grande parte falsa.

Considerando a premissa, a tradição nordestina vigorante em muitos aspectos até a contemporaneidade foi também fruto das relações de poder à época daqueles que estavam interessados nos debates a favor da regionalização e contra os estrangeirismos e políticas de nacionalização oriundas do Sul, porque sentiam seu espaço-econômico ameaçado.

Todavia, além dos interesses políticos, os tradicionalistas desejavam construir uma tradição a partir de suas raízes originais, por isso pautavam o seu trabalho no resgate da memória. Maurice Halbwachs (2003, p. 162), ao discutir “memória e espaço”, chama atenção para as reações dos homens ao verem seus lugares íntimos modificados, ressaltando principalmente os sentimentos despertados por essas mudanças:

Quando um grupo de homens vivem por muito tempo em um local adaptado a seus hábitos, não apenas a seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens materiais que os objetos exteriores representam para ele. Elimine, agora, elimine parcialmente ou modifique em sua direção, sua forma, sua aparência, essas casas, essas ruas, esses becos – ou mude apenas o lugar que eles ocupam um em relação ao outro. As pedras e os materiais não oferecerão resistência. Os grupos resistirão e, neles, você irá deparar com a resistência [...] O que um grupo fez, outro pode desfazer. Mas a intenção dos homens antigos tomou corpo num arranjo material, em uma coisa, e a força da tradição local vem dessa coisa, da qual ela era a imagem.

Podemos aplicar o mesmo ponto de vista ao que aconteceu com a região nordestina. Como supramencionado, o grupo de tradicionalistas estava disposto a “salvar” a região e não perdê-la para os ideais da modernidade que influíam cada vez mais sobre a sociedade brasileira. Nessa luta, um dos primeiros sentimentos que se instaurou foi o de resistência contra todo e qualquer aspecto que demonstrava o início de um novo tempo para as províncias. Freyre, antes mesmo de redigir o *Manifesto Regionalista* (1956), já deixava claro em seus textos iniciais inquietações pessoais quanto à presença de novos elementos que “alteraram” a fisionomia de Recife e retiraram o “ar ingênuo” do lugar, substituído pelas “modernas fotografias de usinas e avenidas novas” (FREYRE, 1979, p. 75)⁹.

Halbwachs (2003, p. 164-165) menciona que essa resistência para se manifestar “deve emanar de um grupo. [...] Ele resiste com toda a força de suas tradições e essa resistência tem suas consequências. Ele procura e em parte consegue encontrar seu equilíbrio nas novas condições”. Logo, a tradição é um meio de refúgio para comunidades ameaçadas pela extinção de suas referências culturais, históricas ou espaciais.

⁹ Retirado do artigo “Vida social no Nordeste. Aspectos de um século de transição”

O receio dos tradicionalistas de ver ruir o passado ante o presente numa sociedade pré-fabricada influenciou na construção de uma tradição nordestina e fundou o Nordeste também a partir da rememoração e resistente à quebra da continuidade histórica de uma nova ordem. Giddens (2013) ressalta que a tradição não se trata de uma prática individual, precisa de um grupo para existir e se perpetuar. Para ele, “as tradições não são uma característica do comportamento individual do modo como os hábitos o são. O que a tradição tem de distintivo é que ela define um tipo de verdade” (GIDDENS, 2013, p. 51-52). Nessa perspectiva, em busca de uma identidade regional por meio da tradição e da memória individual e coletiva, os tradicionalistas tentavam assegurar uma não ruptura com o passado.

É nesse momento que as artes nordestinas adquirem ares saudosistas e memorialistas, tomando o passado como referência. Na literatura, por exemplo, José Lins do Rego surge com suas experiências individuais como parte dessa conjuntura regionalista. A narrativa saudosa de *Menino de engenho* (1932) é marcada sobremaneira por essa característica:

A minha mãe falava-me sempre do engenho como de um recanto do céu. E uma negra que ela trouxera para criada sabia tantas histórias de lá, das moagens, dos banhos de rio, das frutas, dos brinquedos, que me acostumei a imaginar o engenho como qualquer coisa de um conto de fadas, de um reino fabuloso (REGO, 2001, p. 22).

À memória a que Lins do Rego recorre é a individual e de sua infância. De forma espontânea, sem grandes complexidades e por intermédio de um olhar pueril, ele reconstrói, na narrativa, o dia a dia no engenho na fazenda da avó, traduzindo uma realidade vivenciada de forma latente. Carlos Drummond de Andrade¹⁰ (2001, p. 10), ao tecer um breve comentário sobre José Lins do Rego e suas obras, declarou:

o romancista colocou largamente sua presença entre acontecimentos, seja na forma direta, seja através de impressões e modos particulares de ver e sentir; ofereceu-se em confiança, tocou-nos. [...] seu toque pessoal se insere numa passagem, numa cultura, numa fase econômica e política [...].

De acordo com Antônio Carlos Villaça (2001, p. 11), “a capa do primeiro dos três cadernos escolares manuscritos trazia o título Memórias de um menino de engenho. Mas José Lins riscou as ‘Memórias de um’, e o livro foi apenas (e para sempre) Menino de engenho”. Entendemos que para ele o conteúdo de suas lembranças e experiências individuais era parte de uma memória coletiva ou memória regional. Segundo Michael Pollak (1992, p. 2),

Existem lugares de memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, [...]. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permanece forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu.

¹⁰ Comentário presente na 80ª edição especial de *Menino de Engenho*.

Os mesmos sentimentos podem ser encontrados na poesia do pernambucano Ascenso Ferreira. Suas composições revelam o Nordeste popular e rural de Pernambuco, o cotidiano da gente simples de sotaque marcado. O eu-lírico, saudoso do passado, tem quase o estilo oral dos contadores de “causos” nordestinos e é repleto de elementos da fala popular. Assim, “ouvir” seus poemas é passear por um Nordeste arcaico e ingênuo. Podemos perceber tais assertivas em alguns trechos do poema “Boca-da-noite”, presente em seu livro *Catimbó* (2008, p. 53-54):

Já não brincam as árvores verdes,
as lindas árvores verdes de minha terra tropical!
Meninas obedientes vão cedo para o agasalho
E vestem o timão pardacento das sombras!
[...]
O homem de minha terra, para viver, basta pescar!
e se tiver enfarado de peixe, arma o mondé
e vai dormir e sonhar...
que pela manhã
tem paca louçã,
tatu-verdadeiro
oujurupará...
pra assá-lo no espeto
e depois comê-lo
com farinha de mandioca
ou de fubá.

Para além dos elementos populares, a poesia de Ascenso Ferreira também evoca imagens do passado, sobretudo de sua infância. A paisagem delinea um lugar pitoresco e idealizado, com sua gente esperançosa e satisfeita com o que sua terra dispõe, bem como com a vida no seu lugar de pertença. No poema “Minha terra”, igualmente presente no livro *Catimbó* (2008, p. 52), o eu-lírico expressa o forte apego à terra natal e admiração pelos homens oriundos dali:

Os guerreiros de minha terra já nascem feitos.
Não aprenderam esgrima e nem tiveram instrução...
Brigar é do seu destino:
- Cabeleira!
- Conselheiro!
- Tempestade!

- Lampião!

Os guerreiros de Ascenso são inspirados em figuras históricas e folclóricas do imaginário nordestino, como Virgulino, o Lampião e Cabeleira, personagem protagonista da obra de Franklin Távora. Outras composições do autor são fortemente marcadas pela memória traumática e de luto, “luto por um mundo que sucumbe dando espaço à modernidade que marcava aqueles tempos [...]” (RAMOS, 2006, p. 16).

João Cabral de Melo Neto, mais tarde, durante a década de 45, também trará, em algumas de suas poesias, o Nordeste figurado. Com sua técnica própria de composição, “o poeta aguça o seu modo de ver e viver a paisagem e os objetos, extraíndo-lhes as formas mais duras [...] acentuou em Cabral a tendência de apertar em versos breves e nua sintaxe incisiva o horizonte da vivência nordestina” (BOSI, 2017, p. 504). Por outro lado, Massaud Moisés (2012, p. 591) acentua que “a emoção, se mantém viva; todavia, agora se trata de uma emoção contida [...]”. É o que podemos notar nos seguintes versos de *Morte e Vida Severina* (1954-55):

E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfilar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco franzina;
de uma vida severina.

Inspirado em Graciliano Ramos, o Nordeste cabralino também se concretiza por meio da linguagem e das imagens sociais. O lugar se constrói em dicotomias: o Nordeste do litoral em oposição ao da cana-de-açúcar; o Nordeste da tradição em confronto com o Nordeste “real” e as mazelas do sertão.

A construção desse Nordeste por meio da memória e tradição traz evocações do folclore, do ruralismo, da infância e juventude de homens e mulheres que vivenciaram os tempos de outrora e, apesar de rememorarem um lugar decadente, ele é transfigurado em um lugar mítico, idealizado, pitoresco. O passado, por sua vez, expressa não só um tempo superado, mas a ferramenta de continuidade desse lugar de lembranças e afetividades, uma ferramenta que talvez possa alterar o futuro indesejado por esses nordestinos.

O Nordeste de reinos fabulosos é aquele encontrado na escritura de Ariano Suassuna. O sertão de Ariano é compartilhado por reis e bêbados, cavaleiros e pedintes. É uma

construção baseada tanto na nobreza das famílias oligárquicas que deram origem à região, quanto na pobreza dos homens simples do sertão. Juntos eles compõem a “epopeia” sertaneja de Ariano. O Nordeste das obras de Suassuna tem lugar para o amarelinho João Grilo, um dos personagens mais famosos de sua dramaturgia, e para D. Pedro Dinis Quaderna, protagonista do seu único romance. Ao tecer um comentário sobre Ariano e a obra *Romance d’A Pedra do Reino* (1971), Rachel de Queiroz declarou:

No fantástico cenário está a transfiguração do seu mundo sertanejo – como ele queria que esse mundo fosse, ou como o imagina que é. Lembramo-nos de que Suassuna olha para esse mundo com a visão do exilado, ainda na adolescência arrancado do seu sertão natal; por isso sempre o descreve belo e mágico; por isso tem recuo suficiente para descobrir o mistério onde os da terra naturalmente só veem o cotidiano (QUEIROZ, 2001, p. 15).

Portanto, Suassuna não retira os elementos de sua produção somente da cultura popular ou do folclore local, mas das próprias experiências, lembranças e afetividades que carrega em sua memória, fundando, assim, na tradição o sertão de suas obras. Seu lugar é idealizado, permeado pela fé em um único Deus e seus santos, lugar de miséria, mas de afetividade, de pobreza, mas alicerçado na nobreza.

O Nordeste concebido por meio da memória e tradição perpassa os escritores e artistas regionalistas das décadas de 20 e 30, influenciando as gerações vindouras tanto na música, na literatura, quanto no teatro e outras artes. O que interessa nessas produções é que o sentimento de pertencimento e a tradição da cultura nordestina continuam enraizados e se manifestam em artistas de diferentes épocas. Michel Pollak (1992, p. 2) esclarece:

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são *acontecimentos* vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são acontecimentos [...] “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não.

Portanto, essa tentativa de resgate da memória irá influenciar outros que não viveram, necessariamente, os períodos que motivaram as reivindicações dos tradicionalistas, mas, imbuídos dos mesmos sentimentos, marcam suas composições por se sentirem pertencentes à história e à realidade do seu povo.

Para além dos textos literários, outras narrativas assumem os mesmos aspectos: a música nordestina, por exemplo, ganha visibilidade nacional por meio das composições de Luiz Gonzaga que, da matriz folclórica de seu lugar de origem, tirou húmus necessário para ritmar os sentimentos do homem do sertão, enraizado em sua terra, ainda que distante dela. Como declamam os versos de “*Asa branca*”: “Hoje longe muitas léguas/numa triste solidão/espero a

chuva cair de novo/pra mim vortar pro meu sertão”. Câmara Cascudo certa vez declarou sobre Luiz Gonzaga:

Luiz Gonzaga é uma legitimidade do Sertão tradicional. Não imita. Não repete. Não pisa rastro de nome aclamado. É ele mesmo, sozinho, inteiro, solitário. Fui no sertão. Tenho na memória o timbre das grandes vozes infatigáveis. Vaqueiros, cantadores, romeiros. Poeira heróica das feiras e vaquejadas. Luiz Gonzaga é a fonte cabeceira e nascente de suas criações. (CASCUDO *apud* Silva, 1997, p. 3).

As canções de Gonzaga passaram a ser um símbolo de identidade regional, uma vez que compartilhavam sentimentos e temores de muitos migrantes nordestinos que se sentiam representados nas canções do “Rei do baião”, pois, mesmo longe, seguiam fervorosos na esperança de a chuva molhar a terra seca para um possível retorno. Tais atribuições podem ser explicadas pelos apontamentos de Pollak (1992, p. 6), quando discute memória e identidade:

Há uma multidão de motivos, uma multidão de memórias e lembranças que tomam difícil a valorização em relação à sociedade em geral e que podem ser a origem de conflitos entre pessoas que vivenciaram o mesmo acontecimento e que, *a priori*, por terem elementos constitutivos comuns em suas vidas, deveriam sentir-se como pertencentes ao mesmo grupo de destino, à mesma memória.

A identificação com as letras de Gonzaga se deu, principalmente, pela saudade narrada e os sentimentos sofridos do homem sertanejo, porém, para além de disso, os elementos populares inseridos em suas canções também auxiliaram nesse processo de identificação. Os traços e tipos nordestinos recorrentes nas músicas do Rei do baião, também foram adotados como estilo próprio. O chapéu de couro e outros adereços que remetiam à região passaram a compor o figurino do sanfoneiro.

Como resultado tanto da produção artística e literária das décadas de 20 e 30, quanto dos que vieram depois, constroem-se os tipos sociais característicos da região, tão presentes na prosa regionalista da literatura brasileira. O cangaço, por exemplo, que antes representava um grupo de rebelados contra a lei, assim como uma ameaça aos poderes públicos, agora é tomado como um símbolo de regionalidade e cultura que expressa a luta pela sobrevivência contra governos separatistas. Como esclarece Albuquerque Júnior (2001, p. 143),

Esses romances tradicionalistas e outras manifestações culturais por eles influenciadas procuram mostrar, além das condições sociológicas de surgimento do cangaceiro, a degenerescência moral advinda das novas relações sociais, abordarão o cangaço muitas vezes como o “destino”, uma determinação dos céus. [...] O cangaceiro, o beato, o jagunço, o coronel tornam-se personagens típicos de uma sociedade que morria [...].

Esses tipos passam a ser fortes presenças, sobretudo nas narrativas literária. Esses traços continuam a reverberar, mesmo que timidamente, em outras literaturas contemporâneas. Ainda que atenuada, não é uma tendência ultrapassada.

A obra de Maria Valéria Rezende, semelhante a outras literaturas, é marcada por essas características, tanto de personagens que representam os tipos sociais nordestinos, e principalmente pelos sentimentos existentes entre o homem do sertão e sua terra, sentimentos esses que podem, inclusive, dificultar suas experiências em outros espaços distantes do sertão.

Como discutimos nesse capítulo, o Nordeste, filho da seca e da pobreza, também nasce da saudade de homens nordestinos e o seu medo de ver ruir a terra de sua infância. Os autores (e artistas) nordestinos encontraram na literatura (e outras artes) um lugar de rememoração e perpetuação da cultura nordestina, porém a figuração do Nordeste nas letras não se resume ao Modernismo, pois desde o Romantismo alguns autores ufanistas já ambientavam seus enredos nessa região. O próximo capítulo apresentará essa trajetória.

3 FIGURAÇÕES DO NORDESTE NA LITERATURA BRASILEIRA: De *Alencar* a *Maria Valéria Rezende*

*Terra de cultura viva, Chico Anísio, Gonzagão, de Renato Aragão, Ariano e Patativa. Gente boa, criativa
Isso só me dá prazer e hoje mais uma vez eu quero dizer
Muito obrigado ao destino, quanto mais sou nordestino
mais tenho orgulho de ser.
(Bráulio Bessa – Ser nordestino)*

Apesar de assumir um grande protagonismo durante a prosa regionalista de 30, desde o Romantismo, o Nordeste (ainda pertencente à região Norte) já se fazia presente nas obras de importantes autores da nossa literatura, conquanto com abordagens diferentes das quais o tornaram conhecido no início do decênio do último século, ou seja, não apenas por causa de sua paisagem castigada e seus flagelos humanos, mas pelo olhar idealizado e ufanista dos autores românticos.

Neste capítulo, veremos, pois, como o Nordeste brasileiro foi representado na nossa literatura ao longo dos diferentes momentos, mais especificamente, desde o Romantismo até a contemporaneidade. Para isso elencamos algumas das principais obras e suas diferentes abordagens sobre a região nordestina e seus moradores.

3.1 O Nordeste idealizado no Romantismo brasileiro

O Nordeste brasileiro, tal qual conhecemos hoje, nasce de uma emergência social, climática e política. É filho da seca e remanescente das ruínas geográficas da antiga região Norte. Para além dessa origem entre suplícios e flagelos, o principal adubo para o

fortalecimento da imagem que carrega com estigmas e exclusão provém das narrativas construídas ao longo da história sobre essa parte do território brasileiro. Margareth Rago (2011, p. 13) declara que,

Até meados da década de 1910, o Nordeste não existia. Ninguém pensava em Nordeste, os nordestinos não eram percebidos, nem criticados como uma gente de baixa estatura, diferente e mal adaptada. Aliás, não existiam. As elites locais não solicitavam, em nome dele, verbas ao Governo federal para resolver o problema de falta de chuvas, da gente e do gado que morriam de fome e de sede, como registra Graciliano Ramos, em *Vidas Secas*, livro que se tornou filme famoso. Ademais o problema mal era anunciado; era apenas vivido. Sem grandes visi/dizibilidade.

Essa “inexistência” do Nordeste, mencionada pela autora, refere-se ao fato de que, até o início do século passado, a grande maioria dos brasileiros de outras regiões não possuía qualquer conhecimento sobre a existência desse lugar e tampouco era uma problemática aos poderes públicos ou fonte de acúmulos de riqueza para governos locais corruptos. No entanto, a notoriedade que esse recorte espacial ganha no século XX é, em grande medida, fruto das obras de ficção, quando autores empenhados em evidenciar as regiões, movidos por sentimentos patrióticos e regionalistas, encenam em suas produções literárias as mazelas sociais e climáticas que assolavam esses lugares e a sua gente.

Cabe ressaltar que encenar um lugar, principalmente suas peculiaridades e o modo de viver de seus moradores, sempre fez parte dos enredos das obras, porém em outrora ocupou uma posição de destaque na nossa história literária, principalmente, quando o movimento regionalista se acentuou como tendência na literatura brasileira e trazia como objetivo evidenciar as regiões, bem como a figuração da vida rural em dicotomia com o urbano.

Apesar do regionalismo alcançar o seu apogeu no século XX, durante o Modernismo, como sabemos, desde o século XIX ele já se fazia presente em obras de importantes autores em diferentes momentos literários. Segundo Alfredo Bosi (2017, p. 148):

As várias formas de sertanismo (romântico, naturalista, acadêmico e, até, modernista) que têm sulcado as nossas letras desde os meados do século passado, nasceram do contato de uma cultura citadina e letrada com a matéria bruta do Brasil rural, provinciano e arcaico. Como o escritor não pode fazer folclore puro, limita-se a projetar os próprios interesses ou frustrações na sua viagem literária à roda do campo. Do enxerto resulta quase uma prosa híbrida libertária onde não alcança o ponto de fusão artístico o espelhamento da vida agreste e os modelos ideológicos e estéticos do prosador.

O regionalismo romântico apresenta alguns desses aspectos contraditórios criticados por Bosi (2017), apesar de a maioria das obras ser produzida em um contexto citadino, inclusive por autores pertencentes à elite, o rural não era retratado como dependente do meio urbano, pelo contrário, é detentor da própria autonomia. Portanto, é a voz provinciana

e arcaica que assume essas narrativas e nos conta sobre os lugares a partir da perspectiva, muitas vezes, das próprias oligarquias.

Torna-se importante lembrarmos que o Romantismo se desenvolveu durante o processo de proclamação da independência e a urbanização da cidade do Rio de Janeiro, porquanto a sociedade brasileira experimentava acontecimentos que trouxeram grandes transformações em seu contexto. Essas mudanças impulsionaram a onda patriótica que se instalou na sociedade, sobretudo entre os intelectuais e artistas. Essas realidades também reverberaram na literatura. Antônio Candido acentua que o regionalismo romântico, quando do seu surgimento, procurava ressaltar “as peculiaridades locais e mostrando cada uma delas como outras tantas maneiras de ser brasileiro” (CANDIDO, 1981, p.61).

Para Nelson Werneck Sodré (1969, p. 323), “existe a preocupação fundamental do sertanismo, que vem, assim, substituir o indianismo, com aspecto formal e insistente na intenção de transfundir um sentimento nacional à ficção romântica”. Porém a diversidade das regiões brasileiras era vista apenas como variedades do território nacional. Desse modo, alguns autores, imbuídos de forte sentimento nacionalista, desejosos da afirmação de uma identidade brasileira, marcaram suas criações com muitos desses ensejos, dando origem ao que Candido (1981) afirma ser “uma literatura equivalente às europeias, que exprimisse de maneira adequada a sua realidade própria”, isto é, ainda nas palavras do autor, uma “literatura nacional” (CANDIDO, 1981).

Logo, o regionalismo romântico buscava nas regiões um conglomerado de costumes e tradições para representar a cultura brasileira como homogênea. Nessa percepção, as peculiaridades de cada lugar existir em função do nacional, conforme pontua Eduardo Coutinho (2019, p. 536):

no afã de delinear o que deveria vir a ser uma literatura própria, esses escritores incorreram em contradições que conferiram um toque especial à produção da época [...]. Afirmavam-se valores locais com um olhar internalizado da Europa e defendia-se a construção de uma nova tradição que tinha como referencial a antiga matriz.

Esse culto ao patriotismo foi mais um dos valores importados da Europa que acabaram por impulsionar os escritores brasileiros a buscarem a construção de uma literatura que pudesse atestar as particularidades nacionais, todavia ainda seguindo os modelos europeus. Os escritores estabeleceram como incumbência a construção de uma literatura nacional por meio dos aspectos regionais (CANDIDO, 2006).

A presença de intelectuais e políticos brasileiros na produção literária dessa época era constante, por isso algumas obras estão incutidas de interesses locais impelidos pelas facetas

do nacionalismo. Nas predicções de Antônio Candido (2006, p. 120), o regionalismo brasileiro foi um dos principais caminhos para a autodefinição da consciência local:

com José de Alencar, Bernardo Guimarães, Franklin Távora, Taunay, transforma-se agora no “conto sertanejo”, que alcança voga surpreendente. Gênero artificial e pretencioso, criando um sentimento subalterno e fácil de condescendência em relação ao próprio país, a pretexto de amor da terra, ilustra bem a posição dessa fase que procurava, na sua vocação cosmopolita, um meio de encarar com olhos europeus as nossas realidades mais típicas. Esse meio foi “o tonto sertanejo”, que tratou o homem rural do ângulo pitoresco, sentimental e jocoso, favorecendo a seu respeito idéias-feitas perigosas tanto do ponto de vista social quanto, sobretudo, estético.

Os autores mencionados por Candido (2006) foram os precursores em marcar suas obras com elementos que, na concepção deles, expressavam o Brasil real/ideal. Diferentemente do regionalismo que se manifesta durante o Modernismo, este elencava os elementos da cultura rural e popular como superiores, posto que, nessa perspectiva, eram as cidades do interior a autêntica expressão do Brasil puro original.

Na concepção desses romancistas (e outros intelectuais da época), essas características deveriam ser cultivadas e resgatadas, pois estavam sob ameaça de extinção futura ante o novo que chegava, por isso buscavam a afirmação das brasilidades “através da apresentação dos cenários e das personagens do interior, o sentido nacional de seus trabalhos” (SODRÉ, 1969, p. 323).

De acordo com Albuquerque Júnior (2011), é possível perceber nessas produções literárias uma transição do realismo paisagístico para o que ele denomina de “paisagismo histórico”, em que “a simples descrição do Brasil como um conjunto de paisagens atemporais dá lugar a uma visão genealógica das diversas áreas do país e de sua população, mais precisamente de suas ‘elites’” (ALBUQUERQUE JÚNIOR 2011, p. 64).

É nesse cenário que o Nordeste¹¹ (e o interior do Brasil) começa a assumir um lugar de relevância em uma importante parte da ficção brasileira. Quando a literatura do Romantismo supera o indianismo (apenas conservando alguns de seus aspectos para o regionalismo), novos tipos de personagens e paisagens sociais e históricas começam a substituir a mata bruta e o índio, pois os autores, em seus projetos de busca pela identidade nacional, “verificaram logo que o índio não [tinha] todas as credenciais necessárias à expressão do que é nacional. Transferem ao sertanejo, ao homem do interior, àquele que trabalha na terra, o dom de exprimir o Brasil” (SODRÉ, 1969, p. 323). Dentre as obras precursoras em narrar o Nordeste na literatura

¹¹ Neste período, o Nordeste ainda não havia passado pelo processo de desmembramento e regionalização, portanto era parte da região Norte.

brasileira destacam-se *O sertanejo* (1875), de José de Alencar e *O cabeleira* (1876), de Franklin Távora.

José de Alencar pode ser eleito um dos principais romancistas que se dedicou avidamente em compor obras que fossem protagonizadas com tipos de personagens inspirados no ideário brasileiro. Apesar de ser mais conhecido por causa de seus romances indianistas, ele também cultivou “o romance histórico, o de costume, o cidadão e o regionalista” (MOÍSES, 2012, p. 152). Detentor de um ávido espírito patriótico e um declarado admirador da coroa portuguesa, buscava por meio de suas obras contribuir com a configuração de uma literatura nacional. Contudo, os elementos estéticos de suas composições eram inspirados nos parâmetros europeus.

Assim como outros autores romancistas, esses aspectos levaram-no a algumas contradições, principalmente em relação à representação do índio brasileiro. Coutinho (2019) explica que, nesse contexto, o índio é eleito não apenas como um “elemento nativo”, mas é considerado como o símbolo de um passado glorioso por ser o primeiro habitante de nossas terras, mas o autor acentua:

Entretanto, nas páginas literárias, a despeito de sua exaltação, ele não se desvencilha das contradições com que foi concebido e se apresenta como uma figura mista: em sua aparência física é o habitante da nova terra, o americano, mas em seus valores corresponde à cópia estilizada de um modelo europeu – o cavaleiro medieval – anacrônico e alheio ao seu contexto. (COUTINHO, 2019 p. 537).

É o que podemos notar nas obras alencarianas *Iracema* (1865), *O Guarani* (1857) e *Ubirajara* (1874), onde o autor exalta o índio e as terras brasileiras. Mesmo sendo descrito com atributos de valentia, o nativo guerreiro de Alencar é pacífico e vive “em íntima comunhão com o colonizador” (BOSI, 2017, p. 177), como na teoria rousseauiana do *bon sauvage*. O autor não incumbia sobre o branco europeu o passado sangrento da colonização.

Em *O Sertanejo* (1875), último romance de Alencar, temos a forma mais peculiar do regionalismo romântico e é uma das obras pioneiras ambientadas no Nordeste (quando este ainda era parte integrante da região Norte). Em mais uma tentativa de criar uma epopeia nacional, nesse romance o autor figura a paisagem árida do sertão e a vida no campo, bem como as tradições e costumes.

Alencar constrói sua narrativa com características típicas das novelas de cavalaria, principalmente no que se refere à composição dos personagens, pois, assim como nos romances indianistas, são os atributos semelhantes aos dos cavaleiros medievais que compõem as maiores qualidades do seu herói. A trama se passa em Quixeramobim, interior do Ceará. É a paisagem sertaneja que ambienta as aventuras do protagonista Arnaldo Lourezo, destemido vaqueiro que

serve um capitão-mor. O jovem homem de coração nobre enfrenta os mais terríveis perigos em busca de conquistar sua donzela, a filha do fazendeiro. A pequena cidade sertaneja está envolta em uma paisagem castigada, porém a narração a descreve de forma saudosista e afetuosa, destacando suas peculiaridades:

Esta imensa campina, que se dilata por horizontes infindos, é o sertão de minha terra natal.

[...]

Pela vasta planura que se estende a perder de vista, se erriçam os troncos ermos e nus com os esgalhos rijos e encarquilhados, que figuram o vasto ossuário da antiga floresta.

O capim, que outrora cobria a superfície da torra do verde alcatifa, roído até à raiz pelo dente faminto do animal e triturado pela pata do gado, ficou reduzido a uma cinza espessa que o menor bafejo do vento levanta em nuvens pardecintas. (ALENCAR, 2007, p. 7-9)

Essa obra não se preocupa somente em mostrar a verdade sofrida do lugar, pelo contrário, por meio do folclore e do exótico, as particularidades são postas em evidência. A paisagem é descrita com esmero, enfatizando as belas cores do serrado, a doçura das mulheres do sertão e, principalmente, a bravura dos homens sertanejos, neste caso, na figura do vaqueiro, sempre mencionado com apreço:

o destemido vaqueiro cearense, que à unha de cavalo acoisa o touro indômito no cerrado mais espesso, e o derriba pela cauda com admirável destreza. Aí, ao morrer do dia, reboa entre os mugidos das reses, a voz saudosa e plangente do rapaz que aboia o gado para recolher aos currais no tempo da ferra. (ALENCAR, 2007, p. 7)

Esses elementos recorrentes na escritura alencariana não aconteceram de forma aleatória, estavam inseridos em seu grande projeto. O autor queria na verdade destacar o Brasil ideal, e não representar, meramente a realidade trágica do sertão. Como ele mesmo declara em *O Nosso Cancioneiro* (1960, p. 24): buscava “o viver singelo do povo [...] pois é neles que se sente mais viva a ingênua alma de uma nação”. Possivelmente esse fator o levou a ser considerado por alguns críticos e alguns de seus contemporâneos como um autor “artificial” ou “de gabinete” por não incorporar em suas escrituras “aspectos genuínos da realidade brasileira” (BUENO, 2006, p. 31).

Conforme afirma a letróloga, Flávia Mariano da Silva (2010, p. 30), “José de Alencar, em *O Sertanejo*, construiu sua imagem de sertão a partir de elementos caracterizados segundo as suas preocupações políticas e os seus vínculos ideológicos”. Portanto, o Nordeste retratado em José de Alencar não existe em função das secas ou das agruras climáticas que estereotiparam essa região, apesar de idealizado, destaca o que há de melhor, de mais belo do lugar e de sua gente.

A importância da obra de Alencar para evidenciar o Nordeste é considerável e influenciou de maneira determinante seus sucessores, porém a obra que inaugura o

regionalismo na nossa literatura é *O cabeleira* (1876), do escritor cearense Franklin Távora. Suas obras evidenciam o Norte (região hoje delimitada como Nordeste) e valorizam o que há de essencial nesse lugar, pois para o autor era ali que se reuniam os elementos que melhor expressavam a cultura nacional, segundo declara no prefácio de sua obra *O cabeleira* (1876):

As letras têm, como a política, um certo caráter geográfico. Mais no Norte, porém, do que no Sul, abundam os elementos para a formação de uma literatura brasileira, filha da terra.

A razão é óbvia: o Norte ainda não foi invadido como está sendo o Sul de dia em dia pelo Estrangeiro.

Esse autor dedicou grande parte de literatura em defesa do Norte, buscando o reconhecimento da região como superior às demais, a partir de ideologias próprias e de seus engajamentos políticos e ideológicos. Possivelmente por isso, Alfredo Bosi (2017, p. 154) pontua que a literatura regionalista de Franklin Távora traz inserida em si “ares de manifesto, programa e áspera reivindicação”.

O teórico e crítico literário brasileiro Afrânio Coutinho (1986) comenta que os anseios patrióticos de Távora, na verdade, eram seus acentuados sentimentos regionalistas:

Pretendendo fundar uma literatura do norte, por entender que nessa região é que se encontravam os elementos capazes de conferir caráter verdadeiramente nacional, brasileiro, à nossa literatura – e isso seria regionalismo, ainda que Távora não tenha usado a expressão – [...]. (COUTINHO, 1986, p. 277-278).

A sua participação na elaboração de uma “Literatura do Norte” foi um de seus projetos baseados nos costumes, lendas, tradições e na cultura popular do Norte. Távora ambicionava “introduzir, já no apagar das luzes da ficção romântica, um critério rigoroso de verossimilhança” (BOSI, 2017, p. 154), assim queria lançar uma série de livros dedicados ao Norte, sendo o primeiro da coletânea *O cabeleira* (1876), obra que traz tanto aspectos do Romantismo quanto do Naturalismo.

A narrativa conta a história de José Gomes, “o qual se celebrizou na carreira do crime, menos por maldade natural, do que pela crassa ignorância que em seu tempo agrilhoava os bons instintos e deixava soltas as paixões canibais” (TÁVORA, 1876, p. 5). O protagonista é um cangaceiro de Pernambuco, conhecido por aterrorizar a província em 1776. Todavia, apesar de seu legado criminoso, é considerado um homem de bom coração, prova disso é a luta que trava contra seus instintos violentos ao se apaixonar pela bela Luíza.

Para além dos tipos regionais retratados na obra de Távora, há uma forte estima pela província de Pernambuco, sempre mencionada a partir dos triunfos do passado, como denota o seguinte trecho:

A história de Pernambuco oferece-nos exemplos de heroísmo e grandeza moral que podem figurar nos fastos dos maiores povos da antiguidade sem desdourá-los. Não

são estes os únicos exemplos que despertam nossa atenção sempre que estudamos o passado desta ilustre província, berço tradicional da liberdade brasileira. (TÁVORA, 1876, p. 5).

Bosi (2017) comenta que a real vocação de Távora se inclinava mais para história que a arte. Tais afirmações concatenam com as declarações do cearense na introdução de sua referente obra, quando afirma: “início esta série de composições literárias, para não dizer estudos históricos, com *Cabeleira*, que pertencem a Pernambuco [...]” (TÁVORA, 1876, p. 1). O autor refere-se ao fato de que o protagonista de *O cabeleira* não foi inserido de maneira aleatória na ficção, mas inspirado em um personagem folclórico da sua região.

Coutinho (1986, p. 277-288), em concordância com Bosi (2017), conclui que os romances do cearense “são mais históricos que de costumes, que regionalistas”. Contudo, André Scoville (2011, p. 33) alerta para o fato de que “a opção de Távora pelo romance histórico está, ainda, em conformidade com a ideia de que a literatura deve ser uma representação fiel do real”. Por isso muitos consideram as produções do cearense, não apenas sob a ótica da arte literária, mas como verdadeiros manifestos históricos e políticos.

Todavia, não podemos ignorar o fato de que esse autor contribuiu de forma significativa para pensar as regionalidades da região Norte e, principalmente, a não estigmatização de seus personagens a partir da miséria e da seca, pois, embora a tragédia climática se faça presente na obra, ela é configurada como um resultado natural do meio.

Essa visão idealizada do Nordeste e do nordestino é superada no final do século XIX e início do século XX, quando as obras literárias passam a abordar o homem sendo tragado pelo meio. É nesse cenário que as secas deixam de ser um elemento de referência e aparecem como causa ou protagonista dos enredos. Neste momento surge uma literatura engajada em mostrar a realidade crua das mazelas nordestinas, como veremos no tópico a seguir.

3.2 A tragédia do homem e da terra: as mazelas nordestinas tecidas na literatura brasileira

A figuração da vida rural no Nordeste (e outras regiões) ocupou uma posição de destaque na literatura brasileira. O que se inicia no Romantismo a partir de um regionalismo paisagístico, irá se delinear ao longo da história literária em outras diferentes perspectivas de retratar a dicotomia entre o rural-urbano que comumente se confrontam em locais híbridos e fronteiriços. A produção literária, do final século XIX e início do século XX, traz em si novos ensejos na relação entre o homem e o meio. Busca-se agora, a partir de uma linguagem por vezes naturalista, “fazer uma literatura fiel à descrição do meio. Meio que se diferenciava cada

vez mais e se tornava cada vez menos natural com o avanço das relações burguesas” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 66).

O Brasil vivenciava mais uma vez em sua história importantes mudanças no contexto sociocultural e político, “graças ao processo de urbanização e à vinda de imigrantes europeus em suas levas cada vez maiores para o centro-sul. Paralelamente, deslocam-se ou marginalizam-se os antigos escravos em vastas áreas do país” (BOSI, 2017, p. 324). Por causa dessas e outras transformações, a vida pública nacional polarizava-se cada vez mais. O rural com suas oligarquias em embate com o urbano e suas novas classes.

Esse período também acentua o declínio do Nordeste, causado tanto pelas grandes intempéries que continuavam a castigar a região quanto intensificado pela derrocada da cana-de-açúcar e ascensão da indústria do café em São Paulo. Esses fatores contribuíram para as grandes ondas de migração da população nordestina para as outras regiões do país, sobretudo, o Sul e o Norte ocidental (região amazônica), pois, além de fugirem da seca, também buscavam novos meios de sobrevivência e oportunidades de trabalho nas cidades em desenvolvimento, enquanto no Sul existia a possibilidade de trabalhar nas indústrias ou na lavoura do café paulista, o Norte estava vivendo o clico da borracha, fato que atraiu uma grande leva de nordestinos.

Alguns autores dessa época permaneciam ativos nos debates sobre o presente e o futuro do país. Continuavam a incumbir sobre as regiões o fracasso ou declínio da nação. Essa nova consciência crítica e visão sobre um Brasil plural marcaram algumas das mais importantes obras da literatura brasileira. Entretanto Bosi (2017, p. 324) pontua:

os níveis de consciência se manifestavam em ritmos diversos. Assim os conflitos deram-se em tempos e lugares diferentes, não raro parecendo exprimir tensões meramente locais. Só para exemplificar: o núcleo jagunço de Canudos, matérias de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, o fenômeno do cangaço, o “caso” do Padre Cícero, em Juazeiro, no primeiro quartel do século, refletiram a situação crítica de um Nordeste marginalizado.

As obras que traziam o Nordeste castigado e sua gente flagelada ganham notável projeção no cenário literário nacional. Narrativas como *O Quinze* (1938), de Rachel de Queiroz e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos foram também responsáveis por tornar conhecido o sertão nordestino para o restante do país. Conquanto, obras anteriores a essas já encenavam em seus enredos o drama da seca, tais como: *Os retirantes* (1879), de José do Patrocínio; *A fome* (1890), de Rodolfo Teófilo; *Os Sertões* (1906) de Euclides da Cunha e *A bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida.

A seca, nessas composições literárias, assume um caráter para além de climático, é o elemento em torno do qual a trama se desenrola, são figuradas ou estão presentes de alguma

forma influenciando definitivamente o desfecho de todos os acontecimentos. Denota uma problemática social, responsável por deslocamentos, por mortes, futuros indecisos e, principalmente, por marcar de forma determinante a identidade de um lugar, inscrevendo sobre a região e os seus moradores um retrato dramático fadado à miséria e à pobreza.

O conjunto dessas obras não se apresenta de forma homogênea e algumas pertencem a momentos literários distintos, porquanto a seca é o elemento recorrente em todas elas e ainda que alguns desses enredos não sejam necessariamente sobre as agruras climáticas, ela se faz presente e – enquanto elemento da conjuntura da narrativa – influi sobre o espaço ficcional e o destino dos personagens, ou seja, “impõe um contexto cuja conotação social conforma efetivamente o enredo” (SCOVILLE, 2011, p. 13).

Diferente do Nordeste das obras romanescas, nestas composições ele não é apenas um pano de fundo inerte ou um cenário sem grandes influências, pelo contrário, é um espaço vivo, atingido pelo clima, modificado pelas agruras, amado por seus habitantes, mas muitas vezes abandonado, o que afeta consideravelmente a identidade de seus moradores.

É o que podemos notar na obra *Os retirantes* (1879), do escritor carioca José do Patrocínio. Esse romance conta a história de nordestinos que saíram de suas terras fugindo da morte e do sofrimento causado pela seca que castigou suas terras. Ambientada em 1887, encena o contexto real em que foi escrita, quando uma das mais terríveis tragédias climáticas atingiu o semiárido brasileiro.

Desde o início da narrativa os moradores de uma pequena cidade no interior do Ceará sofrem com a ausência de chuvas que já estava se estendendo por meses. Fervorosos, recorrem às preces em busca de provisões ante o caos que os assolava:

A diferença era de fato enorme. Desde dezembro uma tristeza, densa como um nevoeiro, tinha empanado os espíritos ao verem a florescência dos cajueiros desperdiçada aos calores crus do estio. Nem um suor de tempestade embaciou a atmosfera, sempre de limpidez cristalina. Começou desta data a devoção solene, mas foi inteiramente vão o apelo para o céu diante da misantropia da natureza. Os dias secos e ardentes continuaram a devastar o gado, as plantações e as pastagens, ao passo que os rios e os açudes empobreciam como fidalgos. Também as preces, em vez de levantar os ânimos, copiaram a desolação da terra e tornava-se ceva mística do desalento. (PATROCÍNIO, 1973, p. 6).

A obra tematiza a seca como um problema social que castiga todos de forma indiscriminada. Isso é demonstrado quando a família Queiroz, “pessoas mais graduadas” (PATROCÍNIO, 1973, p. 26) da região, também abandona sua casa como verdadeiros fugitivos e se juntam a multidão que se desloca para o litoral. Nessa trajetória, todos enfrentam as mesmas

adversidades. Perdem sua identidade, pois agora passam a ser apenas nominados como flagelados, sua origem privilegiada não apresenta nenhuma serventia ou relevância.

Semelhante ao que aconteceu em 1887 no Ceará, em *Os retirantes* (1879), os moradores também foram enviados aos campos de concentração ou abarracamentos, como no contexto real, na obra essa também era uma medida do governo para “abrigar” os flagelados da seca no interior cearense, conquanto no lugar de acolhimento encontravam verdadeiros currais humanos em péssimas condições de acomodação, o excerto da obra descreve:

Para acomodar essa enorme quantidade de homens, não havia senão um pequeno número de abarracamentos, e estes, já antes do imenso acréscimo de população, estavam completamente cheios. Todos os vãos aproveitáveis em diversos edifícios foram logo convertidos em hospedarias, mas ainda assim nem a décima parte da aluvião pôde ser alojada. Mais de nove partes ficaram ao relento, tendo por único teto a copa meio desfolhada das árvores das praças. (PATROCÍNIO, 1973, p. 185-186).

Apesar desse cenário desesperador em diversos momentos da obra podemos notar que a esperança se faz presente entre os moradores que vivem a cobrar uma providência divina para o fim da temporada amarga em que vivem, mesmo sem notarem qualquer sinal de chuva. A estiagem funciona como a premissa de todos os males que atinge esse povo. É responsável por todas as desgraças eminentes e a presença constante da morte em torno daquela gente, vitimada pelas doenças, pela fome. É ela quem decide os destinos.

A paisagem do Nordeste na obra de José do Patrocínio é inspirada e projetada a partir das experiências reais que o autor vivenciou enquanto jornalista, quando convocado para cobrir os desoladores efeitos da seca na província cearense no ano de 1978. Assim sendo, procurou reproduzir em sua ficção as desgraças testemunhadas, bem como a paisagem sem vida, castigada e o solo ingrato com seus moradores. Essas mazelas constituem toda a conjuntura do romance.

Semelhantemente, a obra, *A fome* (1890), do cearense e escritor naturalista Rodolfo Teófilo, também figura a triste realidade da falta de chuva no interior cearense. Dessa vez, mostrando não somente um cenário devastado pela seca, mas também pela fome e por doenças. Considerado como um “Dom Quixote cearense” (NETO, 1999), pelo renomado escritor e estudioso, Lira Neto, Teófilo tem sua literatura dedicada quase que em totalidade à temática do sertão, inclusive abordando importantes contextos que marcaram a memória regional do Nordeste, como as grandes secas de 1887.

A fome (1890), conta as histórias da vida sertaneja, principalmente do interior do Ceará, durante o contexto dos anos de 1877 a 1879, quando a primeira grande seca junto à epidemia de varíola dizimaram boa parte da população dos lugares atingidos. Protagonizada por Manuel de Freitas e o seu conflito em abandonar suas terras e posses por causa das pestes

que devastam a região, o romance tematiza a migração, o êxodo e escracha as situações de descasos e abandonos dos poderes públicos com os flagelados. A narração nos conta que:

As vítimas da seca sofriam atrozmente, quando uma nova época veio abrir mais uma página no livro de seus infortúnios. A população advéncia da Fortaleza se elevava a cento e quarenta mil almas!

[...]

Foi em dias de agosto, desse mês fatal para os supersticiosos que se ouviu o primeiro grito de alarma. A varíola viera do sul, pela estrada que liga Aracati à Fortaleza. Deu-se o ataque. Caíram feridos ao primeiro encontro, às dezenas, depois, às centenas, depois aos milhares; enfim, onde estava um organismo não preservado pela vacina, chegava a peste. (TEÓFILO, 1979, p. 155-156).

Torna-se importante ressaltar que o triste contexto no qual se desenrola a história, foi testemunhado de forma visceral por Rodolfo Teófilo. Sendo um empenhado farmacêutico, acompanhou de perto a onda de mortes que aconteceu durante esse período. Foi também um dos grandes responsáveis em levar a vacina contra varíola para as terras longínquas dos interiores cearenses. As cenas narradas em sua ficção são alheias a eufemismos e por vezes retratam as maiores atrocidades que envolveram as mazelas do sertão:

Apodrecia ali um cadáver de um homem, cujo rosto já estava medonho pela decomposição. A pele cianótica se estilhava na putrefação, que fazia a cara disforme em uma amálgama de pus e vermes, caía sobre a boca, já sem lábios, e não cobria mais os dentes alvos e sãos. Os olhos arregalados a saltar das órbitas, num olhar de morto, sem luz e consciência, pareciam fitar-se no fazendeiro. O cadáver estava vestido de camisa e calça de algodão. O hábito, entretanto, na altura do ventre estava rasgado, e rasgado também estava o abdômen pelo cão, a cevar-se nos intestinos e vísceras do morto. (TEÓFILO, 1979, p. 30).

A escolha por uma linguagem crua, além de tendência do momento literário em que se encaixa, era também oriunda das próprias ideologias políticas e sociais do autor. Para ele os cruéis efeitos da seca eram frutos da displicência do governo e, em alguma medida, resultados da própria ação do homem.

O Nordeste de Teófilo é retratado a partir da denúncia, da linguagem naturalista sem polidez, que evidencia os duros resultados da seca. No lugar das belas cores do sertão tão apreciadas por Alencar e Távora, surge a paisagem de morte, de dor, miséria e sofrimento. O vaqueiro não é um guerreiro que enfrenta com sua coragem os mais terríveis temores, mas um sobrevivente que tenta resistir às duras agruras impostas pela terra e pela vida.

Os Sertões (1906), de Euclides da Cunha é a obra tomada como marco na produção literária nacional, pois problematiza a questão da identidade nacional. Muitos críticos acreditam que foi a partir dessa publicação que se inicia a verdadeira busca por uma brasilidade autêntica, reconhecendo nossos costumes e tradições não mais sob os parâmetros europeus. É ela também

que principia as discussões sobre a relação entre o homem e o meio e as influências que este exerce na construção da identidade, formação do caráter e da “raça” brasileira.

A obra apresenta uma estrutura delimitada, sendo dividida em três partes: A Terra, O Homem e A Luta. A primeira aborda possíveis explicações científicas, baseadas no conhecimento mais recente da época, para tratar sobre a região do sertão e o fenômeno das secas; a segunda parte explana sobre a gênese do jagunço, para isso se baseia “na ideia do condicionamento do meio e da herança” (MOÍSES, 2012, p. 400). Como exemplo, ele usa a figura de Antônio Conselheiro e do seu bando de fanáticos; na terceira e última parte, o autor explana sobre os confrontos entre as tropas federais e os jagunços.

A obra também se qualifica como essencial por expor enunciados e imagens que levam a repensar sobre a questão da nação e, principalmente, sobre os diferentes discursos regionalistas que ainda circulavam entre os debates da época. Nela também podemos encontrar superada a dicotomia entre o homem do sul, sobretudo o paulista, em confronto com o homem rural, neste caso, o sertanejo. A oposição entre o litoral e o sertão é outro par de opostos também presente na explanação euclidiana, característica que se transformou em um arquetípico, bem como influenciou muitas outras obras de arte.

Por se tratar de uma narrativa fruto das reportagens escritas por Euclides da Cunha para *O Estado de São Paulo*, por muito tempo discutiu-se sobre a verdadeira natureza do gênero em que essa obra se insere, por isso Bosi (2017, p. 330) alerta que

é preciso ler esse livro singular sem a obsessão de enquadrá-lo em um determinado gênero literário, o que implicaria em prejuízo paralisante. Ao contrário, a abertura a mais de uma perspectiva é o modo próprio de enfrentá-lo.

Assim sendo, a obra traz com riqueza importantes discussões abordando geografia humana, história, sociologia, cultura, e, por meio da tessitura euclidiana, esse diálogo entre diversas áreas acontece com maestria. Ao discutir sobre tais assertivas, Antônio Candido (2006, p. 160) declara:

Livro posto entre a literatura e a sociologia humana, *Os Sertões* assinalam um fim e um começo: o fim do imperialismo literário, o começo da análise científica aplicada aos aspectos importantes da sociedade brasileira (no caso, as contradições contidas na diferença de cultura entre as regiões litorâneas e o interior).

As referências científicas presentes na obra não destituem seu caráter literário, principalmente por descrever de forma poética e apaixonada os segredos e a essencialidade das paisagens sertanejas, como podemos observar no trecho a seguir:

De repente, uma variante trágica.
Aproxima-se a seca.
O sertanejo adivinha-a e prefixa-a graças ao ritmo singular com que se desencadeia o flagelo.

Entretanto não foge logo, abandonando a terra a pouco e pouco invadida pelo limbo candente que irradia o Ceará.

[...] o nosso sertanejo faz exceção à regra. A seca não o apavora. É um complemento à sua vida tormentosa, emoldurando-a em cenários tremendos. Enfrentando-a, estoico. Apesar das dolorosas tradições que conhece através de um sem-número de terríveis episódios, alimenta a todo o transe esperanças de uma resistência possível. (CUNHA, 2012, p. 130).

Diante disso, podemos perceber que a paisagem é narrada, assim como o sofrimento causado pela estiagem. Euclides explana a coragem do homem simples do sertão, bem como dá azo aos sentimentos do sertanejo ante as tragédias climáticas. Sem desqualificar, culpar ou emitir julgamentos de valor, ele acentua a resistência, fruto do forte apego que o povo sente por sua terra.

Ao trazer elementos que se tornam verdadeiros arquétipos do sertão, o Nordeste retratado por Euclides da Cunha em sua obra é muito mais que um espaço substancial ou recorte espacial, é um lugar de saudades, de afetos, de uma identidade nacional velada, porém límpida e sem contornos de estrangeirismos. É um território carregado de cultura, em que sua gente tem uma origem, uma história e valores singulares.

Foi durante o Modernismo brasileiro, que essa temática aparece de forma veemente, ainda sob o contorno do engajamento dos autores, a seca e os flagelados nordestinos continuaram a protagonizar as obras nacionais, como veremos no tópico seguinte.

3.3 A prosa regionalista de 30: o enfrentamento das secas

A década de 1930 contempla um dos mais significativos momentos literários perscrutados no nosso país, quando ideias políticas e estéticas travam uma luta de forças e consolidam os frutos semeados na Semana de 22. É nesse período que vemos emergir um regionalismo combativo de denúncia e engajamento na literatura brasileira, que confrontava o idealismo e o ufanismo tão comuns durante o romantismo, bem como foi responsável por fazer ruir a visão naturalista, em sua descrição minuciosa do meio e dos tipos, arraigada ao exótico e pitoresco. Antônio Candido (2006, p. 132) acentua:

Nos dois decênios de 1920 e 1930, assistimos o admirável esforço de construir uma literatura universalmente válida (pela sua participação nos problemas gerais do momento, pela nossa crescente integração nestes problemas) por meio de uma intransigente fidelidade ao local.

O regionalismo modernista supera a ideia naturalista de conceber o país como um conjunto de paisagens sem unidades. Nesse momento, resgata os elementos mais significativos de cada lugar para remodelá-los e os agregar à nova imagem do Brasil, dessa vez longe dos

reflexos europeus, mas cheia de sentidos brasileiros que evidenciavam o “real” do país. É o que Mário de Andrade denominou, em *O Movimento Modernista* (1942), de “apagamento dos regionalismos pela descentralização da inteligência”, porquanto o Modernismo formulou-se com o objetivo de libertação, tanto dos parâmetros europeus nas artes de uma forma geral, quanto na liberdade de estilos.

O romance aparece, durante a década de 30, como um dos gêneros preferidos da produção literária. Como afirma Luís Bueno (2006, p. 19), “afinal, os anos 30 são a época do romance social, de cunho neonaturalista, preocupado em representar, quase sem intermediação, aspectos da sociedade brasileira na forma de narrativas que beiram a reportagem ou o estudo sociológico”. Na grande maioria das vezes, essas narrativas importavam-se em retratar a realidade sócio-política que atingia profundamente o homem nordestino, vítima do descaso dos governos e das tragédias climáticas. Também traziam à tona as incoerências e dilemas da sociedade brasileira ante o processo de modernização do país, pois, apesar do progresso iminente, continuavam a refletir valores arcaicos e rurais, portanto era uma literatura fortemente engajada.

A geração de 30 marca um período de grande notoriedade para a prosa regionalista, principalmente no que se refere à ficção nordestina. O grupo de autores que fizeram parte desse ambiente literário foram responsáveis por colocar o Nordeste em evidência no cenário nacional do século XX. Essas narrativas são marcadas por um íntimo olhar sobre as problemáticas denunciadas e retratadas em cada obra. Tal fato pode ser explicado pelas próprias experiências dos autores ao vivenciarem a região nordestina em algum momento de suas vidas ou serem oriundos dela. Desse modo, o drama testemunhado era encenado de forma incisiva. Conforme aponta Scoville (2011, p. 93):

O contexto histórico de produção de cada obra de ficção que aborda o tema das secas afeta as perspectivas que são figuradas. O próprio conhecimento dos autores sobre o assunto depende, em boa medida, do estágio de conhecimento técnico e científico alcançado, além, é claro, de suas experiências pessoais.

Nessa perspectiva, as obras com temáticas voltadas para o social traziam inscritas em si muitas visões do ideário brasileiro, perscrutado por seus autores. A grande maioria destes escritores tinha como principal ensejo denunciar os problemas testemunhados em suas experiências na região do semiárido brasileiro.

Dentre as muitas obras pertencentes a esse período, destacam-se as composições de José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado. A maioria dessas abordagens traz a região nordestina massacrada pela seca. Nessas narrativas, a estiagem está para além de uma tragédia climática baseada na falta de chuva, mas

configura-se como uma problemática social que, ao incidir sobre uma região, altera sua estrutura social a ponto de promover o deslocamento de seus moradores ou reestruturar o lugar que os recebe. É o que podemos notar claramente na obra *A Bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida, que encena essa realidade.

Influenciado por Euclides da Cunha e Gilberto Freyre, Almeida aborda a dicotomia entre o litoral e o interior de forma incisiva em sua ficção, transfigurada na oposição entre o brejo e o sertão que configura o principal dilema do enredo. Considerada por muitos críticos como o marco da prosa social nordestina, “quando o Modernismo começava a olhar no Nordeste uma coloração original” (BOSI, 2017, p. 422), *A Bagaceira* (1928) conta a história da família de Valentim Pereira que, fugindo da seca, abandona o sertão rumo à região dos engenhos em busca de acolhimento.

O ciclo dramático da seca se manifesta de maneira interessante nessa obra, pois transpõe as fronteiras espaciais e temporárias da estiagem. Na narrativa, a seca não está presente somente como um fenômeno climático, mas como causa. Ela é responsável pelo deslocamento de retirantes para outra região que, a partir da sua chegada, se modifica. Desse modo, a paisagem árida acompanha toda a trajetória dos personagens em seu êxodo: “expulsos do seu paraíso por espadas de fogo, iam ao acaso, em descaminhos, no arrastão dos maus fados [...] fugiam do sol e o sol guia-vos nesse forçado nomadismo” (ALMEIDA, 1989, p. 32). A seca, sempre onipresente, aparece ora ou outra como lembranças dos personagens, ou como explicação para o deslocamento forçado.

A obra de Almeida expressa uma transição entre duas estéticas: a naturalista e a modernista. Além de inaugurar uma tendência trazendo o drama da seca como a principal temática, também destaca os tipos do sertão: o jagunço, o retirante, o brejeiro e a brutalidade dos senhores de engenho, retratando a antiga oligarquia. A maneira como o autor constrói seus personagens demonstra em muito as afinidades que possuía com as ideologias freyreanas e euclidianas. Isso podemos notar a partir dos traços que compõem o sertanejo, isto é, quase sempre delineado como um tipo racial elevado por causa de suas origens sem a influência do sangue afrodescendente. Tais características não se repetem no brejeiro, este por sua vez, geralmente é descrito como um indivíduo rude e embrutecido por suas origens: “a negralhada das senzalas, do recrutamento arbitrário, as escórias da mestiçagem, com sua balbúrdia de pigmentos” (ALMEIDA, 1989, p. 29), ou seja, é um homem de ausências, não tem sensibilidades, tampouco apego à sua terra.

Quanto a essa característica Luís Bueno (2006, p. 105) acentua que não se trata de uma escolha aleatória do autor, é “uma das maneiras de José Américo de Almeida conferir um pouco mais de peso aos personagens dessa extração social e diferenciá-los uns dos outros, o que se concretiza no livro pela rivalidade entre os sertanejos e os brejeiros”. Embora seja classificado como romance, alguns críticos atribuem a essa composição um caráter ensaístico, principalmente por causa das declarações do autor no prefácio, quando se refere às motivações que o levaram a escrevê-la: desejava chamar a atenção “do brasileiro de regiões mais civilizadas para problemas graves que ainda não eram de conhecimento geral” (ALMEIDA, 1989, p. 6), ou seja, tornar conhecidas todas as problemáticas da região Nordeste.

Desse modo, José Américo de Almeida representa o Nordeste como um lugar cheio de significados culturais, tradicionais, histórico e memorialístico. Passível de modernização e promissor em representar a verdadeira civilidade brasileira, porém habitado pelo nordestino pobre, que imprime a identidade da região, ou seja, sempre um lugar constituído a partir da miséria.

Essa mesma temática se repete em *O Quinze* (1930), da autora Rachel de Queiroz. Ambientado no ano de 1915, a seca, nesta narrativa, é concebida como o tema principal, é a causa do esvaziamento do sertão e da migração dos personagens para capital do Ceará, que inclusive é o lugar em que se passa a maior parte da história. Percebemos nessa obra o homem do sertão idealizado, existindo a partir do mito do sertanejo. Há uma aversão ao urbano e aos frutos que o capitalismo vinha deixando na sociedade, por outro lado, mostra a valentia do nordestino e o seu apego à terra. Terras estas tratadas com apreço, cuidado e afeito, embora castigada pela falta de chuva.

Semelhante a obra *A fome* (1890), de Rodolfo Teófilo, a decadência climática atinge todas as famílias, sem distinção: fazendeiros, capatazes, professores, todos são afligidos pela estiagem. Seus personagens são mulheres e homens destemidos que confrontam e resistem a todo tipo de adversidade, independente da classe social a qual pertençam. Em cada um há o desejo de viver, de permanecer e não ser tragado pelas mazelas que os rondam. Buscam todos os meios para enfrentarem os maus vindouros, principalmente a fé:

DEPOIS de se benzer e de beijar duas vezes a medalhinha de São José, dona Inácia concluiu:

- “Dignai-vos ouvir nossas súplicas, ó castíssimo esposo da Virgem Maria, e alcançai o que rogamos. Amém.”

Vendo a avó sair do quarto do santuário, Conceição, que fazia as tranças sentada numa rede ao canto da sala, interpelou-a:

- E nem chove, hein, Mãe Nácia? Já chegou o fim do mês... Nem por você fazer tanta novena...

Dona Inácia levantou para o telhado os olhos confiantes:

- Tenho fé em São José que ainda chove! Tem-se visto inverno começar até em abril. (QUEIROZ, 2012, p. 12).

A seca é o único obstáculo existente entre o homem e a realização a partir do seu lugar de pertencimento, pois é a fatalidade que desorganiza toda a estrutura daquela sociedade, acometendo tanto o rural, com o abandono do campo, quanto o urbano que recebe, de forma desapropriada, os retirantes sobreviventes.

Rachel busca encontrar em sua ficção o homem natural e, em certos aspectos, selvagem, sem amarras ou códigos. Sua visão era avessa à artificialidade do mundo, pois, para ela, a mudança social deveria acontecer em torno de recuperar o homem da modernização. Portanto, o Nordeste concebido a partir da obra de Rachel é um lugar maculado pelo urbano e pelos poderes políticos. É um espaço de tradição, perfeito para seus moradores se não fosse marcado por um clima que dilacera a terra e sua gente, que aos poucos “viam sumir-se, no nevoeiro dourado da noite, passando a galope, como um fantasma, por entre o vulto sombrio dos serrotes” (QUEIROZ, 2012, p. 191).

O tipo nordestino de Queiroz é cheio de fé, de esperança nos dias vindouros, carregando sempre consigo o desejo do retorno ao seu lugar de afeição. Personificado na professora Conceição, percebemos também o sonho de uma sociedade mais justa, humanizada, sem os contornos do capitalismo que tanto escamoteava os valores daquela gente.

Outro autor que se destaca em nossa literatura ao retratar o cotidiano da gente nordestina é José Lins do Rego. Conforme pontua Massaud Moíses (2012), seu mundo ficcional é inspirado mais em sua memória individual que em sua fantasia. Tem como característica de sua escritura profundas reminiscências da infância e adolescência vividas no Nordeste. José Lins do Rego registra em suas obras os quadros sociais que estruturaram a sociedade da qual fez parte. Seus personagens parecem projetar a intensa vida da gente nordestina. A maioria de suas obras é narrada por uma única voz, que nos mostra a realidade da sociedade tradicional canavieira em seu processo de decadência.

Dentre todo o arsenal de sua produção literária, *Fogo morto* (1943) se destaca, segundo a grande crítica, como sua obra-prima. De acordo com Massaud Moíses (2012, p. 523): “José Lins do Rego alcançou o equilíbrio das obras-primas em *Fogo Morto*. Conjunção feliz entre a matéria das lembranças infantis no engenho natal e a criatividade livre, eis a explicação do fato”.

Essa obra se distingue de suas outras composições principalmente quanto ao foco narrativo, pois, enquanto a grande maioria de seus enredos é narrada a partir de uma única voz, nessas temos uma polifonia representando as múltiplas visões sobre os problemas enfrentados

pelos protagonistas. A narrativa gira em torno de três personagens: José Amaro, mestre artesão; Lula de Holanda, senhor de engenho e o capitão Vitorino Carneiro da Cunha. “São expressões maduras dos conflitos humanos de um Nordeste decadente” (BOSI, 2017, p. 426).

Lins do Rego recria em sua obra um Nordeste filho da tradição, cheio de afetividade, como um lugar existente a partir da saudade, do enraizamento, em que seus moradores, mesmo longe, desejam voltar, pertencer e de lá não sair. A vida idílica da sociedade açucareira é perscrutada pelos homens que ali habitam, mas que, concomitante, parecem viver em uma realidade secundária, preexistente a partir das lembranças, da imaginação. Como se a memória fosse um subterfúgio capaz de inverter os mundos: ruindo a realidade do presente sufocante e a ilusão de um conforto particular na fantasia, como uma estratégia de negação ao verem seu mundo desfalecendo.

Os personagens são a própria expressão do elo existente entre o homem do Nordeste e sua interdependência. Essas subjetividades tão evidentes em cada um, parecem traçar as essencialidades de uma “identidade nordestina”. Mesmo que o interior dos seus personagens não seja problematizado, é a alma do homem que interessa, descrita de maneira orgânica.

O Nordeste de Lins é o dos coronéis admirados por seu povo, sujeitos de vozes vigorosas aclamados por todos “que olhavam para suas posses com arrogância de donos” (REGO, 2012, p. 25), bem como é o lugar também habitado pelos homens pobres submissos a poderes maiores. Porém, feliz com seu destino, se sentem, “abençoados por Deus por não morrerem de fome, tendo o sol, a lua, o rio, a chuva e as estrelas como brinquedos que não quebravam” (REGO, 2012, p. 34), pois, apesar de miseráveis, acham-se seguros nas mãos de seus senhores. A região é marcada por uma paisagem de morte sempre presente, dilacerando famílias inteiras e animais. Um Nordeste narrado pelo engenho e seus senhores; apesar de sofrida, é uma terra feliz, a do brejo, oásis para os sertanejos fugitivos da seca. Diferente do que acontece na escritura de Graciliano Ramos.

Graciliano Ramos se destacou como um dos principais autores da prosa nordestina de 30. Assim como seus contemporâneos, elegia os temas sociais como as principais temáticas das suas obras, entretanto se diferenciava dos demais ao ressaltar outros aspectos da região. O Nordeste de Graciliano é inscrito a partir da paisagem sofrida e do nordestino explorado pelas relações desiguais de poder, diferentemente dos engenhos decadentes de José Lins do Rego.

Ele traz como elemento inovador em sua obra a preocupação com a linguagem. Albuquerque Júnior (2012, p. 256) aponta que Graciliano “falará de um Nordeste que se cria na e pela reversão da linguagem, da textualidade e da visão tradicionalista”, porquanto é por

meio da linguagem que ele conduz o caminho da criação e reinvenção da cultura e mostra como ela possui a força necessária para remodelar a sociedade, seja com imposições de verdades ou introduzindo novas formas de ver e conceber as relações e os outros. Logo, as palavras ou a ausência delas carregam profundos significados quanto às posições de poder na obra de Graciliano.

Em *Vidas Secas* (1938), percebemos o silenciamento do homem sertanejo, vestido de miséria, de pobreza e destituído de palavras, expressando-se apenas com “uma linguagem cantada, monossilábica e gutural [...] admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas ele sabia que eram inúteis e talvez perigosas” (RAMOS, 2001, p. 9). Fabiano não é desprovido de sabedoria, conhecimento, entretanto a submissão a qual carrega é responsável por essa escassez de palavras e o conduz à alienação social.

Vidas secas (1938) nos leva ao âmago da miséria do sertão nordestino, mostrando o homem telúrico, dependente da terra. Solo este que é cruel, áspero e hostil com os seus. A narrativa mostra a trajetória de uma família de retirantes e seus animais de estimação em sua sofrida saga, enfrentando os males da seca em busca do mínimo para sobreviverem.

Graciliano constrói sua ficção em torno da denúncia, da crítica, fugindo ao padrão documental, até então predominante entre os escritores regionalistas contemporâneos de sua época. Ele mostra o homem nordestino castigado pela própria terra que deveria lhe prover o sustento, porém o rejeita. Bosi (2017, p. 429) menciona que “o roteiro do autor de *Vidas Secas*, norteou-se por um coerente sentimento de rejeição que adviria do contato do homem com a natureza ou com o próximo”. A paisagem, nessa obra, não é descrita em minúcias, pelo contrário parece somente servir de referência para contrastar com a realidade hostil da vida do pobre vaqueiro Fabiano e de sua família.

Os nordestinos de Graciliano lutam contra a paisagem inóspita. O lugar é simulado pelos próprios personagens, pobres de tudo, abandonados e desprovidos de assistências básicas, estão aquém dos lugares de privilégio, embora os conheçam por meio da vida dos outros que os rodeiam. Portanto, não encontramos em *Vidas Secas* uma visão romântica da vida no sertão, pelo contrário, vemos a decadência de um lugar onde seus moradores são objetificados por si mesmos e por seus dilemas. Rejeitados pela própria terra e por seus próximos.

Uma abordagem diferente sobre o Nordeste brasileiro encontramos em Jorge Amado, cujas narrativas surgem ligadas à questão da identidade nacional e cultural do povo brasileiro. O autor baiano, em suas primeiras obras, procurou evidenciar as raças basilares para

a formação do nosso povo, sobretudo as raízes afrodescendentes. Seus romances enfatizam o cotidiano popular, pois

sendo um revolucionário, como se autodefinia, sente-se um representante legítimo do povo e, sem problema nenhum, fala em seu nome. Identifica-se com ele e nem questiona muito a legitimidade de sua adesão aos valores populares” (BUENO, 2001, p. 21).

Isso pode explicar a diversidade da galeria de personagens de suas principais obras: desde pescadores e marinheiros até marginais e prostitutas. O autor abordou em suas obras a “língua do povo”, acreditando que essa era uma forma apropriada de expressar a verdadeira essência dos brasileiros.

Massaud Moíses (2012, p. 538) declara que “a ficção de Jorge Amado percorre duas fases, mais ou menos autônomas”. Podemos encontrar, em uma de suas obras pertencentes a primeira dessas fases, uma literatura mais engajada que as demais. *Cacau*, escrita por volta de 1933, é um exemplo claro de seu engajamento político. Essa narrativa denuncia as injustiças sociais vividas pelos nordestinos baianos, configurando-se em um “romance proletário” (BOSI, 2017, p. 435).

O Nordeste construído por Jorge Amado, na referida obra, não aborda a seca como problemática, em seu lugar, traz à baila o Nordeste lírico, cheio de cultura, lugar do negro pobre e belo, da disputa por terras e poder. A paisagem, na maioria das vezes, é ambientada no estado da Bahia, terra retratada a partir de suas raízes populares, belezas naturais, misticismos, carnaval, porém dividida pelo poder, onde os ricos continuam determinando os futuros dos mais pobres. Jorge Amado trouxe como inovação, em sua ficção regionalista, o nordestino negro, baiano, desvalido e sedutor, marginalizado e malandro. Isto é, um Nordeste reverso do país branco e burguês, moldado em reflexos europeus.

Portanto, a literatura que marca a geração de 30 figura um Nordeste pensado na região, nos costumes e tradições que marcam esse lugar. Seja a zona canavieira ou a do cacau, entre brejo ou sertão, o espaço escolhido é esboçado de maneira original. Mesmo existindo a partir do drama da seca, o Nordeste, presente na prosa dos primeiros decênios do século XX, se origina a partir da saudade, das lembranças, de imagens e enunciados. Os tipos dos personagens não são construídos de forma aleatória, mas nas essencialidades do típico homem nordestino, expressando seus valores, sentimentos e visão de mundo.

Com exceção das obras de Jorge Amado, as demais supracitadas (dentre muitas outras), quando tomadas em conjunto, demonstram como um aspecto climático – de consequências sociais, culturais e políticas – tem força suficiente para caracterizar uma região, tal qual aconteceu com o Nordeste e a tragédia da seca. Podemos observar como construiu-se

uma robusta bibliografia em torno da região nordestina e de seus moradores. Apesar de não mais em voga, essas marcas ainda continuaram presentes na literatura brasileira, em momentos mais contemporâneos, como veremos a seguir.

3.4 O Neorregionalismo na Literatura brasileira contemporânea: um novo Nordeste?

Certamente a posição de destaque que a prosa regionalista nordestina ocupou parece ter se escamoteado à medida que outras tendências literárias foram surgindo. Entretanto, ela não foi extinta em totalidade mesmo diante da grande valorização da ficção urbana predominante nos últimos anos. Um novo regionalismo tem se desenvolvido, desta vez sob a ótica do contemporâneo, o *Neorregionalismo*. Essa nova estética se diferencia sobremaneira do regionalismo que apareceu timidamente durante o Romantismo e do regionalismo modernista, pois enquanto no primeiro predomina aspectos localistas em uma perspectiva naturalista, no regionalismo que se desenvolveu durante o Modernismo há abordagens voltadas para às tensões sociais presentes no cenário brasileiro e narrativas que dão enfoque à pobreza e o atraso dos homens e mulheres pertencente ao contexto rural.

O Neorregionalismo configura-se em outra perspectiva, dessa vez dando destaque à figura feminina e trazendo o espaço como um elemento fundamental da narrativa. De acordo com Herasmo Brito (2020, p. 141):

As principais características deste Neorregionalismo [...] são: a presença da autonomia das personagens femininas, a problematização do espaço nos enredos, apresentando atuações significativas como espaço-personagem, espaço-conflito e espaço lembrança, e a predominância do cunho memorialista na escrita.

Nesse sentido destaca-se, pois, as diferenças fundamentais existentes entre as primeiras tendências regionalistas e o novo regionalismo. Primeiramente no que se refere a notoriedade dada às personagens femininas que antes ou recebiam papéis secundários ou de coadjuvantes dentro dos enredos. Agora são protagonistas, heroínas ou vilãs na literatura regionalista contemporânea. Protagonismo que também é entregue ao espaço.

Tanto durante o Romantismo quanto no Modernismos, as obras de estética regionalista apresentavam o espaço quase como um elemento inerte ou cenográfico na conjuntura do enredo, configuração que muda completamente no Neorregionalismo, pois este elege o espaço muitas vezes como personagem principal, que pode interferir diretamente na história, influenciando, inclusive, no destino dos demais personagens. Pode ser ainda concebido como causa dos principais conflitos ou apresentar-se como espaço de nostalgia e rememoração. Tal como explica Brito (2020),

Tendência forte esta da Literatura Contemporânea consolidada a partir dos anos 60 do século XX e que perpetua até hoje através de autores como Assis Brasil, Raimundo Carrero, Ronaldo Correia de Brito, Francisco Dantas, Maria Valéria Rezende, Milton Hatoum, entre outros.

Muitos desses autores contemporâneos negam a influencia regionalista sobre suas composições, pois acreditam que categorizar suas obras dentro dessa estética seria reduzi-las a uma tendência de menor envergadura literária. Esse pensamento deve-se a uma problemática de longas datas. De acordo com Antônio Candido (2000), apesar do regionalismo revelar grandes nomes da literatura brasileira que marcaram uma época e se perpetuaram para gerações vindouras, muitas obras de qualidade duvidosa foram desenvolvidas sob a classificação de regionalistas, principalmente aquelas produzidas durante o Romantismo. Por esse motivo:

Essa estética acabou por produzir equivalentes não relacionáveis que provocam em autores contemporâneos certa ojeriza ao serem cortejados como escritores regionalistas, desenvolvendo, até na sua escrita, o incômodo, e, comprometendo um pouco a questão da verossimilhança pela má colocação de um posicionamento forçado no enredo (BRITO, 2020, p. 142)

Porém apesar da negação de alguns autores, há obras que notoriamente evidenciam aspectos regionalistas em seus enredos o que faz com que essa tendência continue viva, ainda que tímida na contemporaneidade. Dentre essas composições podemos destacar ainda: *Os desvalidos* (1993), do autor Francisco José Costa Dantas; *Essa terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997); *Pelo fundo da agulha* (2006), trilogia de Antônio Torres e mais recente *Torto Arado* (2018), de Itamar Viera Júnior e a já citada *Vasto mundo* (2001), de

Os desvalidos (1993), de Francisco José Dantas, retrata o cotidiano do sertão nordestino durante os finais do século XIX e início do Estado Novo. É por meio da vida dos personagens que ficamos a conhecer os interstícios do sertão quando de sua decadência ante o processo de modernização nunca consolidado na região, bem como as consequências do capitalismo que continuava a impor seus poderes na sociedade.

Dantas compõe sua galeria de personagens com personalidades históricas que tiveram importante participação no cenário regionalista do Nordeste brasileiro, dessa maneira encontraremos Virgulino Ferreira, o Lampião, “estranho rei corrido e engendrado pela penúria de seu próprio povo” (DANTAS, 2012, p. 150), e os fiéis fanáticos que formavam o seu bando. Vale ressaltar que a narrativa não se fixa somente em torno do homem do cangaço, sendo a presença da mulher nesse mundo de confrontos entre poderes uma característica marcante nesse enredo.

Coriolano, narrador-personagem, é quem nos conta as histórias desse povo, suas aventuras, desassossegos, medos e afetos. Ele é a voz que problematiza, denuncia e nos revela a realidade destes que vivem às margens do poder. Como esclarece Marta Morais da Costa (1994, p. 26): “em Coriolano se integram perspectivas políticas, sociais e humanas que o narrador transfere às demais personagens, imantando-as de complexidade”. Sendo assim, além de narrar os confrontos, aventuras e andanças de Lampião e seus seguidores, Coriolano também esquadrinha a identidade desses homens e mulheres para além de sua bravura, de suas armaduras de couro e algodão, de seu banditismo. O também cangaceiro escracha o interior de cada um; como uma voz onisciente, nos faz conhecer suas angústias, desejos e os mais profundos sentimentos.

Tal qual o título da obra, o Nordeste desenhado na ficção de Francisco José Dantas é o Nordeste dos desvalidos, da luta entre poderes. O autor escolhe as margens para denunciar os males do coronelismo que tanto afligiu a região nordestina por duras épocas. Dantas escolhe mostrar o lado político dessa guerra entre o governo e o cangaço, mas ao mesmo tempo não suplanta a humanidade desses indivíduos. Ele desvela o outro lado da vida nas margens, os sentimentos e esperanças presentes nesses homens e mulheres que sonhavam com “um mundo diferente, sem cerca e sem traição, sem cancela e sem persiga” (DANTAS, 2012, p. 186), mas que, por triste destino, entregaram-se ao banditismo para afirmar seu lugar no mundo diante de outras oportunidades que lhes foram negadas.

A trilogia de Antônio Torres, *Essa terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006), afasta-se em seus aspectos fundamentais da obra de Francisco José Dantas. Torres inova em composições literárias abordando dois contextos, o rural e o urbano, explorando, principalmente, a temática da migração. Neste caso, a experiência de retorno do nordestino para sua terra após vivenciar o sudeste.

Essa terra (1976), livro que inicia a trilogia, conta a triste história de Totonhim e sua família, oriundos do sertão baiano. A narrativa se constrói por meio de lembranças e da rememoração dos personagens sobre o trágico evento envolvendo a morte de Nelo, irmão mais velho de Totonhim que comete suicídio ao retornar para casa após uma temporada de 20 anos no Sudeste do país. Nelo perde-se de si mesmo ao não encontrar mais um lugar para pertencer, pois tanto frustra-se a partir de sua experiência na cidade grande, quanto ao voltar para casa e não encontrar a mesma vila que conservou em suas lembranças.

Por ser um romance de migração, revela a complexidade que envolve o processo de deslocamento vivenciado por grande parte da população nordestina. A obra não traz a seca

como causa, mas elege a pobreza da região como o principal fator que leva os indivíduos a deixarem suas terras e partirem rumo às grandes capitais em busca de uma nova vida.

A obra mostra as consequências dos processos migratórios, dando enfoque, sobretudo, às péssimas condições às quais se submetiam os retirantes nordestinos no contexto urbano das capitais sulistas ou do sudeste. A narrativa também problematiza a relação entre o homem e o meio, porém, dessa vez, com uma acentuada rejeição pela terra. Isso se manifesta nos títulos que nomeiam as três partes em que a obra se divide, quais sejam: “Essa terra me chama”; “Essa terra me enxota”, “Essa terra me enlouquece”, que sintetizam o destino dos personagens.

Assim sendo, o Nordeste de Torres, em sua obra, é uma terra ingrata que não acolhe os seus, pelo contrário, os obriga a abandoná-la. Não apenas dilacera seus destinos, conforto, mas deteriora tudo o que resta ao homem do sertão, inclusive sua sanidade. A crítica se estende não apenas ao solo nordestino, mas ao solo brasileiro, dilema que se estende para as outras duas obras que compõem a trilogia.

Na produção literária do presente século, também encontraremos temáticas regionalistas, no que se refere ao Nordeste brasileiro. Em *Torto arado* (2018) temos uma narrativa que escracha alguns males herdados da escravidão e que infelizmente ainda sobrevivem em nossa sociedade. Itamar Vieira constrói um enredo original e rico permeado de lirismo e magia, que consegue envolver o leitor do início ao fim.

Ambientada no sertão baiano, a trama é protagonizada por uma família negra e pobre, principalmente pelas duas irmãs, Bibiana e Belonísia que, movidas pela curiosidade pueril descobrem e reviram uma velha mala da avó e dali retiram uma faca de marfim que por um simples movimento acaba por provocar um acidente que muda para sempre a vida delas.

Itamar Vieira em sua prosa melódica constrói seu Nordeste de tensões sociais, étnicas e revela problemáticas veladas ao mesmo tempo em que traz a figura feminina para o centro do enredo lhes entregando protagonismo, identidade e força. Por meio de um enredo comovente somos levados ao Nordeste também do negro, de sua cultura, de sua beleza e religião. Sendo história que mostra fins e recomeços seus acontecimentos se desdobram em meio a uma paisagem morte, mas também de vida. Assim como outras obras neorregionalistas, os personagens não vitimizados e tampouco reduzidos ao sofrimento do meio ou das circunstâncias, pelo contrário, Vieira em sua prosa, traz dignidade, humanidade e resistência em sua narrativa e seus personagens, que apesar do triste passado de escravidão, sobrevivem e não se subordinam às modalidades de opressão sejam elas quais forem.

Semelhantemente é o que também pode ser encontrado em *Vasto Mundo* (2001), de Maria Valéria Rezende, objeto desta pesquisa. Detentora de uma escrita original, Rezende estreou na literatura em 2001, aos 59 anos, com a publicação de seu primeiro livro, *Vasto Mundo*, e desde então tem construído sua carreira no cenário literário brasileiro, produzindo obras de diferentes gêneros. Seus enredos, geralmente são marcados de consciência crítica e política. Isso se deve, em alguns aspectos, às suas próprias vivências. Rezende é freira missionária católica e feminista declarada, inclusive é a idealizadora do movimento *Mulheril nas Letras*, no Brasil. Além de ter sido educadora popular por muitos anos, chegando a viver no sertão nordestino durante esse período. Considerando essas características, é possível encontrarmos em suas obras diversas marcas de seu engajamento político, social, ideológico e sua visão de mundo.

Em *Vasto mundo* (2001), nos deparamos da pequena vila Farinhada, situada nas entranhas do sertão paraibano. O singelo lugar ainda vive debaixo de um coronelismo velado, agora sob a figura de um deputado estadual, Assis Tenório, fazendeiro rico da região que, junto de seus aliados políticos, vive afligindo os moradores pobres que dependem de alguns pedaços de terra para o plantio. Conquanto, as falcatruas dos políticos não passam despercebida pelos moradores, principalmente, pelo impetuoso padre alemão que assumiu a igreja do vilarejo:

A vila sentia-se grata e amava padre Franz, com exceção dos correligionários de Assis Tenório, em cuja cabeça a carapuça se enfiava fundo cada vez que o padre lançava maldições bíblicas contra os latifundiários que deixavam o povo sem-terra morrendo à míngua. (REZENDE, 2015, p. 23).

Apesar da nacionalidade europeia, o padre é considerado como “patrimônio perpétuo de Farinhada, pois já havia deixado em seu testamento o desejo de “ser enterrado no cemitério velho, no cocuruto da Serra do Pilão”. (REZENDE, 2015, p. 21). O apego do sacerdote às terras nordestinas é manifestado de outras maneiras do decorrer da história.

Para além do padre Franz, cada personagem parece ter sua origem ligada ao próprio surgimento da vila e fazer parte, de forma indispensável de sua paisagem, A título de exemplo, podemos citar o menino Preá, que presta pequenos serviços à comunidade e é conhecido por todos: “Preá...outro nome não tem. [...] Para a maioria do povo de Farinhada, hoje, parece que ele esteve sempre aqui, que sempre foi assim, uma coisa da vila como a igreja, a ponte sobre o riacho, os bancos de cimento da pracinha”.

Embora a obra conte com dezenas de personagens, é o chão que assume a narração e nos mostra sua generosidade ao abrigar os diversos tipos de pessoas. Farinhada é habitada por indivíduos de todas as índoles, desde ladrões, matadores de aluguel, moças sonhadoras, prostitutas etc. Porém, sem emitir julgamentos de valor ou estabelecer sentenças para os feitos

dos seus “filhos”, o chão nos conta a vida de cada um que por ali passa ou se enraíza, revela suas andanças, desnuda cada pensamento, sentimentos, bondades e pecados da sua gente, assume que “não os posso fazer como os quisera, sempre formosos, felizes, generosos e livres, mas como mãe os crio, tais quais me vieram, acolho-os. Sou seu chão” (REZENDE, 2015, p. 13). Esse sentimento de maternidade permeia toda a obra. Embora o solo da região sofra com a falta de chuva, é vital e frutífero, prover o suficiente para cada morador, famílias inteiras ou agregados, independentemente de suas mais perversas artimanhas para sobreviver, mas se preocupa quando da partida dos “seus” para outros lugares, em um trecho da narrativa, o solo confessa:

cheio de perigo é o mundo para além daquela curva da estrada no meio do canavial e tremo quando os vejo partir, para quais arapucas, meu Deus?, ou voltar, a contar história de outros chãos, saudosos, estropiados, ricos, loucos, pobres como Jó, mais que antes pobres. Aflijo-me quando sinto seus passos pensos pelo peso da mala [...]. Mais pesadas, quando voltam é a carga invisível que trazem por dentro, das perdas e culpas que deixaram sabe Deus onde. (REZENDE, 2015, p. 83)

Essas preocupações do solo matriz se manifestam nas experiências de muitos farinhenses em outros lugares, principalmente nas grandes cidades, como o exemplo de Zefinha: “Zefinha Lima detestou o Rio de Janeiro como haveria de detestá-lo por mais de vinte anos. [...] Não tinha mesmo jeito. Como tantos outros, tinham de deixar o Sítio, a Paraíba, buscar socorro no Rio de Janeiro.” (REZENDE, 2015, p. 85). Assim como outros personagens, a mulher deixa Farinhada, mas encontra na cidade grande uma vida de pobreza e, sobretudo, sem felicidade, pois em farinhada “Era uma vida dura, mas era uma vida.” (REZENDE, 2015, p. 85). Essa relação entre os farinhenses e a terra, permeia toda a obra.

Rezende constrói um Nordeste contemporâneo com mazelas ainda não superadas, como o descaso dos poderes políticos, entretanto não estigmatiza a região, não é a pobreza a definidora da identidade do pequeno lugar, mas a cultura, a linguagem, a tradição. Embora ainda utilize tipos típicos da prosa regionalista nordestina, como cangaceiros, jagunços, vaqueiros, coronéis, não se prende aos elementos do século passado, protagonizando sua ficção com mulheres progressistas que promovem revoluções na pequena cidade, prostitutas heroínas, homens que perdem sua virilidade, subvertendo o estereótipo de “cabra-macho”, predominante no ideário nordestino, dentre outros, como veremos de forma mais abrangente na análise desse trabalho.

Diante do exposto, pudemos perceber as diversas figurações do Nordeste brasileiro e dos nordestinos na literatura nacional em diferentes momentos. Assim como foi possível observar como as narrativas de ficção foram responsáveis por tornar conhecida tanto algumas peculiaridades da região quanto do modo de viver da gente nordestina.

O que notamos de semelhante nas obras voltadas para os temas regionalistas, sobretudo, as que abordam o Nordeste como temática, é a intrínseca relação entre o nordestino e a sua terra. Tal característica pode ser explicada pela trajetória de deslocamento experimentada pelo povo do sertão, que condicionado a ação do meio, dependia da chuva para resolver seus destinos. Essas discontinuidades interferiam em seus sentimentos pelos lugares que passava.

Como discutimos até aqui, o Nordeste que nasce da seca e de outros dilemas políticos e culturais, também nasce da saudade e da perda do homem oriundo da terra nordestina. Conquanto a principal relação que motiva o nordestino em busca do seu lugar no mundo e afirmação identitária é o relacionamento entre ele e o seu lugar de origem. Quanto aos sentimentos de pertencimento e outros fenômenos espaciais vivenciados pelos homens em suas experiências, recorreremos aos pressupostos da Geografia Humanista Cultural, de base fenomenológica, que serão apresentados no capítulo em sequência.

4. “*SOU SEU CHÃO*”: o vasto mundo neorregionalista de Maria Valéria Rezende sob a ótica da Geografia Humanista Cultural

*Ai quem me dera se eu morresse lá na serra
Abraçado à minha terra, e dormindo de uma vez
(Canção “Luar do sertão” – Luiz Gonzaga)*

A ideia construída acerca do Nordeste e de sua gente nasce a partir de sua institucionalização histórica e sociológica, bem como por meio dos discursos intensificadores impregnados de estigmas. No entanto, para além disso, a própria trajetória desse povo é marcada por eventos que fortaleceram a imagem supliciada do homem do sertão e contribuíram para uma identidade e espacialidade atravessadas por ausências, trânsito e resistência, principalmente por causa das problemáticas de outrora em que, sendo dependentes da terra, vivenciavam o conflito existente entre a necessidade de sobreviver, a paisagem de morte que o cercava, o amor ao seu lugar de origem e a resistência em abandoná-lo. Todos esses fatores imbricaram-se aos processos identitários do nordestino, assim como em sua relação com o espaço, entranhada de ambiguidades.

Esses acontecimentos marcaram a literatura produzida no Brasil, como explanado nos capítulos anteriores, porém a contemporaneidade continua a trazer esses temas nas produções literárias agora sob a ótica de um novo regionalismo que leva em consideração a participação do espaço como personagem atuante na narrativa, bem como em sua relação com os demais personagens da obra.

Neste capítulo abordaremos a análise de *Vasto mundo* (2001), de Maria Valéria Rezende, a fim de observarmos as marcas de um novo regionalismo em sua escritura, assim como a relação dos seus personagens com o espaço. Para tanto, iniciaremos uma discussão acerca das categorias do *espaço e lugar* a partir dos pressupostos da Geografia Humanista Cultural, de viés fenomenológico para posteriormente investigarmos esses elementos na literatura de Maria Valéria Rezende.

4.1 O homem enraizado: categorias do espaço e lugar a partir da Geografia Humanista cultural

A relação do homem com o espaço se manifesta desde o seu nascimento quando explora o mundo a partir do corpo da mãe e mais tarde pelo seu próprio corpo assim que desenvolve algumas habilidades e autonomias. Esse ensejo inerente aos indivíduos de conquistar novos lugares e desbravar o desconhecido expressa sobremaneira o elo profundo e existencial entre os homens e o seu meio circundante, pois é por intermédio de suas experiências com o espaço que busca realizar-se em sua condição terrestre. Entretanto, apesar de carregar em si a vontade de descortinar o mundo e expandir-se como sinônimo de sua liberdade, ele busca um recôndito seguro, fixo, que não seja apenas um local de condições favoráveis para habitar, mas um núcleo de valores significativos encravados de diversos afetos, onde, mesmo distante fisicamente, é para lá que suas lembranças afetuosas são direcionadas, sempre desejosas ao retorno, porquanto é o seu lugar de pertença.

Sendo o espaço geográfico palco e construto dessa relação existencial, é na paisagem que ela se manifesta, conforme aponta Eric Dardel (2015, p. 31):

A paisagem se unifica em torno de uma tonalidade afetiva dominante, perfeitamente válida ainda que refratária a toda redução puramente científica. Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua *geograficidade* original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização.

Quando Dardel (2015) reflete acerca da dimensão espacial da existência, ele enfatiza a ligação entre o homem e a terra e suas experiências no espaço geográfico vivido. Na perspectiva do geógrafo, tal vinculação transcende o materialismo e se configura como uma relação existencial em que ambos são indissociáveis. A essa interdependência Dardel (2015, p. 2) deu o nome de *geograficidade*: “Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma *geograficidade* (*geographicité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino”. Esse elo de pertencimento é permeado de significados heterogêneos, afetos, experiências e se concretiza no mundo vivido. Nesse sentido, é a própria

terra quem revela ao homem sua condição e seu destino, ela o acolhe, apresenta-se habitável e cultivável a ele e, de maneira concomitante, o homem estabelece a terra como utilizável, se realizando a partir de sua experiência terrestre. Para Dardel (2015, p. 8), é a própria humanidade que torna a realidade geográfica possível, conquanto, adverte:

Há ainda algo aqui, uma extensão a atravessar ou a evitar, a areia que fustiga, as fornalhas naturais, o vento que uiva. Uma resistência ou um ataque da Terra. Mesmo o silêncio ou a desolação, é também uma realidade do espaço geográfico, uma realidade que oprime, uma realidade que exclui.

Esse espaço material não é, de forma alguma, uma “coisa” indiferente, fechado sobre ele mesmo, de que se dispõe ou que se pode descartar. É sempre uma matéria que acolhe ou ameaça a liberdade humana.

Essas assertivas evidenciam como o espaço geográfico não está inerte ou alheio em sua relação com os homens, pelo contrário, é uma realidade material e circundante na espacialização humana que pode interferir em suas atividades, destinos e experiências, inclusive pode mostrar-se como não habitável. Por outro lado, as “fronteiras” são estabelecidas a partir dos próprios desígnios dos indivíduos que geralmente elencam como “barreiras” e percalços aquilo que ameaça sua liberdade:

Uma cadeia de montanhas ou um deserto podem ser considerados como fronteiras de qualquer outra consideração propriamente utilitarista. [...] a fronteira só se opõe, como fronteira, de uma liberdade humana que a afronta ou que se sente protegida, que a franqueia ou a respeita (DARDEL, 2015, p. 8-9).

De forma semelhante a natureza também exerce “poder” sobre as ações humanas, por exemplo, a partir das limitações impostas pelas forças naturais da terra que marcam a passividade e dependência do homem em relação ao meio, Dardel (2015, p. 9) chama atenção para esse fato:

É importante não se acreditar no erro de que a espacialização geográfica se produz somente em virtude de um comportamento ativo. É o caso onde o homem é *agenciado* pelo ambiente geográfico: ele sofre a influência do clima, do relevo, do meio vegetal. Ele é montanhês na montanha, nômade na estepe, terrestre ou marinho. A natureza geográfica o lança sobre si mesmo, dá forma a seus hábitos, suas ideias, às vezes a seus aspectos somáticos. Ocorre que a floresta “esmaga” o homem, que a floresta virgem o “asfixia”, que a landa o inclina à melancolia. Ocasionalmente o homem encontra essa passividade.

Esses aspectos da natureza que aparentam hostilidade e se manifestam de forma concreta podem implicar em limitações espaciais, pois reduzem a liberdade humana e, de certo modo, afetam seu destino, pois os sentimentos humanos se misturam às suas experiências no mundo vivido e fazem parte de sua realidade geográfica. Dardel (2015, p. 34) explica:

A realidade geográfica, é para o homem, então, o lugar onde ele está, os lugares de sua infância, o ambiente que atrai sua presença. [...] A realidade geográfica exige, às vezes duramente o trabalho e o sofrimento dos homens. Ela o restringe e o aprisiona, ata à “gleba”, horizonte estreito imposto pela vida ou pela sociedade a seus gestos e pensamentos. A cor, o modelado, os odores do solo, o arranjo vegetal se mistura com as lembranças, com todos estados afetivos, com ideias, mesmo com aquelas que acreditamos serem as mais independentes.

Tal confluência de sentimentos se acentua quando a realidade geográfica do homem é marcada por difíceis condições que às vezes podem contribuir para o afastamento e deslocamento dos indivíduos em busca de outros ambientes mais favoráveis, em diversos sentidos, porém os afetos continuam vivos, podendo ser evocados a qualquer momento seja a partir da paisagem, lembranças ou nostalgia.

Apesar dos ocasionais transtornos, homem e terra continuam ligados visceralmente, pois “entre o Homem e a Terra permanece e continua uma espécie de cumplicidade no ser” (DARDEL, 2015, p. 6). Essa relação fundamental ou *geograficidade* se exterioriza no habitat, nos lugares em que foram e são cultivados as lembranças e significados, aqueles em que até mesmo os elementos presentes na paisagem evocam ares afetivos seja de saudade – quando os momentos vivenciados foram permeados de experiências positivas – ou de desencantamento, se foram experimentados eventos traumáticos e más experiências. Assim sendo, um mesmo lugar pode, a partir das vivências, representar liberdade ou opressão para diferentes indivíduos.

Na perspectiva dardeliana, o elo existencial também se manifesta na necessidade de o homem estabelecer direções ou suprimir distâncias tomando o seu próprio corpo como referencial. As noções de “perto” ou “longe” não são, necessariamente, elaboradas quantitativamente ou em termos longitudinais com padrões exatos, mas consideradas a partir da qualidade da trajetória, isto é, se, para chegar ao ponto de alcance, caminhos facilitados ou tortuosos foram percorridos. De forma semelhante Tuan (2013, p. 13) esclarece:

O espaço é experienciado quando há lugar para se mover. Ainda mais, mudando de um lugar para o outro, a pessoa adquire um sentido de direção. Para frente, para trás e para os lados são diferenciados pela experiência, isto é, conhecidos subconscientemente do ato de movimentar-se. O espaço assume uma organização coordenada rudimentar centrada no eu, que se move e se direciona.

Desse modo, movimentar-se no espaço é também a afirmação da liberdade humana, por isso as referências estabelecidas pelos homens funcionam para além das necessidades práticas de direção e localização, estão ligadas à sua situação, bem como aos seus valores e experiências no espaço geográfico. No entanto, Dardel (2015, p. 13) adverte:

Mas não é somente sobre o solo que pisa que o homem pode perder ou encontrar a sua direção, que avalia as distâncias. Nós falamos de “via fácil, rude, direta” ou “tortuosa”, da “via do prazer” ou “do sacrifício”, das “etapas da vida”, [...]. Todas essas expressões parecem responder bem uma espacialização que saltou do espaço para o corpo [...] para onde se dirigem nossos pensamentos, nossos desejos, nossa vontade. [...] Espaço onde se desenvolve a existência, porque ela é, em essência, extensão, porque ela procura um horizonte, direções, existências que dela se aproximam, porque a vida lhe oferece percursos a seguir, fáceis ou acidentados, seguros ou incertos.

Semelhantemente, Tuan (2013, p. 56) aponta:

Temos apontado que certas divisões e valores espaciais devem sua existência e significado ao corpo humano, e também que a distância – um termo espacial – está intimamente ligada a termos que expressam relações interpessoais. Poderíamos perguntar, por exemplo, como o espaço e a experiência de espaciosidade estão relacionados com o sentido humano de competência e liberdade.

Nesse sentido, os movimentos interiores dos homens estão imbricados em sua relação com o espaço, pois as direções e distâncias que estabelecem podem ter significações materiais ou subjetivas e permanecem relacionadas à essência do mundo vivido. Por meio das experiências no mundo contínuo, o espaço atribuído de valores afetivos deixa de ser indiferenciado, transformando-se em um núcleo essencial de profundo significado e, ao ser fixado pelos homens, marca a sua existência, passando a ser o seu ponto de apoio e segurança, ou seja, transforma-se em *lugar*:

A “situação” de um homem supõe um “espaço” onde ele “se move”; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o *lugar* de sua existência. “Perder a localização”, é se ver desprovido do seu “lugar”, rebaixado de sua posição “eminente”, de suas “relações”, se encontrar, sem direções, reduzido à impotência e a imobilidade (DARDEL, 2015, p. 14).

Nesse intuito, *espaço* e *lugar*, embora indissociáveis, não apresentam o mesmo sentido, isto é, *lugar* é onde o homem se sente pertencente e, ainda que não presente fisicamente, percebe-se a ele ligado por meio de reminiscências afetivas, de uma etapa da vida ou de uma vida inteira. É o meio essencial em que sua existência transcende. Enquanto o *espaço* permite liberdade, mobilidade, *lugar* inspira permanência, pertencimento. Conforme explica Tuan (2013, p. 6):

“Espaço” é mais abstrato do que “lugar”. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. [...] As ideias de “espaço” e “lugar” não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplidão, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar.

Espaço sugere futuro, devir, movimento. Uma aventura ao desconhecido, sem parâmetros, *lugar* inspira proteção, aconchego e segurança. Os homens precisam de ambos, pois vivem em constante busca por aventuras ao mesmo tempo em que desejam repouso. Porquanto é durante esse desbravar de caminhos incertos que o espaço pode se tornar lugar. Dardel (2015) e Tuan (2013) esclarecem que essa transformação de *espaço* em *lugar* não acontece de forma aleatória, as experiências são fundamentais nesse processo. Geralmente, os lugares de maior intimidade e vivências são eleitos como centro de nossa existência e o depósito de sentimentos diversos, tornam-se aqueles a quem recorremos para encontrar segurança e/ou abrigo.

Ao refletir sobre os valores da intimidade do espaço, Bachelard (2008, p. 200) aponta: “todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa. [...] quando o ser encontrou o menor abrigo: veremos a imaginação construir ‘paredes’ com sombras impalpáveis, reconfortar-se com ilusões de proteção [...]”. Portanto, os lugares da infância, a cidade em que nasce, cresce ou se estabelece por escolha e afeição são os que aproximam o homem e lhe dão a sensação de lar, pois “é pelo hábitat [...] que o homem exterioriza sua relação fundamental com a Terra” (DARDEL, 2015, p. 35).

Por outro ponto de vista, a relação do homem com o espaço é permeada por ambiguidades. Tuan (2013, p. 61) afirma que, sendo o espaço símbolo de liberdade, nem sempre essa associação tem uma conotação positiva, pois pode exprimir desorientação e vulnerabilidade:

Do lado negativo, espaço e liberdade são uma ameaça. [...] Ser aberto e livre é estar exposto e vulnerável. O espaço aberto não tem caminhos trilhados nem sinalização. Não tem padrões estabelecidos que revelem algo, é como uma folha em branco na qual se pode exprimir qualquer significado. O espaço fechado e humanizado é lugar. Comparado com o espaço, o lugar é o centro calmo de valores estabelecidos.

Essa dialética que move os homens permeia sua existência, pois desejam refúgio, segurança, proteção na mesma medida em que são movidos pelo desejo de aventuras na amplidão do espaço.

Os significados atribuídos ao *lugar* são construídos ao longo do tempo em que o homem o experiencia e atribui valores afetivos. Diversos são os fatores que levam a esse reconhecimento, como exemplo, a intimidade com o espaço vivido; a identificação com a paisagem; com o modo de vida e com as pessoas ou como afirma Holzer (1999, p. 70): “o conteúdo dos lugares é o mesmo conteúdo do ‘mundo’: ambos são produzidos pela consciência humana e por sua relação intersubjetiva com as coisas e os outros [...]”.

Nessa perspectiva, o espaço também é transformado a partir das experiências do homem consigo mesmo e com o outro e, conforme esclarece Tuan (2013, p. 39), o homem “organiza o espaço a fim de conformá-lo às suas necessidades biológicas e relações sociais”, porém a mesma presença humana que pode por vezes trazer conforto e aconchego, também pode despertar a sensação de restrição e privação. Aos sentimentos originados dessa experiência Tuan (2013, p. 59) denominou *espaciosidade* e *apinhamento*. Nessa perspectiva, *espaciosidade* está diretamente ligada à sensação de liberdade e ao ato de locomover-se em lugares físicos espaçosos, assim como relaciona-se também com as experiências pela presença ou ausência de pessoas e ainda com a solidão (TUAN, 2013).

Já *apinhamento* é entendido como o oposto da *espaciosidade*, isto é, a sensação de mal-estar, de “saber-se observado” (TUAN, 2013, p. 72) e, sobretudo, sentir-se privado. Tuan (2013) explica que ambos os sentimentos não estão restritos somente às experiências com os elementos materiais – quando estes, ao se fazerem presentes no meio ambiente, geram satisfação, amplitude ou restrições –, mas podem ser despertados dentro dos grupos sociais por meio das relações interpessoais ou em atividades do cotidiano humano. O teórico define *apinhamento* da seguinte forma:

O que é apinhamento? Podemos dizer que uma floresta está apinhada de árvores e um quarto está apinhado de bugigangas. Mas são basicamente as pessoas que nos apinham; elas, mais do que as coisas, podem restringir e nos privar de espaço. [...] A solidão é uma condição para adquirir a sensação de imensidade. A sós, nossos pensamentos vagam livremente no espaço. Na presença de outros, os pensamentos recuam devido ao fato de que outras pessoas projetam seus próprios mundos na mesma área. [...] a companhia de seres humanos – mesmo de uma única pessoa – produz uma diminuição do espaço e ameaça a liberdade (TUAN, 2013, p. 67-68).

Ainda que os homens sejam seres sociais e dispostos à companhia dos seus semelhantes, a solidão também pode ser vista como uma experiência de *espaciosidade* ao contribuir para a expansão do “eu” humano. Inclusive, Bachelard (2008, p. 203) comenta sobre a relação dos homens com seus espaços de solidão:

E todos os espaços de nossas solidões passadas, os espaços em que sofremos a solidão, desfrutamos a solidão, desejamos a solidão, comprometemos a solidão, são em nós indelévels. E é o ser precisamente que não quer apagá-los. Ele sabe por instinto que os espaços de sua solidão são constitutivos.

De forma semelhante Tuan (2003, p. 67) explica:

A solidão é uma condição para adquirir a sensação de imensidade. A sós, nossos pensamentos vagam livremente no espaço. Na presença de outros, os pensamentos

recuam devido ao fato de que outras pessoas projetam seus próprios mundos na mesma área.

Por isso, assim como a solidão pode significar uma experiência de expansão e de *espaciosidade*, a presença do outro pode inferir restrição espacial e sensação de mal-estar, ou seja, *apinhamento*. Contudo, não se pode desvalorizar a importância da presença do próximo na vida do homem, posto que “as pessoas nos restringem, mas também podem ampliar nosso mundo. O coração e a mente se expandem na presença daqueles que admiramos e amamos” (TUAN, 2013, p. 72), evidenciando assim como os indivíduos carregam consigo o poder natural de interferir nos espaços e mundos uns dos outros, seja de forma positiva ou negativa.

Tuan (2012, p. 107) ainda chama atenção para os laços topofílicos que podem permear a relação do homem com o meio ambiente. Em suas predicções:

A palavra “topofilia” é um neologismo, último quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida.

Desse modo, o sentimento topofílico traduz o pertencimento, expressando não apenas o apego ao lugar, mas a dependência. Tuan exemplifica tal circunstância quando cita o homem do campo. O autor explica que a relação do agricultor com a terra está para além do habitat, pois ela não representa apenas seu lugar de afeição e construção de lembranças, mas é também o meio pelo qual ele retira sua sobrevivência, por isso a terra para esses homens remete a vários significados e atributos. Torna-se importante ressaltar que laços topofílicos também podem aparecer a partir da vivência coletiva de um grupo em um mesmo lugar.

Nesse sentido, é também a partir da relação com o outro que o espaço pode se tornar lugar, porquanto “lugar é qualquer localidade que tem significado para uma pessoa ou grupo de pessoas” (TUAN, 2012, p. 5), ou como afirma Relph (2014, p. 22):

Como indivíduos e membros de comunidades, nos conectamos com o mundo por meio de lugares que geralmente possuem nomes ou identidade específica. [...] Um lugar reúne ou aglutina qualidades, experiências e significados em nossa experiência imediata, e o nome se refere a um lugar de uma reunião específica e única.

Assim sendo, o lugar pode ser um núcleo físico, uma relação de apego com determinada localidade. Contudo, esses laços são estabelecidos por meio da intimidade vivenciada quando transforma os espaços indiferenciados em lugares com significado, valores

e identidade. Por outro ponto de vista, Relph (2014) adverte que, quando esse elo é superficial, a capacidade de reunião se torna insuficiente. Em suas palavras: “Sempre que a capacidade do lugar de promover a reunião é fraca ou inexistente temos não-lugares ou lugares-sem-lugaridade. Essas ideias são importantes porque permitem entender lugar pela ausência., quanto pela presença”.

Aos lugares em que há enraizamento ou pertencimento, Relph (2014, p. 24, grifos do autor) irá denominar como *Lar*. Para ele: “*Lar*: é onde as raízes são mais profundas e mais fortes, onde se conhece e se é conhecido pelos outros, o onde se pertence. A ausência de lar pode nos levar à saudade”. O autor adverte que nem sempre lar está relacionado às origens ou ao lugar em que nascemos e/ou vivenciamos a infância, mas refere-se a qualquer outro lugar em que raízes profundas foram estabelecidas por meio da experiência. Semelhantemente às assertivas de Dardel (2015, p. 41-42):

Há, no lugar de onde a consciência se eleva para ficar de pé, frente aos seres e aos acontecimentos, qualquer coisa de mais primitivo que o “lar”, o país natal, o ponto de ligação, isto é, para os homens e os povos, o lugar onde eles dormem, a casa, a cabana, a tenda, a aldeia. Habitar uma terra, isso é em primeiro lugar se confiar pelo sono àquilo que está, por assim dizer, abaixo de nós: base onde se aconchega nossa subjetividade.

Para muitos indivíduos o apego à terra natal, à pátria ou aos seus lugares de ligação é a base de sua existência, local onde permanece seu aconchego e ponto de afeto, ainda que deslocamentos perpassem suas trajetórias continuam visceralmente unidos. Mesmo que alguns não tragam em si profundas afeições pelo lugar de seu nascimento, perpetuam em seus ensejos a vontade de possuir um lar, isto é, um lugar de “repouso” e segurança, pois o homem necessita identificar-se e pertencer a algo, não apenas em termos culturais, mas existenciais. O filósofo Roger Scruton, citado por Stuart Hall (1986, p. 156), declara que:

A condição de homem exige que o indivíduo, embora existe e aja como ser autônomo, faça isso somente porque ele pode primeiramente identificar a si mesmo como algo mais amplo – como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de algum arranjo, ao qual ele pode até não dar um nome, mas que ele reconhece instintivamente como seu lar.

Tais assertivas clarificam como as relações identitárias, sejam em termos culturais ou individuais, estão diretamente ligadas com o sentido de lugar, pois saber-se pertencente é também sentir-se parte de um grupo. Esse estabelecimento de raízes e reconhecimento de suas origens significam uma afirmação identitária, por esse motivo, quando há rompimentos abruptos com seus lugares de afeição ou de enraizamento, os homens estão passíveis a

experimentalizar uma crise em sua identidade. Anne Buttimer (2015, p. 6) chama atenção para esse fato:

Parece que a sensação das pessoas tanto com relação à identidade cultural quanto pessoal está intimamente ligada com a identidade de lugar. A perda do lar ou a “perda do seu lugar” frequentemente podem acionar uma crise de identidade. [...] Quando os valores fundamentais associados com qualquer um destes níveis de experiência são ameaçados, então podem “explodir protestos sobre o significado de lugar”

Torna-se evidente que as questões espaciais estão para além do habitat, isto é, envolvem significações afetivas, culturais, simbólicas etc. Assim sendo, “na mesma existência, uma ruptura profunda pode quebrar a relação com a terra natal sob o efeito de um estado emocional violento” (BUTTIMER, 2015, p. 8). Essa ruptura pode configurar-se com os deslocamentos (livres ou forçados) ou com a mudança na fisionomia dos lugares. Alguns indivíduos enfrentam essa dificuldade de identificação e não conseguem se adaptar a outras regiões diferentes da sua. Tais dilemas identitários fazem com que os homens ressignifiquem o sentido de lugar.

Todas essas relações – conflituosas, de afeto ou interdependentes –, existentes entre o homem e o espaço, podem ser observadas na paisagem. De acordo com Dardel (2015), a paisagem não é contemplação, tampouco é puramente geográfica, mas é um desdobramento, um conjunto de significados. Nas concepções de Dardel (2015, p. 30): “muito mais que uma justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma ‘impressão’, que une todos os elementos. [...]”. Portanto, é na paisagem que a *geograficidade* se manifesta e por meio dela o homem se encontra, se realiza e é inserido no mundo como ser individual e coletivo.

A paisagem também pode manifestar outras construções que despertam sentimentos positivos como esperança ou sentimentos negativos como o medo. Nas predicções de Tuan (2005, p. 12), as paisagens do medo são aquelas que revelam caos e desordem:

O que são paisagens do medo? São as quase infinitas manifestações das forças do caos, naturais e humanas. Sendo as forças que produzem caos onipresentes, as tentativas humanas para controlá-las são também onipresentes. De certa forma toda construção humana – mental ou material – é um componente na paisagem do medo, porque existe para controlar o caos.

Ainda segundo Tuan (2005), o sentimento de ansiedade, aliado à falta de controle e à imaginação humana, faz com que essas construções potencializem o sentimento de medo no homem. Assim sendo, fenômenos naturais, cenários de guerra ou a possibilidade de um caos coletivo fazem com que os indivíduos percam o sentimento de segurança no lugar. A paisagem do medo atinge o ser humano e desorienta-o, mesmo em seus lugares de enraizamento.

Diante do exposto, percebemos como a relação do homem com o espaço está para além do habitat ou dos sentidos locais. Como afirma Dardel (2015), o homem sabe-se e sente-se ligado à Terra. Essa ligação com o terrestre reflete em sua identidade, atinge suas subjetividades e existência.

Na literatura brasileira, o espaço também passa a ser considerado como elemento fundamental da narrativa a partir das temáticas regionalistas, quando a região é colocada como núcleo definidor da identidade nacional, porém é na contemporaneidade – desde a literatura modernista da geração de 30 até o presente século – que o espaço assume notoriedade na conjuntura maior da obra, principalmente, como personagem atuante nos enredos. Em *Vasto mundo* (2001) percebemos como o espaço circunspeto interfere diretamente no destino dos demais personagens e como eles experienciam os espaços em que transitam e, principalmente, a vila em que moram. É o que veremos a seguir a partir da análise da obra.

4.2 A escrita neorregionalista de Maria Valéria Rezende: revelando os invisíveis

Feminista, progressista, defensora da *Teologia da Libertação*, professora e escritora, Maria Valéria Rezende assume esses e outros atributos que rompem com os estereótipos direcionados às freiras católicas. Nascida em 1942, em Santos - São Paulo, dedicou-se desde muito cedo à religião e à política. Interesses despertados, sobretudo, por causa do seu envolvimento com a Juventude Estudantil Católica. Essas vivências motivaram-na a abdicar da vida comum em sociedade e viver exclusivamente em função da religião, da caridade e da educação, assim optou em se tornar freira quando ingressou na Congregação de Nossa Senhora – Cônegas de Santo Agostinho.

Ao ser questionada sobre os motivos que a fizeram escolher o celibato, ela declara: “eu queria andar pelo mundo, então era muito mais inteligente ser freira missionária. De fato, não me decepcionei nem um pouquinho. Dei três voltas ao mundo sem pagar passagem [...]” (MORAES, 2017). Apesar de optar por um estilo de vida repleto de renúncias, Rezende não abandonou o engajamento, pelo contrário, aproveitou cada missão religiosa promovida pela Igreja Católica para unir-se aos menos favorecidos e lhes levar um pouco de dignidade por meio da fé e, sobretudo, da educação. Formada em pedagogia e sendo poliglota, em cada lugar que chegou ao redor do mundo, ajudou a alfabetizar crianças, jovens e adultos pertencentes às classes minoritárias. No Brasil participou de projetos que levavam educação para presidiários e favelados da cidade de São Paulo.

Foi durante os anos 70 que Maria Valéria imergiu em suas andanças pelo sertão nordestino brasileiro a fim de ajudar o povo que estava à mercê dos poderes públicos e padecia com a fome e a pobreza da seca. A partir dessa experiência, Rezende escolheu o Nordeste do Brasil para estabelecer sua morada. Mudou-se para a área rural de Pernambuco e posteriormente se estabeleceu em João Pessoa, onde vive até hoje.

Para Maria Valéria, “o serviço aos outros é a melhor forma de encarnar o evangelho” (MORAES, 2017). Por esse motivo, utilizou as facilidades proporcionadas pela Igreja para efetuar trabalhos sociais voltados para a educação popular. Rezende reconhece que são os frutos dessas caminhadas que servem de húmus para as suas obras: “eu respirei o mundo inteiro, e isso entrou pelos meus cinco sentidos. Há uma variedade de lembranças, sensações, impressões...e é com isso que eu construo a minha literatura, sem dúvida nenhuma” (MORAES, 2017).

Desde sua estreia na literatura em 2001, com a publicação de *Vasto Mundo*, Maria Valéria tem se dedicado a encenar em suas composições literárias o contexto brasileiro, principalmente, dos excluídos que sobrevivem nas “fronteiras” sociais, sejam elas rurais ou urbanas. Os tipos de seus personagens são inspirados na gente comum que experimenta algum tipo de segregação. Desse modo, a autora tece uma galeria de personagens diversos: professores; prostitutas; figuras religiosas; pistoleiros; moradores de rua; moças interioranas, dentre outros.

Ao trazer esses perfis para dentro de suas narrativas, Rezende entrega protagonismo, heroísmo e, principalmente, dignidade, aos indivíduos comuns e aos invisíveis da nossa sociedade. Cada personagem carrega em si algum sonho, idealismo ou esperança no porvir, sentimentos que os conduzem durante toda a obra. É o que encontramos no romance *O Voo da Guará Vermelha* (2005). Quando motivado pelo desejo de aprender a ler e escrever, o protagonista Rosálio sai em uma jornada repleta de percalços e aventuras em busca de aprendizado. Em *Quarenta dias* (2014), temos outro tipo de andança, desta vez com a personagem Alice que perambula pelas ruas de Porto Alegre à procura de um desconhecido. Em sua peregrinação, que dura por quarenta dias, fica a conhecer a realidade das ruas. Já em *Outros cantos* (2016), Maria, uma ex-professora, abandona o sertão e sai em uma viagem de ônibus sem um destino definido. Em *Vasto mundo* (2001), não encontramos um, mas inúmeros protagonistas que vivem em trânsito, principalmente, entre o meio urbano e a pequena vila nordestina em que vivem. Por causa da falta de maiores oportunidades, saem em busca de outras maneiras para sobreviver e conquistar alguma qualidade de vida, porém nem sempre

conseguem se adaptar ao novo ambiente, retornando, portanto, para o vilarejo ou padecem da saudade do seu lugar.

Diversas obras de Rezende são marcadas pela presença de uma jornada a ser percorrida pelos personagens. Geralmente esses caminhos configuram a busca por algo, alguém ou por si próprio, como uma experiência de autoconhecimento, no entanto esse deslocamento se origina no abandono da terra natal ou de seus lugares de afeto em rumo a novos lugares distantes, fato que provoca diversos sentimentos e reações em cada personagem. Por esses aspectos, as narrativas de Maria Valéria apresentam uma relação profunda dos personagens com o espaço, seja em termos de afeto, enraizamento ou repulsa. Sendo esses indivíduos, na grande maioria das vezes, andarilhos, são sempre levados de um lugar ao outro e por vezes essas experiências são negativas e frustrantes. Porquanto, esses rompimentos abruptos ou forçados causam conflitos na forma como eles passam a experienciar o espaço.

Tais elementos sugerem marcas de uma escrita que valoriza as regionalidades e coloca em evidência um povo e sua forma de viver e, tal como afirma Antônio Cândido (2000, p. 19), “[...] expressão artística, resultado da sociedade [...]”. No entanto, a literatura de Maria Valéria integra outros aspectos que não se resumem somente aos abordados no Regionalismo de 30, isto é, sua tessitura demonstra nuances neorregionalistas, principalmente no que se refere ao protagonismo do espaço, que nesta tendência não se apresenta como um elemento cenográfico ou inerte, mas como um coparticipante que atua sobre os personagens, fazendo parte de suas histórias e de seus destinos. Para Brito (2017, p. 18):

Dentro dessa questão espacial no Neorregionalismo, observamos as seguintes configurações: espaços-cidades; o espaço e o lugar como elementos de transição entre o urbano e o rural; o espaço como personagem e constituidor de identidades; e o espaço-lembrança. Essas novas moldagens sobre o espaço é mais um dos elementos de diferenciação do Regionalismo de 30 para o Neorregionalismo de hoje.

Da mesma forma, na prosa neorregionalista, destaca-se a relação dos personagens com o espaço em que habitam, espacialmente com a terra natal, assim suas subjetividades e comportamentos são atingidos face os seus deslocamentos. De acordo com Brito (2017, p. 18), o espaço nas obras pertencentes a esse novo regionalismo contemporâneo,

é aquele que não deve ser visto mais apenas como elemento de composição do cenário, pois, dentro das obras estudadas, ele atua na formação das personalidades dos personagens ao longo das narrativas. [...] observamos as seguintes configurações: espaço – cidade; o espaço como personagem e constituídos de identidades; e o espaço-lembranças.

O trânsito entre a cidade e o campo é uma das principais temáticas presentes nas narrativas neorregionalistas. Embora o contexto urbano seja preterido em relação ao rural, os

cenários interioranos continuam nos enredos, principalmente em tons memorialísticos e de saudade ou ainda como os lugares de afeto e pertencimento dos personagens. São exatamente esses elementos espacializados que constituem o enredo de *Vasto mundo* (2001). Maria Valéria, em uma linguagem muito poética e sensível, apresenta paisagens e pessoas em suas andanças ou no cotidiano pacato da pequena vila em que vivem; fatos que corroboram para uma narrativa construída sob a ótica de um novo regionalismo contemporâneo, como veremos a seguir.

4.3 O Neorregionalismo em *Vasto mundo*: o espaço como protagonista

A narrativa de *Vasto mundo* (2001) gira em torno da história de uma pequena vila nordestina e sua gente simples que sobrevive em um contexto de fraternidade e união, a não ser pelas desavenças que vez ou outra aparecem com o fazendeiro e político Assis Tenório, homem que detém forte controle sobre a maioria das terras de Farinhada. Geralmente os conflitos que surgem são enfrentados com o empenho e ajuda de todos como uma verdadeira relação comunal. Sendo o próprio chão o narrador, é ele quem revela a vida e destino de cada morador. Com dignidade e respeito o solo entrega humanidade e compaixão aos homens e mulheres telúricos completamente enraizados que vivem no pequeno vilarejo.

Dentre todas as temáticas que aparecem na obra há uma que prepondera, qual seja, o apego que os moradores têm por sua vila. Quer a deixem ou retornem para Farinhada, a vila sempre se faz presente nas escolhas e nos seus destinos. Assim sendo, essa relação é dramatizada durante toda a narrativa, fazendo com que o espaço assuma a condição de personagem não de forma simplória, mas como essencial na conjuntura maior da obra. Em *Vasto mundo* (2001) o espaço não se destina somente a ambientar a história, porém tem consciência, age e influencia determinantemente sobre os demais personagens.

Esse aspecto de valorização do espaço como um elemento fundamental na constituição identitária dos indivíduos é uma das marcas elementares das obras ficcionais com nuances regionalistas que têm se desenvolvido no presente século. Tais fatores contrastam como o Regionalismo dos finais do século XIX e início do XX, quando ocorreu uma supervalorização do pitoresco e os aspectos locais foram colocados em evidência com intuito de valorizar as especificidades das regiões, mas que resultou em um localismo de cunho mais rigorosamente regional.

Nessa perspectiva, homem e o meio eram considerados como símbolos do exótico de uma nação que ansiava pela “civilização” aos moldes eurocêntricos. Sobre esse período na

literatura brasileira, Candido (2000, p. 267) sugere: “É uma verdadeira alienação do homem dentro da literatura, uma retificação da sua substância espiritual [...] para deleite estético do homem da cidade. Não é à toa que a literatura sertaneja [...] deu lugar a pior sublitteratura de que há notícia em nossa literatura”, sobretudo por que as obras produzidas dentro dessa tendência ficaram restritas e não apresentavam uma alta qualidade estética. Bosi (2012, p. 141) acentua:

Como o escritor não pode fazer folclore puro, limita-se a projetar os próprios interesses ou frustrações na sua viagem literária à roda do campo. Do enxerto resulta sempre uma prosa híbrida onde não alcançam o ponto de fusão artístico o espelhamento da vida agreste e os modelos ideológicos e estéticos do prosador.

O Neorregionalismo, apesar de conservar em suas bases as principais características que regiam o Regionalismo de 30 – como a visão crítica dos autores e os cenários de miséria experimentado por parte considerável da população brasileira –, preenche outras lacunas deixadas pela geração de 30, sobretudo no tocante aos elementos estéticos. Se no antigo regionalismo o espaço inicia sua transição de cenário para elemento da narrativa, no novo regionalismo contemporâneo, ele assume protagonismo. É o que aponta Brito (2017, p. 23-24):

Esse espaço também se constitui como elo entre o ser interno dos personagens com a exterioridade das experiências vividas por eles, isto é, como um dos componentes da substância da formação identitária das personagens. Sendo assim, a estaticidade do espaço não é algo presente nas obras e nem se restringe apenas à materialidade geográfica ou física. Também há outras modalidades presentes como espaço-personagem, espaço memória, espaço-conflito.

Essas características se destacam sobremaneira em *Vasto mundo* (2001), a começar pela narração, pois é o próprio solo que compartilha com o leitor o cotidiano daquela comunidade e de seus moradores, assumindo a voz da narração e revelando todos os passos dos farinhenses, seus sofreres, conquistas, atrocidades, suas alegrias e sonhos, configurando-se como um verdadeiro confessor que testemunha a conduta e os sentimentos dos que por ele passam, porém sem emitir qualquer juízo de valor ou punições, apenas acolhendo-os:

*Reconheço-os pelas pisadas e por elas sei de seus humores, de seus sentimentos, de suas urgências, preguiças, de seu contentamento ou aflição. [...] Eles me criaram e agora eu os crio. Quero-os como são porque quando eles deixarem de ser, tampouco eu serei. [...] vejo tudo e não os julgo, sei apenas que são humanos e me comovem.*¹² (REZENDE, 2011, p. 13).

O espaço nessa obra não é apenas um narrador-personagem, mas apresenta-se também como espaço-conflito e de memória. Conflito por que, considerando as problemáticas

¹² O itálico é usado na narrativa nas três vozes do chão, isto é, quando não é intermediado pelo narrador onisciente como na grande maioria do texto.

de muitas cidades nordestinas afligidas pela pobreza e com poucas oportunidades, assim como muitos nordestinos brasileiros, alguns personagens da obra são obrigados a deixar sua vila rumo aos grandes centros urbanos mais desenvolvidos e com maiores possibilidades. Por tal motivo o deslocamento e o afastamento de sua terra geram dilemas no interior desses indivíduos, muitas vezes, marcando definitivamente o desfecho de suas histórias. Ao mesmo tempo, quando longe, sempre revivem seu lugar por meio da memória, da saudade e da esperança de um retorno nem sempre possível.

Semelhantemente ao chão de Farinhada, os moradores expressam sentimentos de afeto, cuidado e dependência. Apesar das andanças que marcam sua trajetória, seus caminhos sempre os trazem de volta, pois a maneira como a vila continua viva em seus pensamentos parece se configurar como parte integrante do seu próprio “eu” existencial.

A confluência entre o interior do personagem e sua identificação com o espaço aparece em muitos farinhenses, principalmente como se suas histórias e existência estivessem completamente interligadas. É o que encontramos no personagem Preá, um menino que vive na vila, mas nenhum morador sabe explicar com detalhes a sua origem. A presença do garoto está associada com a existência da própria vila:

Preá...outro nome não há. Quem poderia dizer era a velha, mas morreu sem que ninguém se lembrasse de perguntar. Para a maioria do povo de Farinhada, hoje parece que ele esteve sempre aqui, que sempre foi assim, uma coisa da vila como a igreja, a ponte sobre o riacho, os bancos de cimento da pracinha.

Semelhante circunstância ocorre com o velho padre do vilarejo, padre Franz, que, “há vinte e cinco anos vivia na vila. No vigor de seus quarenta anos, em meio a uma brilhante carreira de teólogo, deixou uma abastada e tranquila paróquia às margens do Danúbio e sua cátedra numa universidade alemã [...]. Acabou desembarcando em Farinhada para ficar” (REZENDE, 2015, p. 21). Apesar de todos saberem de sua origem europeia, ele é considerado não apenas um morador, mas um símbolo daquele lugar. Esse “posto” foi conquistado por causa do empenho religioso, político e social que o sacerdote dedicou àquele vilarejo e sua gente humilde. Para além disso, são os próprios sentimentos de amor e identificação que fazem com que o velho homem se sinta pertencente à Farinhada e fruto da vila, como os demais moradores:

Padre Franz é patrimônio perpétuo de Farinhada. Já deixou em testamento que quando morto quer ser enterrado no cemitério velho, no cocuruto da Serra do Pilão. Aliás, é só isso que consta em seu testamento [...]. A única coisa que temia era que algum dia o fizessem abandonar farinhada (REZENDE, 2015, p. 21-23).

A nacionalidade estrangeira do padre não deslegitima seu sentimento de pertencimento por aquele lugar, da mesma forma que a ausência de registros ou informações sobre a origem do menino Preá não promovem um conflito quanto a sua identidade de lugar, pelo contrário, é filho daquela terra, se reconhece como tal, assim como é reconhecido pelos outros moradores.

Desse modo, percebemos que ambos se identificam com o lugar e se percebem a partir dele. O espaço em que vivem representa mais do que uma localidade de habitação; é, pois, o seio de sua existência e parte essencial de suas histórias. Essa identificação diferenciada em relação ao espaço é a marca potencial dos enredos neorregionalistas, ou seja, quando os personagens se veem e sabem-se ligados ao meio, isto é, quando o espaço não se restringe a mera casualidade geográfica, mas como um elemento de construção de suas subjetividades. Brito (2017, p. 23) explica:

Com a identificação do espaço, os personagens conseguem se situar consigo e com o meio externo envolvido. Do contrário, acontece a perda de referencialidade e sentido na condução dos personagens diante da realidade ficcional vivenciada por eles. Diante desta situação, as personagens acabam gerando diversos conflitos internos [...].

Essas características podem ser notadas, por exemplo, no maior temor que o padre Franz carrega consigo, qual seja, abandonar a vila e seus moradores. Ao pensar sobre a possibilidade de ser expulso por qualquer que seja o motivo, o velho padre imediatamente é possuído por um sentimento de angústia, medo e impotência:

Os anos foram passando, diminuindo os cabelos da cabeça do padre, mas não sua vitalidade. [...] Vivia dizendo: “Se um dia eu ficar doente, cego, doido, velho caduco, ou seja lá o que for, pelo amor de Deus, prometam que não deixam ninguém me levar embora. Cuidem de mim como cuidam dum jumento velho”. O povo prometia, pelo amor do próprio padre Franz (REZENDE, 2015, p. 23).

As fragilidades do padre são notadas na narrativa e o seu medo de abandonar a vila é revelado. Em todos os outros momentos da obra, ele representa um ávido revolucionário que luta contra as injustiças sociais e políticas cometidas contra os moradores do vilarejo. Em seu papel de sacerdote, é um homem sábio, corajoso e complacente com os seus fiéis. Isso demonstra como as subjetividades do sacerdote entram em conflito face ao rompimento forçado. Essas circunstâncias podem evidenciar que a falta de identificação do padre com os outros lugares, inclusive com a sua terra natal, gera sentimentos de impotência, fragilidades e temores sobre o seu futuro quando não puder mais ter autonomia em suas próprias escolhas.

Outra personagem que experimentou o êxodo também irá apresentar essa falta de identificação com outros lugares. Zefinha, moradora de Farinhada mudou-se para o Rio de

Janeiro quando o marido e os filhos conseguiram um emprego melhor, porém “Zefinha Lima detestou o Rio de Janeiro como haveria de detestá-lo por mais de vinte anos [...]. Não tinha mesmo outro jeito. Como tantos outros, tinham de deixar o sítio, a Paraíba, buscar socorro no Rio de Janeiro [...]” (REZENDE, 85, p. 85), mas, após a morte do marido, deixou toda a vida construída na grande cidade e tomou coragem para voltar a Farinhada. Não conseguiu se adaptar à capital carioca no período em que lá viveu e sempre seus desejos estavam ligados ao retorno, até que um dia o fez: “voltava para o seu chão” (REZENDE, 2015, p. 86).

Assim, nota-se como a não identificação do personagem com o espaço também gera a desorientação e a perda de sentido ou os conflitos em relação ao lugar em que se está morando. No caso de Zefinha, ela reconhece as dificuldades de sua terra natal: “Era vida pobre, dura, mas ainda era uma vida” (p. 87). Percebemos que ela considera o seu lugar como um espaço vital, apesar de todas as adversidades. Mesmo que a terra estranha e distante da sua proporcione verdadeiramente melhores condições para sua sobrevivência e de sua família, a mulher sente-se alheia e não pertencente ao contexto urbano ou a qualquer outro que não seja sua vila.

Assim como Zefinha, os personagens neorregionalistas sofrem pela falta de identificação com determinados lugares. Segundo Brito (2017), esses fatores podem despertar dilemas identitários e levar à repulsa por alguns espaços habitados, configurando, deste modo, o espaço enquanto conflito na narrativa. Sobre essa dialética existente entre espaço e identidade Luís Alberto Brandão (2013, p. 31) declara:

O “espaço da identidade”, sem dúvida, é marcado não apenas por convergência de interesses, comunhão de valores e ações conjugadas, mas também por divergência, isolamento, conflito e embate. Se, como o espaço, toda identidade é relacional, pois só se define na interface da alteridade, seu principal predicado é intrinsecamente político.

Nesse sentido, o espaço enquanto conflito também coloca em questão a identidade nos seus mais diversos aspectos, inclusive quanto ao sentimento de pertencimento que pode solidificar-se ou entrar em crise. Kobena Mercer (2010) afirma que “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (MERCER *apud* HALL, 2010, p. 10). Ampliando esses conceitos para a relação do homem com os espaços e lugares, tais circunstâncias podem ser vivenciadas a partir de acontecimentos traumáticos, isto é, a identidade de lugar torna-se uma problemática quando eventos de deslocamento ou privação perpassam a história desses sujeitos. Dardel (2011, p. 34) exemplifica claramente tais afirmações:

O afastamento, o exílio, a invasão tiram o ambiente do esquecimento e o fazem aparecer sob a forma de sofrimento e de ternura. A nostalgia faz o país aparecer como ausência, sobre o pano de fundo da expatriação, de uma discordância profunda. Conflito entre o geográfico como interioridade, como passado, e do geográfico totalmente externalizado, com presente.

Assim sendo, o espaço-conflito em *Vasto mundo* (2001) se torna clarividente em toda a extensão da narrativa, não apenas pelos dilemas identitários e espaciais que se manifestam nos personagens, mas por determinar o desfecho de cada um, seus fracassos e realizações, acentuando mais uma vez as nuances neorregionalistas da obra.

Tal como o Regionalismo de 30 que suscitava temáticas sociais e políticas voltadas para os quadros sociais brasileiros (BUENO, 2012), as obras pertencentes ao novo regionalismo contemporâneo inscrevem em seu bojo e ampliam a valorização dos aspectos regionais e culturais, agora sob uma perspectiva da resistência e reforçando a crítica aos poderes autoritários. Maria Valéria se atém a esses elementos para construir em *Vasto mundo* (2001) um cenário que retrata a realidade de muitos lugares nas entranhas do Brasil, isto é, cidades, vilas, povoados que padecem sob governos corruptos e autoritários.

Em *Vasto mundo* (2001), essas características se manifestam de diferentes formas, a começar pelo personagem Assis Tenório, fazendeiro e deputado estadual que, desde que “voltou do Recife para tomar posses das terras, todo enfatuado de estudos e modernices, foi aquela desgraceira: botou quase todos para fora, só queria mandar plantar capim e criar gado” (REZENDE, 2015, p. 85). Desde a morte do pai, o homem passou a oprimir e tirar vantagens dos farinhenses sempre que surgia uma oportunidade. Uma de suas principais artimanhas consistia no poderio que exercia sobre a terra. Cobrava taxas exorbitantes da colheita dos agricultores, pois “cedia” um pedaço de suas terras para o plantio daqueles que não tinha muitas condições. Sua outra forma de extorsão estava em desapropriar os moradores de suas casas, com documentos falsos emitidos nos gabinetes do governo.

No entanto, apesar de viverem debaixo de um regime opressor, os moradores não se deixam intimidar, por vezes protagonizam revoluções, greves e reivindicações contra as injustiças cometidas por Tenório e seus jagunços. A exemplo disso, a revolução liderada por Maria Raimunda, uma moradora que estava sendo ameaçada pelo deputado para deixar sua casa sob a falsa justificativa de que as terras em que vivia não eram suas:

[...] Assis Tenório pegou aí um dinheiro do governo, telefonou de Brasília e mandou Adroaldo comprar mais uns garrotes, careceu de mais pasto e mandou dizer que [...] desocupassem a terra do Sítio Velho em oito dias. [...] Ir para onde com aquela ruma de filho pequeno (REZENDE, 2015, p. 38).

Porém, instruída por padre Franz, a mulher, o marido e mais alguns moradores vão em busca de um advogado que os orienta a lutar pela terra: “tinha lei, sim, que eles tinham direito, mas que a lei só vogava com coragem de enfrentar, resistir, ficar na terra sem correr de ameaças. Falou de reforma agrária e de lei de apropriação [...]” (REZENDE, 2015, p. 39). Ao ter conhecimento dos seus direitos, Maria Raimunda motivou outros moradores a enfrentarem o político e seus capangas, porém, ao invés de usar armas, junto a outras mulheres cantou durante dias em praça pública para reivindicar a liberdade do marido e filhos: “Mandaram calar Maria Raimunda, mas na praça de Farinhada não se podia ouvir ordem nenhuma, só a cantoria das mulheres.” (REZENDE, 2015, p. 41) e conseguiram a posse definitiva de suas terras.

Percebemos as temáticas sociais e políticas encenadas na narrativa e, diferentemente das obras de 30, nesta o povo não está alheio aos seus direitos e deveres, ou seja, são inseridos em uma realidade politizada que os faz lutar e resistir contra os seus opressores. Para além disso, percebemos o protagonismo feminismo, reverberando mais uma característica da prosa neorregionalista. Se no Regionalismo de 30 encontramos mulheres em papéis secundários ou apenas como coadjuvantes em relação aos personagens masculinos, na prosa regionalista contemporânea, as personagens femininas apresentam “grande autonomia no enfrentamento das questões sociais impostas” (BRITO, 2017, p. 17), assim como acontece no enredo de *Vasto mundo* (2001).

A luta pela terra configura-se também pelo apego dos personagens aos seus lugares de pertencimento. Desde o Regionalismo de 30, o espaço dentro das obras não é vivenciado pelos personagens de forma indiferenciada. Ainda que sua participação nos enredos acontecesse de forma coadjuvante ou algumas vezes cenográfica, foi a partir desse período que o meio e as paisagens passam a ganhar novos significados nas obras regionalistas. No caso das composições voltadas para o contexto nordestino, sabemos que a terra tem um valor imensurável para os seus moradores, pois ela representa a dialética de seus conflitos, entre permanecer e lidar com a premissa do sofrimento e da morte, causada pelas intempéries ou a não assistência dos poderes políticos, e a terrível escolha em abandoná-la, numa tentativa de sobrevivência e dias melhores. Chiapinni (1995, p. 157) esclarece a importância do espaço para os personagens regionalistas, principalmente sob a ótica do contemporâneo:

[para o personagem] o seu espaço histórico-geográfico entranhado e vivenciado pela consciência das personagens, que permite concretizar o universal. [...] Por menor que seja a região, por mais provinciana que seja a vida nela, haverá grandeza, o espaço se alargará no mundo e o tempo finito da eternidade, porque o beco se transfigurará no belo e o belo se exprimirá no beco.

Assim sendo, esse forte apego à terra, presente nos personagens neorregionalistas, não se limita à materialidade geográfica ou física, mas se assume transcendente e substancialmente existencial para os sujeitos da narrativa. Essas características são inspiradas nos próprios sentimentos do povo nordestino em relação a sua terra natal.

Pertencimento e enraizamento são algumas das principais temáticas que aparecem em obras regionalistas, desse modo, no próximo tópico analisaremos a relação dos personagens de *Vasto mundo* com a sua vila e o mundo circundante, bem como o amor à terra natal afeta seu relacionamento com o espaço.

4.4 Minha terra: ser e pertencer

Em *Vasto mundo* (2001), somos levados a Farinhada, uma pequena vila localizada nas entranhas do interior nordestino. De cotidiano pacato e convivência harmoniosa, seus moradores são pessoas comuns: agricultores, professores, donas de casa etc. Todos eles vivenciam, na maioria das vezes, uma rotina igualmente simples: aos domingos vão à igreja localizada na praça central da vila; frequentam a feira e as pequenas vendas que por ali há e dividem o que a natureza lhes prover, seja o rio ou alimentos oriundos da terra. Para além de uma relação comunal, os farinhenses são ligados por sentimentos fraternos. A tranquilidade da vila só é abalada vez ou outra pelas ações de Assis Tenório, único político da cidade, que, na tentativa de manter vivo um coronelismo latente, sempre procura uma forma de oprimir ou tirar proveito do povo mais simples e sem recursos, porém o sacerdote da vila, padre Franz, apresenta-se junto a outros personagens como uma figura que resiste e luta contra qualquer modalidade de subjugação direcionada aos farinhenses, o que ocasiona, sempre que necessário, alguma desordem ou enfrentamento ao deputado.

O chão de farinhada, supliciado pelos percalços de uma terra seca, testemunha as andanças desse povo que costumeiramente enfrenta uma vida difícil, por isso se comovem ao mesmo tempo que incube a si mesmo de mostrar-se sempre frutífero e provedor. O sustento suprido não se limita somente ao alimento ou a se apresentar como lugar habitável. O solo castigado entrega vida, compaixão e aconchego a cada morador ou andarilho. Indistintamente ele acolhe todos, os que nasceram ali ou os que escolheram o vilarejo como seu lar. Imbuído de profundo altruísmo, sem desejar ou exigir nada em troca, apenas os adota sem julgá-los. É o que ele nos confessa no seguinte trecho:

[...] tais quais me vieram, acolho-os. Sou seu chão. Vejo tudo e não os julgo, sei apenas que são homens e me comovem. Pela linguagem de seus pés, vou desenleando suas histórias uma a uma. Vivem eles mesmos, a vida toda a narrar, narrar-se, passado, presente e futuro. Meus ouvidos de terra, pedra e cal ouvem, e aprendo. Creio ter compreendido que nisto consistem os serem humanos, em poderem ser narrados, cada um deles, como uma história (REZENDE, 2011, p. 13, grifos da autora).

A decisão de não fazer julgamentos aos homens e mulheres que transitam e vivem sobre sua matéria evidencia a essência desse chão que sofre, mas não desampara sua gente, pelo contrário, os sustenta e protege. Os sentimentos de abnegação e altruísmo tão arraigados dão os contornos necessários para que o solo de Farinhada se manifeste como uma verdadeira mãe nutriz. Esses traços que permeiam a essência do chão da vila se assemelham sobremaneira às qualidades atribuídas ao verbete “Terra”, presente no *Dicionário de símbolos* (2019):

Simbolicamente, a terra opõe-se ao céu como o **princípio passivo** ao aspecto masculino da manifestação; [...]. Ela sustenta enquanto o céu cobre. Todos os seres recebem dela o seu nascimento, pois é mulher e mãe. [...] O animal fêmea tem a natureza da terra, positivamente suas virtudes são doçura e submissão, firmeza e calma duradoura. Seria necessário acrescentar a humildade, etimologicamente ligada ao húmus, na direção do qual a terra se inclina e de que foi modelado o homem. [...] A terra simboliza a **função maternal**: Tellus Mater. Dá e rouba a vida. [...] Identificada como mãe a terra é um símbolo de fecundidade e regeneração. Dá à luz a todos os seres, alimenta-os, depois recebe novamente deles o germe fecundo (CHEVALIER; CHEERBRANT, 2019, p. 878-879, grifos dos autores).

A terra associada a sentimentos maternos, fertilidade e como provedora, faz parte da cultura dos mais diversos povos pertencentes a diferentes épocas e lugares. Em uma perspectiva simbólica, filosófica, religiosa e existencialista, o homem, desde os tempos primordiais, compreende sua natureza terrestre e, de certa maneira, atribui sua origem e destino ligados à terra principalmente quando certos espaços terrestres representam seus lugares de apego e segurança, pois, conforme pontua Dardel (2011, p. 15, grifos do autor), “há uma experiência concreta e imediata onde experimentamos a intimidade material da ‘crosta terrestre’, um enraizamento, uma espécie de *fundação* da realidade geográfica”.

Os personagens em *Vasto mundo* (2001) são homens e mulheres telúricos e, em sua grande maioria, enraizados a tão ponto que viver em outros lugares distantes da vila representa para eles insatisfação, irrealização e mal-estar. Diversos são os acontecimentos que destacam a *geograficidade* dos farinhenses, isto é, a sua relação íntima e profunda com o vilarejo e tudo o que nele há. É o que podemos observar na narrativa de abertura da obra. Homônima ao livro, “Vasto mundo”, esta é protagonizada pelo jovem Preá e algumas de suas experiências de descobertas:

Preá não sabe que coisa é esta que está acontecendo dentro dele. Começou quando bateu os com os olhos na moça. Uma queimação dentro do peito, uma nuvem na vista

que esconde tudo que não seja a voz dela. [...]. Um sentimento que parece tristeza, mas não é. Pelo menos não é daquela tristeza de quando a vó morreu nem de quando o cachorro sumiu. Preá não sabe o que é. Doença também não é, que muitas vezes ele ficou doente e era coisa diferente. [,,] É diferente, diferente de tudo o que ele conhece (REZENDE, 2015, p. 16).

Com o retorno de Leninha, uma antiga moradora, Preá experimenta pela primeira vez o sentimento de paixão, os sintomas são desconhecidos pelo menino e tampouco sabe defini-los com clareza. A tristeza da perda da avó e o desaparecimento do seu cachorro foram os únicos acontecimentos que afetaram suas emoções e ainda assim não foram vividos com maturidade, pois ocorreram na infância do rapaz.

As poucas vivências do jovem cooperam para a sua inexperiência, pois, como afirma Tuan (2013, p. 10): “a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência”. Até então, antes de experimentar as novas emoções provocadas pela paixão por Leninha, sua rotina se resumia a prestar favores para os vizinhos em troca de um prato de comida e outras simples benesses. A existência de Preá naquela comunidade era marcada principalmente por sua solicitude:

O menino fazia qualquer serviço que pudesse, para quem pedisse, sem botar preço e nem receber pagamento. Do outro lado, ninguém lhe negava um caneco de café, um prato de comida, uma roupa velha [...]. Preá, fiel, está sempre na pracinha ou na rua do meio, ao alcance de um grito. Quando não tem serviço, encosta-se na parede... Espera (REZENDE, 2015, p. 17).

O acordo entre o jovem e a comunidade foi estabelecido naturalmente pela vida sem ser verbalizado pelas partes envolvidas: o menino serve aos moradores e como benefícios recebe o pouco que necessita para sobreviver. Por permanecer sempre em prontidão, “ele tem a invisibilidade das coisas que sempre estiveram presentes” (REZENDE, 2015, p. 15). Desse modo, sua presença e ausência quase que se confundem, sendo lembrado, na grande maioria das vezes, tão somente quando alguém necessita de seus favores. Suas poucas vivências são colecionadas por acontecimentos que se repetem e quase não trazem nenhuma nova experiência que permite ampliar seus horizontes e perspectivas, por esse motivo a simples visita de uma moça, que agora apresenta trejeitos da cidade, diferente dos seus, foi capaz de despertar novas vontades e certo ímpeto para conquistar a jovem.

Os novos sentimentos despertados pelo retorno da menina provocaram mudanças e impactos em Preá, antes um menino vagaroso, pacato e aparentemente alheio aos acontecimentos ao seu redor, agora suas emoções ganharam novos contornos e motivações, seus pensamentos e intenções passaram a girar em torno de Leninha:

É como estar dormindo e sonhando coisas nunca vistas, beleza nunca imaginada. Muitas vezes já não ouve quando gritam por ele, já não vê quando lhe acenam, já não fica encostado na parede da bodega esperando chamado, perde-se a caminho dos mandados, engana-se nos recados. Perdeu todos os rumos, menos o da moça. No rumo dela desvia-se de todos os caminhos, vai cada dia mais longe de, mais perto dela (REZENDE, 2015, p. 17).

As emoções vivenciadas por Preá, a partir da paixão pueril pela moça, o inseriram em uma nova experiência, como aponta Tuan (2013, p. 9): “as emoções dão colorido a toda experiência humana, incluindo os níveis mais altos do pensamento. [...] O pensamento dá colorido a toda experiência humana”. Nessa perspectiva, por estar encantado por Leninha, Preá perdeu o interesse pelos velhos hábitos, mudou sua rotina. O desejo de conquistar alguém dá um novo sentido à sua vida e agora já não se encontra somente em função de receber os ultimatoss de seus vizinhos, mas em prol de sua paixão, até então, platônica. As transformações evidentes no menino não passaram despercebidas aos outros moradores: “Já se começa a comentar na vila que Preá não é mais o mesmo. ‘Está ficando mais leso, preguiçoso esse menino...’” (REZENDE, 2015, p. 17).

Em certa ocasião, o jovem consegue chamar a atenção da moça que propôs um acordo a Preá: “Se você gosta mesmo de mim, Preá, vou namorar com você. [...]. Mas tem de fazer uma coisa para mostrar se gosta mesmo de mim: domingo quero ver você subir até na ponta da torre da igreja e me jogar um beijo lá de cima”. (p. 18). Ingenuamente ele não consegue perceber as verdadeiras intenções da garota por trás de tão perigosa proposta, porém, impulsionado pela paixão, o jovem aceita.

A inocência e a ingenuidade de Preá não se restringem somente a sentimentos, mas em relação ao mundo, à vida e ao espaço circundante. Suas poucas vivências são colhidas do cotidiano pacato e singelo que leva na vila. Preá não conhece o mundo, nem o que existe além de Farinhada, pois “Jamais sai da vila. Sua casinha na ponta da rua é o limite do mundo.” (p. 17). Enraizado em sua pequena cidade e comunidade, seu universo se resume à Farinhada e à própria casa. Bachelard (2008, p. 200) comenta:

É preciso dizer então como habitamos nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num “canto do mundo”. Pois a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela.

É possível perceber tal relação apontada por Bachelard no relacionamento existente entre Preá, a vila e a casa, principalmente, porque, após a morte de sua avó, o menino passou a viver sozinho na casa velha que herdara, bem como a depender da ajuda de seus vizinhos. Por

outro lado, o primeiro universo de Preá continua sendo o único, por causa de suas experiências restritas apenas a um espaço limitado que, mesmo sendo o seu “lugar vital” de enraizamento, lhe proporciona poucas vivências.

Logo, podemos afirmar que o jovem possui pouco “sentido de lugar”. Segundo Relph (2014, p. 25), existem “pessoas que não têm ou possuem um sentido de lugar pouco desenvolvido. Isto pode ser inato, mas também pode ser aprendido e melhorado”. No caso de Preá, seu sentido de lugar é limitado, principalmente por causa de suas poucas vivências nos diferentes espaços, porém, quando prova de sua primeira paixão, o jovem é levado a novas experiências. Disposto a conquistar o coração de Leninha, o menino cumpre o acordo e escala a torre da igreja:

Pairou desencarnado em alguma dimensão misteriosa. Voltou ao mundo com o badalar do sino. Não vê a praça enchendo-se de gente, nem ouve os gritos, assobios e aplausos, só o zunido do vento aumentando. Sobe, para cima, mais para cima. Não sente as palmas das mãos escalavradas, não sente as plantas dos pés em sangue, não tem medo. Preá é leve, forte, pode tudo, tem asas. Mais, um pouco mais...Lá em cima, a moça, o beijo. Não percebe que aos poucos a praça silencia, tensa, admirada. Agora, mais um pouco e sua mão toca a cruz, agarra-se. Preá respira todo o ar do mundo e olha: lá embaixo o carro preto, a mala, a moça acenando. Só quando o carro que leva a moça desaparece ao longe, numa nuvem de poeira, é que o olhar de Preá, liberto, encontra o horizonte. Lá de cima passeia, vaga, vê. E Preá descobre que o mundo é vasto (REZENDE, 2011, p. 19).

A jornada de descoberta que inicia a partir da primeira paixão vivenciada pelo jovem o leva a uma nova forma de ver o mundo. Do alto da torre o menino descobriu o horizonte, a imensidão que há além dos limites de sua pequena vila. Ao perceber a paisagem inédita diante dos seus olhos, Preá experimenta uma relação profunda e íntima com a vastidão da natureza e isso lhe provoca uma sensação de liberdade, pois “liberto encontra o horizonte” (REZENDES, 2015, p. 19). Assim podemos dizer que o jovem vivenciou uma experiência de *espaciosidade*. Pode-se perceber o impacto que essa descoberta causa em Preá a sensação de liberdade é despertada tanto pela extensão do infinito presente na paisagem, mas principalmente, pela sensação de liberdade experimentada. Acerca da *espaciosidade* Tuan (2013, p. 59) explica:

está intimamente associada a sensação de estar livre. Liberdade implica espaço; significa ter poder e espaço suficientes em que atuar. Estar livre tem diversos níveis de significado. O fundamental é a capacidade para transcender a condição presente, e a forma mais simples em que esta transcendência se manifesta é o poder básico de locomover-se. No ato de locomover-se, o espaço e seus atributos são experienciados diretamente.

A *espaciosidade* se manifesta a partir da vivência em lugares que inspiram uma sensação de liberdade e bem-estar, pois, como acentua Tuan (2013, p. 62): “o meio ambiente

físico pode influenciar o sentido de tamanho espacialidade”, tal como aconteceu com Preá. Ao vislumbrar a imensidão, o jovem experimentou uma amplidão espacial desconhecida, pois até então a sua vida estava contida em um espaço mensurável: a vila e a casa. No cume da torre, o menino descortinou o mundo e o espaço expandiu-se para ele, resultando inclusive na expansão de si mesmo.

As experiências de Preá concatenam com as considerações de Dardel (2015, p. 37) quando este afirma que “[...] o espaço ilimitado se torna um símbolo da extensão, da libertação da existência, para um *retorno* a uma liberdade em certa medida anterior, original”. Dessa maneira, percebemos que a experiência de Preá o levou a algo maior do que a descoberta de uma nova paisagem, isto é, em sua experiência de *espaciosidade*, também descobriu a liberdade.

Tuan (2013) esclarece que o significado de *espaciosidade* também pode ser considerado a partir de situações, presença ou ausência de outras pessoas, bem como em uma experiência de solidão. Semelhante circunstância pode ser observada na personagem Eulália. A mulher que sempre viveu subjugada pela autoridade do marido e destituída de qualquer papel de relevância quer fosse na família ou nos negócios vê-se – a partir do adoecimento de Assis Tenório, seu marido – tendo que assumir a administração da fazenda e dos negócios da família. A princípio todas essas responsabilidades despertaram sentimentos de medo e impotência:

Pela primeira vez desde que casara, longe das vistas do marido, estando ausente também Adroaldo, segunda pessoa dele, Eulália viu-se, de repente, dona de tudo sem ninguém que lhe dissesse o que fazer ou lhe proibisse qualquer coisa. Não se deu conta da nova situação de imediato, pois o medo e a submissão, o nada ser e nada poder, eram-lhe uma segunda natureza (REZENDE, 2015, p. 73).

Convencida de sua inferioridade e inexperiência na participação das negociações do marido, Eulália se amedrontou, principalmente, por não saber solucionar os problemas que antes estavam exclusivamente sob os desígnios de Assis Tenório: “Aos primeiros pedidos que lhe fizeram, a mulher apavorou-se, empalideceu e encolheu-se ainda mais, sem compreender por que se dirigiam a ela com coisas assim que demandavam um poder que nunca lhe pertencera” (REZENDE, 2015, p. 74). A figura autoritária do homem sempre minava qualquer iniciativa da esposa que, relegada em seu papel secundário, não tinha autonomia dentro da própria fazenda.

Tuan (2013, p. 67) acentua que: “a sós, nossos pensamentos vagam livremente no espaço. Na presença de outros, os pensamentos recuam devido ao fato de que outras pessoas projetam seus próprios mundos na mesma área”. Dessa maneira, Eulália vivenciava o mundo a

partir do marido, porém essa situação muda quando ele se afasta e a mulher enfim tem suas próprias experiências tanto em casa, quanto com os negócios e com a comunidade:

Foi a compaixão, diante da ladainha de dores e tristezas que ecoava em sua varanda, que acabou por vencer a timidez de Eulália e ela ouviu-se, para o seu próprio espanto, dizer a um que estava dispersado do foro deste ano, a outro que esquecesse a meia do milho [...]. Como um milagre, tudo se fez conforme o coração de dona Eulália, obedeceram-lhe todos. [...]. Ao fim do primeiro dia de seu reinado, a mulher do fazendeiro sentia-se exausta e confusa porque seu coração tremia ao pensar no que acabara de fazer sem que pudesse decidir se era ainda de medo ou já de alegria, coisa difícil de reconhecer para quem fora triste tanto tempo (REZENDE, 2015, p. 74).

O relacionamento de Eulália com a vila, a casa e a comunidade foram ressignificados. A mulher, em sua função de líder, conseguiu exercer uma administração honesta e justa com todos os moradores, de modo que o sucesso do seu desempenho lhe provocou não só empoderamento, mas felicidade:

Em poucos dias, desabrochou na fazendeira uma coragem insuspeitada de fazer o que lhe passasse pela cabeça e pelo coração, uma vontade de tudo resolver, ajustar, melhorar, um desparramo de imaginação que fazia brotar ideias e mais ideias de como dar um final feliz a cada caso que lhe aparecia. [...] Reconstruíram-se escolhinhas e capelas arruinadas, os jagunços feitos pacíficos pedreiros e carpinteiros, passou-se o trator pelas estradas da serra, abriu-se curso de corte e costura. [...] Dava tanto gosto vê-la assim que se tornou um costumeiro passeio de domingo caminhar de tardezinha até a sede da fazenda, só para mirá-la de faces rosadas, de olhos brilhantes, de riso festivo e gestos largos, com seus dois dedos a mais de estatura (REZENDE, 2015, p. 75).

A ausência de Assis Tenório libertou o povo de Farinhada das cobranças insolentes do deputado, assim como Eulália que se descobriu uma mulher forte, impetuosa e corajosa. Todos os novos sentimentos experimentados impulsionaram a mulher a viver sua fazenda e sua comunidade de forma diferente, dessa vez tendo um olhar complacente e comunal para o povo de Farinhada, que experimentava a harmonia longe das injustiças do político. Tuan (2013, p. 72-73) explica:

As pessoas nos restringem, mas também podem ampliar nosso mundo. O coração e a mente se expandem na presença daqueles que admiramos e amamos. [...] Quando as pessoas trabalham juntas por uma causa comum, um homem não tira espaço do outro; pelo contrário aumenta o espaço do companheiro, dando-lhe apoio.

E foi exatamente dessa maneira que Farinhada viveu um novo e grande momento. Embora as benesses fossem proporcionadas por Eulália, todo o povo participava de forma atuante para que a harmonia da vila continuasse. A mulher fez ruir diversas barreiras inclusive sobre o acesso à terra para o plantio: “Eulália mandou abrir as terras incultas da fazenda para quem quisesse botar roçado” (p. 75). Não foram só as cercas que vieram ao chão, mas o

tratamento injusto e desigual com o qual Assis Tenório tratava o povo que precisava de seus favores, sobretudo, de suas terras. Enquanto a mulher possibilitou ao povo liberdade, igualdade e negociações mais justas para todos, o homem sempre teve uma postura oposta:

Para a felicidade do povo de Farinhada, mais importante do que as coisas que a mulher do deputado fez foi tudo aquilo que não fez: não aperreou, não achacou, não castigou, não espoliou, não proibiu, não cobrou, não sujeitou, não humilhou, não ameaçou. E o povo, contente e agradecido (REZENDE, 2015, p. 75).

Tuan (2013, p. 65-66) pontua que espaço pode estar relacionado também como símbolo de poder:

Para o verdadeiro empresário, os bens que possui, raramente parecem suficientes. O espaço suficiente para os negócios atuais pode parecer-lhe insuficiente. [...] espaço é um recurso que produz riqueza e poder quando adequadamente explorado. É mundialmente um símbolo de prestígio. O “homem importante” ocupa e tem mais espaço do que os menos importantes.

Tal como Assis Tenório fazia com os farinhenses, uma forma de oprimi-los era por meio da terra: tomar as posses dela não era apenas acúmulo de riquezas, mas a maneira de exercer e manter o seu poderio naquela comunidade. Por esse motivo, a liderança de Eulália foi marcada pela liberdade e alegria, não apenas dela, mas do próprio povo. Portanto, Farinhada parecia melhor e “maior”, pois agora todos desfrutavam da vida e da vila do mesmo jeito.

Conquanto, embora Eulália tenha experimentado uma vida liberta longe da superioridade do marido, assim como liderou uma comunidade inteira, sua experiência de *espaciosidade* não perdura, pois, com a volta do deputado, tudo voltou a ser como era, porém: “É curioso, no entanto, que na memória farinhense aquele tempo não se chame o tempo da peste de Assis Tenório e nem mesmo o tempo em que gozamos de liberdade, mas sim o tempo em que dona Eulália foi feliz” (REZENDE, 2015, p. 81).

A partir da narrativa protagonizada por Eulália, pode-se perceber como relações de conflito interferem na maneira como o indivíduo se relaciona com o espaço (sejam de intimidades ou não), com os outros e principalmente consigo mesmo. Na ausência do marido, a mulher vivenciou uma experiência de *espaciosidade*, pôde se perceber liberta e feliz, dona da própria fazenda e, principalmente, expandindo essa liberdade para os outros moradores, que igualmente gozaram do sentimento de liberdade na vila em que viviam, pois, embora o espaço fosse coletivo, as duras regras do deputado tornavam a vida no vilarejo mais restrita e menos harmoniosa, mostrando como as figuras autoritárias também limitam os espaços e a liberdade de um grupo.

A vontade em fazer tudo melhorar em sua comunidade também reflete o amor que Eulália sentia pela vila e por seus conterrâneos. Esse sentimento de profundo apego é visto sobremaneira na grande maioria dos personagens, que, mesmo vivenciando situações e circunstâncias individuais, acabam se estendendo para todos os moradores do vilarejo. É o que vemos na história de Maria Raimunda, moradora que trava uma batalha para não perder sua casa e suas terras.

De origem simples e poucos estudos, Maria Raimunda possui a força e a coragem retiradas da vida; sua sabedoria foi construída por meio das experiências de sua história sofrida. Assim como os demais moradores da cidade, Maria Raimunda teve poucas oportunidades:

Maria Raimunda nunca precisou ler as letras nos papéis. Desde que abriu os olhos pretos neste mundo de meu Deus, leu tudo o que há no livro das coisas e das gentes, por dentro e por fora, até onde a vista alcança. Aprendeu cedo que quem tem o coração brando leva mais pisas da vida e por isso é brava que só! Sempre foi. Todo mundo tem um pouco de medo de Maria Raimunda e ela não tem medo de ninguém, só teme a Deus e o perigo de amolecer quando vê menino sem mãe, homem chorando, criança carregando enterro de anjinho, velho sem teto, mulher gestante com variz e fome, essas coisas. Prefere mesmo é ter raiva que dá coragem e força para resolver tudo o que aparece pela frente. É assim que Maria Raimunda gosta de ser, dura feito pau de sucupira (REZENDE, 2015, p. 38).

A imponência de Maria Raimunda é resultado de suas vivências e concepções adquiridas ao longo da vida. Expressar grandes afetos, mostrar-se demasiadamente emocional para essa mulher é sinônimo de fragilidade, isto é, uma fraqueza que ela não deseja e não precisa, pois a vida que leva exige que ela seja, na grande maioria das vezes, irredutível, por isso é conhecida por todos pelo seu forte temperamento e autoridade: “Assim mesmo toda a gente vive atrás dela, pedindo conselho, perguntando as coisas. Ela responde sempre, de má vontade mas responde, sabe de tudo” (REZENDE, 2015, p. 38). A força de Maria Raimunda também está relacionada à posse de sua terra e, para além disso, por causa de sua personalidade e experiência de vida:

Tem muita autoridade, Maria Raimunda, e não é só por causa da cinquenta e meia de terra que recebeu de herança, com escritura e tudo, de onde ninguém a tira e onde quem manda é ela. Isso é coisa de dentro dela mesma, que teve sempre e que cresceu muito depois que comandou a guerra em Farinhada (REZENDE, 2015, p. 37).

O sentimento de resistência da personagem aflorou após ver o seu pedaço de chão ameaçado pelas intenções corruptas de Assis Tenório. A mulher sentiu-se determinada em lutar. Mesmo sem grandes esclarecimentos sobre seus direitos e deveres, junto ao marido procurou ajudar a quem podia estender a mão, assim recorreu ao Padre Franz, que prontamente a ajudou esclarecendo quais eram os direitos e deveres dos agricultores quanto a posse da terra. O sacerdote ainda os aconselhou a buscar um advogado que pudesse defende-los legalmente.

Apesar da obstinação de Maria, seu marido temia pelo futuro. Ficava apavorado somente em pensar em uma vida na cidade grande.

O temor em perder sua terra vinha junto ao medo de ficar à deriva na vida ou ter o desfecho de muitos de seus conhecidos: padecer no contexto urbano já que não eram qualificados com mão de obra a não ser na agricultura e outros ofícios do homem do campo, porém é o próprio medo de serem expulsos e o amor pela terra que os motivam a resistir. Tuan (2013, p.45) comenta sobre o forte sentimento de apego do agricultor à terra:

O apego à terra do pequeno agricultor ou camponês é profundo. Conhecem a natureza porque ganham a vida com ela. [...]. Para o trabalhador rural a natureza forma parte deles – e a beleza, como substância e processo da natureza pode-se dizer que a personifica. Este sentimento de fusão com a natureza não é simples metáfora. Os músculos e as cicatrizes testemunham a intimidade física do contato.

Base de sua subsistência, meio pelo qual ele se realiza, a terra para o agricultor expressa seu mundo, pois de lá não retira somente o seu sustento, mas constrói sua história. A resistência de Maria Raimunda e de seu marido em deixar a terra está além do medo de perder abrigo, expressa os laços topofílicos desenvolvidos com o seu lugar. Tuan (2012, p. 2011) ainda esclarece: “A topofilia do agricultor está formada desta intimidade física, da dependência material e do fato de que a terra é um repositório de lembranças e mantém a esperança. A apreciação estética está presente, mas raramente é expressada”. Desse modo, enfrentar as adversidades em prol da permanência expressa o amor pela terra, pela casa, pelo lar, pois estes são o núcleo de sua existência:

[...] uma pessoa no transcurso do tempo, investe parte de sua vida emocional em seu lar e além do lar, em seu bairro. Ser despejado, pela força, da própria casa e do bairro é ser despido de um invólucro, que devido à sua familiaridade protege o ser humano das perplexidades do mundo exterior. Assim como algumas pessoas são relutantes em abandonar um velho casaco por um novo, algumas pessoas – especialmente idosas – relutam em abandonar seu velho bairro por outro com casas novas. A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar (TUAN, 2012, p. 114).

Desse modo, os sentimentos topofílicos de Maria Raimunda e de sua família foram essenciais na busca pela apropriação definitiva da terra. O amor ao lugar, aliado ao receio de padecer na cidade e à dependência do contexto rural, os levou a lutar até o fim: “[...] veio uma comissão de Brasília obrigar Assis Tenório a entregar a terra, de papel passado, para quem nela vivia e plantava” (REZENDE, 2015, p. 42).

Outro personagem que expressa profunda topofilia por Farinhada é o amado padre Franz. Como supramencionado, a origem alemã do religioso não o impediu de desenvolver o sentimento de pertencimento com a pequena vila. Na narrativa intitulada “Não se vende

jumento velho”, essa relação de identificação e enraizamento pode ser claramente percebida uma vez que, ao escolher o lugar de sua morte, prefere o simples cemitério da vila ao invés de sua terra natal. Isso demonstra que seu apego pelo vilarejo está para além da imobilidade, configura-se, antes, no lugar onde fincou suas raízes:

Padre alemão, teólogo de certa fama e livros publicados, o bispo quis dar-lhe uma paróquia de peso, confiar-lhe responsabilidades pastorais na diocese. Franz pediu desculpas e recusou. Viera para os mais pobres, para conviver e partilhar seu destino com eles, reaprender com eles sua teologia e a vida evangélica. Não queria nem ser vigário de paróquia, desejava apenas um povoado e uma capelinha de pouca importância. [...] Tomou-se de amores por Farinhada à primeira vista. A vila correspondeu-lhe imediatamente; jamais tinha tido um padre residente, apenas missionários que passavam às pressas, rezavam missa, desfiavam um sermão quase sempre incompreensível, batizavam, casavam, ouviam as confissões e partiam (REZENDE, 2015, p. 21-22).

Esse entrelaçamento de afetos acontece tanto em relação ao vilarejo quanto em relação ao povo, o padre desenvolveu mais do que responsabilidades sacerdotais pela comunidade farinhense, seus sentimentos são genuinamente de amor e compaixão por aquelas pessoas, a ponto de tomar como suas as lutas de muitos moradores. Tais circunstâncias evidenciam a intensidade do enraizamento vivido pelo padre e por isso a pequena vila passa a ser tão significativa quanto seu país de origem, isto é, o seu *lugar*, núcleo de valores. De acordo com Relph (2014, p. 25):

A partir da perspectiva da experiência cotidiana, lugar é muitas vezes entendido como o onde se tem nossas raízes, o que sugere uma profunda associação e pertencimento, mas também imobilidade. [...] A teoria rizomática parece sugerir que podemos ter raízes simultaneamente em vários locais diferentes, mantendo todos conectados.

Levando em considerações as predicções de Relph (2014), o relacionamento do padre Franz com a vila é estabelecido a partir dos momentos vividos, das experiências e da convivência. Porquanto, laços foram construídos e o espaço, antes indiferenciado, tornou-se *lugar*. Para Werther Holzer (2013, p. 23): “Lugares, por sua vez, só existem a partir do compartilhamento de experiências entre seres humanos, ou seja, da experiência intersubjetiva compartilhada das coisas e fenômenos para os quais nos voltamos em comum”.

São, pois, essas experiências que engendram o sentimento de pertencimento, a criação de raízes, de afetos e, principalmente, o sentimento de *lar*. Tal como aconteceu com Padre Franz: “Os anos foram passando, diminuindo os cabelos da cabeça do padre, mas não sua vitalidade. A única coisa que temia era que algum dia o fizessem abandonar Farinhada” (REZENDE, 2015, p. 23). Diante disso, evidencia-se a convicção de que a vila não foi apenas um local escolhido para exercer seu sacerdócio, mas como seu *lar*.

Embora a grande maioria dos personagens expressem esse forte sentimento de pertença pela vila e a atribuem como seu lar, há uma personagem que se destaca dentre os demais por desenvolver um relacionamento diferente, qual seja, Leninha. Apesar de a jovem ser fruto de Farinhada, o seu sentimento de pertença já não está mais enraizado no vilarejo e tampouco com aquelas pessoas. Isso aconteceu, principalmente, por causa das vivências que experimentou em outros lugares. Leninha cresceu no Rio de Janeiro, sendo este o local em vive:

A moça chegou do Rio. Logo se vê... Tão alvinha! Saiu daqui miúda, não diferenciava em nada das outras meninas da escola municipal. Foi o padrinho que a levou. Voltou essa moçona. Veio passar o São João. No meio das outras moças, na frente da igreja, ela agora diferenciava até demais. O vestido bonito, mais a altura, as unhas compridas e vermelhas, movendo os braços, dando voltas e requebros enquanto fala (REZENDE, 2015, p. 15).

Além dos notórios novos trejeitos adquiridos com as vivências na capital carioca, a menina já era identificada pelos outros moradores como “a carioca”. Desse modo, sua naturalidade não está mais ligada, necessariamente, à vila, mas ao local para onde se mudou e agora mora, onde também se sente ligada e pertencente. Relph (2014, p. 31) explica que:

Lugar não é meramente aquilo que possui raízes, conhecer e ser conhecido no bairro, não é apenas a distinção e apreciação de fragmentos de geografia. O núcleo do significado de lugar se estende, penso eu, em suas ligações inextricáveis com o ser, com a nossa própria existência. Lugar é um microcosmo. É onde cada de um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco.

Nessa perspectiva, Leninha funda as suas raízes no lugar em que cresceu, por isso Farinhada não representa para ela o lugar onde se percebe e se realiza, mas um lugar-sem-lugaridade, isto é, quando “a capacidade de promover reunião é fraca ou inexistente” (RELPH, 2014, p. 25). Para a jovem a sua terra de origem não é concebida como o núcleo de sua existência ou aquele em que concentra seus maiores afetos, porém se constitui pela ausência de significados.

Tal circunstância pode ser compreendida se consideradas as próprias experiências da menina: desde muito jovem viveu longe da vila, passando a maior parte da vida nas terras cariocas, por isso há um hiato em seu processo de identificação com o lugar em que nasceu.

Apesar de *Vasto mundo* (2001) figurar um lugar harmonioso e pacato, o povo de Farinhada enfrenta alguns conflitos, na maioria das vezes, são os próprios sentimentos pela vila que os levam a confrontar os seus temores ou lhes motivam a encontrar soluções, por isso é possível encontrarmos nessa obra paisagens de medo ou de esperanças se desdobrando lado a lado na vida de um povo que sofre, mas não sucumbe diante de seus conflitos. É o que veremos no tópico a seguir.

4.5 Apinhamento, medo e esperança em *Vasto mundo*

Em sua relação com o espaço e, principalmente com o lugar, o homem vivencia experiências que lhe despertam os mais diversos sentimentos. Alguns destes nem sempre correspondem às sensações de bem-estar ou de *espaciosidade*, pelo contrário, determinadas vivências podem inspirar sentimentos negativos como os de *apinhamento* e medo. Diferentes fatores são responsáveis por tais feitos, desde a presença ou ausência de pessoas, meio ambiente específico ou ainda paisagens que se desdobram revelando morte, solidão ou algum contexto de caos.

Relph (2014, p. 26) esclarece que, apesar de o lugar ser concebido, na maioria das vezes, a partir de uma perspectiva positiva, há situações em que o sentido de lugar se apresenta “contaminado”: “Lugar é geralmente representado como sempre bom, um jeito de enfrentar as forças do mal dos lugares-sem-lugaridade. É importante lembrar que lugar pode ter um lado muito feio”. Segundo Relph (2014), quando o enraizamento ou posse expressam atitudes exclusivistas, o lugar pode ganhar uma conotação de exclusão, como quando, a partir de uma visão preconceituosa, pessoas são deslocadas de um território para outro por serem consideradas “diferentes”, “estranhas”.

Semelhantemente Tuan (2013, p. 66) reflete acerca do espaço enquanto símbolo de poder. Em suas predicções:

O espaço é um recurso que produz riqueza e poder quando adequadamente explorado. É mundialmente um símbolo de prestígio. O “homem importante” ocupa e tem acesso a mais espaço do que os menos importantes. Um ego agressivo exige incessantemente mais espaço para se movimentar.

Diante disso, espaço e lugar podem representar também privações, quando há interesses de poder. Pode haver duelo entre os mais fortes e os mais fracos pela disputa de territórios ou ainda a intimidação pela presença, gerando sentimento de apinhamento que acaba interferindo na relação dos homens com o seu meio circundante.

Em *Vasto mundo* (2001), é possível encontrar algumas destas circunstâncias. Como supracitado, em várias narrativas que compõem a obra, há uma disputa entre o deputado Assis Tenório e o povo simples de Farinhada e, para além disso, é possível notar situações de *apinhamento* por meio da presença, tal qual aponta Tuan (2013). Como exemplo a história já mencionada de Eulália, que, distante do marido, consegue estabelecer um novo relacionamento com o mundo, com sua casa e, principalmente, com a vila e seus moradores. Porém o sentimento de *espaciosidade* e liberdade só se manifesta na ausência do marido.

Essa mesma circunstância de *apinhamento* e submissão se estende também à comunidade que, ao se ver livre da presença opressora do deputado, experimenta um novo momento no cotidiano da vila: “A população de Farinhada começou a sentir-se solta, com a estranha sensação de poder fazer o que quisesse sem perigo de sofrer nenhuma consequência funesta de algum ato impensado” (REZENDE, 2015, p. 75), ou seja, sentiam-se livres.

Na narrativa “Medo”, que também compõe a obra, encontramos um personagem que experimenta, ao lado do sentimento de *apinhamento*, o de medo, despertados não pela presença de outra pessoa, mas por uma paisagem de horror que se desdobra a partir da presença de um ser sobrenatural. A história é protagonizada por um matador de aluguel que, consciente de suas ações, acredita que seu destino sempre estivera traçado, principalmente, quanto ao seu ofício:

Foi a sua incapacidade total de sentir medo, desde menino pequeno, que o levou à profissão. [...]. Dali em diante perdeu a conta. Nunca tinha nem olhado bem para a cara dos que matou, não poderia lembrar. Jamais errara um tiro, jamais falhara, frio e preciso com sua ferramenta como um carpinteiro com seu serrote, um carvoeiro com seu machado, um vaqueiro com o ferro de marcar (REZENDE, 2015, p. 32).

A partir do seguinte trecho, é possível perceber que a morte, para esse homem, não é considerada como um temor, pelo contrário, a princípio, configura-se como o principal elemento responsável pelo sucesso de sua profissão. O homem era conhecido por prestar serviços com precisão, dificilmente alguém escapava da mira de sua arma, ele mesmo orgulhava-se disso a ponto de que tirar a vida de alguém não lhe gerava qualquer culpa ou pesar, pois, para ele, “quem mata mandado, só pela profissão, sem raiva nem ódio do morto, não peca, mata por ofício e por destino. Se alguém tem culpa é quem manda matar” (REZENDE, 2015, p. 32). Assim acreditava que as incumbências dos crimes praticados não lhe pertenciam. Essa falta de temor com relação à morte intensificou sua ausência de medo.

A coragem tão evidente presente no personagem figura ainda um tipo regional comum encontrado em alguns arquétipos costumeiramente retratados na literatura brasileira e fortalecidos no imaginário nacional, isto é, do homem nordestino marcado por um tipo sociológico em que seus aspectos são evidenciados a partir das atividades ou papéis sociais que exercem, como exemplo: jagunços, cangaceiros, brejeiros, vaqueiros e, como sugere Albuquerque Júnior (2013, p. 187): “o matador profissional a soldo dos coronéis [...]”, tal qual o personagem de *Vasto mundo* (2001):

Aos quinze anos fez o primeiro serviço, a mando do Sr. Leitão. Tiro limpo e certo, um só, no meio da testa de um morador avexado que andava falando de botar o doutor na justiça. [...]. Dr. Leitão lhe garantia as costas por lá com os conhecimentos políticos dele. Nos primeiros dias, quando se descobria o morto era aquele fuzuê, abria-se

inquirido, mas tudo se esquecia em tempo e ele voltava para a fazenda, onde tinha o privilégio de viver sem outro trabalho senão aquele mesmo (REZENDE, 2015, p. 32).

Albuquerque Júnior (2013, p. 176) acentua: “o nordestino, portanto, fruto de uma história e uma sociedade violenta, teria como uma de suas mais destacadas características subjetivas a valentia, a coragem pessoal, o destemor diante das mais difíceis situações.” Portanto, a própria história de vida contribuiu para que o sentimento de destemor e valentia se potencializasse no homem nordestino e no caso de homens “fora da lei”, tal qual o personagem da narrativa, a coragem é um sentimento indispensável tanto para cumprir as funções raras as quais era designado, quanto para enfrentar as situações de risco que constantemente vive. Para além disso, essa configuração de personagem geralmente desenha o sertanejo do Nordeste como “cabra macho que luta como Lampião, que enfrenta um batalhão, que trabalha sol a sol, [...], não traça rota retilínea e firme; aparência de cansaço que ilude, pronta a se transfigurar diante de qualquer incidente [...]” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 18). Principalmente, aqueles que confrontam ou se relacionam de forma valente com a morte.

O matador de aluguel da narrativa de Rezende ainda apresenta outros aspectos que fortalecem sua coragem e valentia. O homem possui características instigantes que lhe despertam alguma humanidade, posto que, apesar do seu ofício condenável, trata-se de alguém com sentimentos intimistas, profundamente apegado ao seu lugar e a sua fé: “nos tempos de calma, sem serviço, pescava no açude, botava arapucas no mato e se entretinha com suas gaiolas de passarinhos. [...]. Era **homem de bem** e de sossego” (REZENDE, 2015, p. 33, grifo nosso).

Percebe-se que não há hostilidade em relação ao seu lugar e à vida que leva cotidianamente. Nesse intuito, os momentos vivenciados na vila, independentemente de sua profissão, expressam a ligação interna que o une àquela paisagem e, portanto, manifesta a sua relação de apego e afetividade com o lugar. Evidencia não apenas sua humanidade, mas sua *geograficidade*.

O protagonista é ainda um homem extremamente religioso que reconhece e aceita as mazelas do mundo e da vida, mas não as teme, pois segue convicto que sempre as medidas que toma são necessárias para se manter protegido de qualquer desgraça:

Ele era prevenido: ia a cada dois anos a Juazeiro do Norte, deixava no túmulo do Padrinho as ofertas de costume, a vela maior que houvesse, não tirava do pescoço o terço de romeiro e carregava sempre no bornal, junto com as balas, o bentinho que lhe ficara da mãe, enrolado num pano. Três vezes se confessara com frei Damião. Dissera tudo: que se deitara com mulher-dama e com mulher casada, que embuchara uma moça e depois a abandonara na zona, que chamara nomes, que jurara o Santo Nome

em vão, que pensara em fazer acordo com o Cão. As mortes não disse, que não entravam no rol dos pecados. Recebera a bênção e tomara a Santa Comunhão das mãos do frade santo (REZENDE, 2015, p. 33).

Percebe-se que sua confiança é estabelecida a partir dos ritos religiosos que pratica ou nos artefatos que carrega consigo. Tuan (2005) aponta que a fé, em algumas sociedades e culturas, funciona como um elemento de segurança e controle quanto ao impalpável. Podemos relacionar essas assertivas à perspectiva que o personagem dá às suas práticas religiosas. Porém, um dia é surpreendido por um acontecimento:

Quando Rominho disse, rindo, que enquanto ele andava pelo mundo, se fazendo de macho, José Marciano andava botando-lhe chifres com sua mulher, subiu-lhe um fogo à cabeça, montou a égua de raça do doutor, foi disparado bater no roçado de Marciano e descarregou-lhe no peito seis balas de trinta e oito, sem lhe dar o tempo de uma ave-maria. Voltou à fazenda ainda doído de ódio, para procurar a mulher e acabar com ela. Rominho esperava-o na porteira, sempre rindo: “Tu ficaste louco, homem? Ôxe, sair correndo assim só por causa de uma brincadeira! Tu não vê que eu só tô mangando de tu, que tua mulher nunca teve nada com ninguém não, homem?” Era tarde, já estava feito o dismantelo (REZENDE, 2015, p. 33-34).

Cego pela indignação e disposto a manter sua honra inabalada, o homem se valeu suas habilidades profissionais em uma vingança particular e voluntária, pois,

Um homem sem honra não existia mais, era considerado um pária na sociedade. O adultério feminino, por exemplo, tinha que ser duramente punido pelo marido sob pena de ficar desonrado. Nestes casos a morte do amante e da esposa era o que faria este homem ser novamente aceito no convívio social (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 179).

Ao perceber que havia praticado um ato injusto, escondeu-se em uma cabana facilitada por seus aliados políticos e foi ali, no meio da mata, que o homem passou a vivenciar uma experiência até então desconhecida: “acordava com o sol a pino, encharcado de suor, sedento e esfomeado. E agora descobriu que era medo aquela mão gelada e dura esmagando-lhe o peito, o tremor no corpo inteiro, o suor frio, as tripas se retorcendo, cada noite” (REZENDE, 2015, p. 31). Pela primeira vez sentiu-se vulnerável e afligido pelo sentimento de medo.

De acordo com o historiador Jean Delumeau (2009, p. 82), o medo é “uma emoção choque, frequentemente precedida de surpresa, provocada pela tomada de consciência de um perigo presente e urgente que ameaça, cremos nós, nossa conservação”. Semelhante ao conceito de Delumeau (2009), Tuan (2005, p. 8-10) aponta:

Em todos os estudos sobre os indivíduos e sobre a sociedade humana, o medo é um tema – esteja implícito, como nas histórias de coragem e sucesso, ou explícito, como

nos trabalhos sobre fobias e conflitos humanos [...] um sentimento complexo, no qual se distinguem claramente dois componentes: sinal de alarme e ansiedade.

Nessa perspectiva, o medo está diretamente ligado ao sentimento de insegurança e perda do controle, assim ele pode ser vivenciado individualmente (assumindo um caráter patológico ou não) ou pode representar um sentimento coletivo de uma sociedade ante quaisquer acontecimentos que ameaçam a paz e harmonia comunal.

No caso do personagem de *Vasto mundo*, o sentimento de medo não é despertado de forma aleatória, sua origem figura-se na própria paisagem que se desdobra a partir do pôr do sol e da chegada da noite. A princípio, não é a floresta que o assusta, tampouco a solidão, porquanto a aflição e *apinhamento* surgem apenas quando a paisagem se transforma e a escuridão toma conta de todo o espaço em que ele está. É, pois a partir deste mal-estar que o homem descobre o sentimento de medo:

O pior era o medo atocaiando-o na noite. No princípio, quando a sensação terrível o assaltara na escuridão, não sabia que era medo.. [...] E agora? que descobrira que era medo aquela mão gelada e dura esmagando-lhe o peito, o tremor no corpo inteiro, o suor frio, as tripas se retorcendo, cada noite (REZENDE, 2015, p. 32-33).

Portanto, a paisagem de horror que se configura a partir das trevas é responsável pelas sensações de ansiedade, ameaça e descontrole que passam a atormentá-lo diariamente:

Sobressaltou-se no coaxar dos sapos como se fosse um sino dando as horas, horas de trevas, de medo, de morte. [...] Velas, candeeiros tornavam ainda mais escura a escuridão. Porque a faziam mover-se como coisa viva, recuar e avançar para ele, provocá-lo, zombar do pavor que o assombrava. [...] Quando a noite chegou, veio com ela aquela coisa danada (REZENDE, 2015, p. 31-32).

Tuan (2005, p. 25) ressalta que essa relação de hostilidade que os homens têm com o escuro está imbricada de outros sentimentos negativos que reverberam na falta de controle:

O medo do escuro é mundial. [...] A escuridão produz uma sensação de isolamento e de desorientação. Com a falta de detalhes visuais nítidos e a habilidade de movimentar-se diminuída, a mente está livre para fazer aparecer por mágica imagens, inclusive de assaltantes e monstros, com o mais leve indício perceptível.

Os medos ainda são fortalecidos pela imaginação do homem. Aquilo que se teme, se torna mais intenso à medida que o homem perde a noção da realidade factual e dimensiona suas experiências a partir de seus temores. O medo pode subverter significativamente a relação existencial dos indivíduos com os espaços e lugares, com o outro semelhante e consigo mesmo.

Profundamente afetado pelo sentimento de medo, o antigo homem destemido deu lugar a um ser frágil, covarde e vulnerável. Quando os capangas voltaram, lhe trouxeram uma

mulher, mas ele não conseguiu tocá-la: “Não pôde. Não teve vontade. As noites de pavor tinham tirado sua macheza. ‘Não diga nada que eu lhe mato’. [...] porque não podia dar parte de frouxo, só pediu padre para confessar, que era de preceito, mas disseram que não tinha”. (REZENDE, 2001, p. 35). Tuan (2005) acentua que a capacidade do homem em sentir vergonha ou culpa aumenta sobremaneira o sentimento de medo. Nessa perspectiva, permeado de medo e vergonha, o matador que, antes concebia sua existência e destino a partir de sua coragem, se torna refém dos sentimentos que trazem à tona sua fragilidade humana, espiritual e física.

As sombras tomaram forma e a partir das trevas surgiu um ser identificável pelo homem: o espectro responsável por todo o seu terror. O homem entendeu sua tórrida penitência quando o que sentia era “medo do cão, porque se desviara do seu caminho: sem mandado de ninguém, matara com raiva um inocente [...]. (REZENDE, 2015, p. 33).

De acordo com o *Dicionário de Símbolos* (2019): “Cão: Não há, sem dúvida, mitologia alguma que não tenha associado o cão (...) à morte, aos infernos, ao mundo subterrâneo” (CHEVALIER, CHEERBRANT, 2019, p. 166). Diante disso, o medo do Cão é um dos grandes temores que em algum momento atormenta os estados psicológicos do homem, seja em algum momento. Por fim, o terror do homem se consumou em um trágico desfecho de horror:

Cada noite, sem falhar nenhuma, o Maldito vinha atentá-lo e ele mergulhava no medo, impotente contra o mal impalpável. Agora chegava a ver o Coisa Ruim, dançando na treva, cada dia mais perto. [...] Dizem que quando agarra um, o Maldito arranca os olhos e as partes, mete uma estaca [...] até sair pela boca [...]. Quando os homens de Assis Tenório chegaram para avisar que podia voltar, [...], os urubus já tinham feito o trabalho (REZENDE, 2015, p. 35).

O medo tomara de conta. A própria morte, antes não temida, passou a ser a realidade mais palpável do homem que sempre fora tão valente e viril. Tentou salvar sua honra, mas a mesma solução foi também a causa de sua desgraça; a morte de um inocente no fim foi a dívida ideal para que o Cão viesse ajustar o débito em aberto.

Como explanado até aqui, o povo de Farinhada vivencia diversos acontecimentos que mostram como esses homens e mulheres são apegados a sua pequena vila e a gente que ali vivem. A comunidade do vilarejo compartilha não só o território, mas as situações de adversidade que vez ou outra surgem a fim de afligir ou tirar a paz dos farinhenses. Mesmo quando se tratam de problemas individuais, tornam-se coletivos quando envolvem a união e a fraternidade dos moradores em prol do bem de um deles.

Uma das formas que eles encontram para sobreviver em um contexto difícil, em certa medida ameaçado por poderes corruptos, é se apegando a sentimentos otimistas como a

esperança, a qual, por sua vez, parece ser o combustível necessário para que aqueles homens e mulheres vivam felizes em sua amada terra, apesar de tudo que sofrem. Pode-se notar que o próprio solo entrega um olhar esperançoso às histórias das pessoas que diariamente caminham sobre sua matéria:

Permaneço, não me posso mover daqui, mas distraio-me com os passos e sussurros, com os saltos e berros que me cruzam todos os dias e noites. Não me posso queixar de enfado, desconheço o tédio, mas aprendo a saudade e o espanto quando se relembram as lendas dos que se foram para nunca mais, ou quem sabe um dia... A vida é o que se vê, o que se sonha, o que se narra, o que se lembra ou se esquece. A vida é para sempre (REZENDE, 2015, p. 111).

Apesar de sofrer com as possíveis adversidades que surgem no caminho, o chão prefere aceitar que a vida é feita de sofrimentos, dificuldades, mas também de sonhos, de saudades, de alegria, isto é, sua percepção sobre a trajetória de tudo o que os moradores viveram, vivem ou ainda viverão é, sobremaneira, otimista, pois a vida no vilarejo precisa ser feliz.

Essa felicidade é notada na paisagem e no próprio modo de viver dos farinhenses, porquanto “A vila Farinhada gosta de gente feliz” (REZENDE, 2015, p. 75). A alegria que move os moradores é também o húmus que lhes produz esperança ante os conflitos que por vezes os aflige. É o que percebemos na narrativa “Boas Notícias”, quando uma professora aposentada se torna a principal leitora e produtora de cartas para aqueles não alfabetizados que necessitavam receber e enviar notícias para os seus familiares distantes. Zefinha, a fim de evitar maiores tristezas, omitia o conteúdo da carta, quando esta trazia notícias ruins:

Zefinha Lima tornou-se a guardiã da alegria tranquila do sítio Ventania. Nunca mais emprestaria sua voz para uma notícia ruim. Quando as cartas eram boas, lia ou escrevia com a maior fidelidade, sem omitir uma palavra. Não mentia à toa, pelo gosto de mentir. Continuava a ser uma mulher verdadeira, mas a verdade maior era que aquele povo precisava viver. Que podiam eles fazer diante das desgraças já acontecidas, tão longe? Já bastava o peso cotidiano das duras tarefas do roçado e da casa, do sol quente e dos mosquitos, das mordidas de cobra e do medo das truculências de Assis Tenório, que os explorava até arrancar o couro, do esforço sem descanso para sobreviver na pobreza. Bastavam as desgraças, doenças, mortes e malfetorias que aconteciam ali mesmo, aos olhos de todos, que ela não podia mudar (REZENDE, 2015, p. 89).

Para além de impedir que as notícias ruins chegassem até aquelas pessoas, Zefinha desejava não permitir que aquele povo perdesse a alegria de viver. Desse modo, a professora preocupava-se em não deixar que “as más notícias andassem daqui para lá e de lá para cá, espalhando tristeza e agonia, tornou-se uma missão. Quando era impossível esconder de todo um fato triste, pelo menos retirava-lhe a violência” (p. 89); queria, principalmente, que a

esperança nos dias melhores não viesse a ser minada, pois era a principal ferramenta de luta contra as dificuldades que costumeiramente enfrentavam.

O apego afetivo que gera esse cuidado de Zefinha por seus vizinhos reflete o apego pela própria ordem, por isso ela sacrifica sua honestidade, prefere omitir a verdade a trazer motivos para entristecer sua comunidade, pois aquele lugar era tudo o que ela tinha de mais importante desde que ficara sozinha após perder o marido durante a temporada em que viveram no Rio de Janeiro. Voltar para Farinhada foi uma tentativa de dar continuidade à sua vida. Ao retornar para sua terra natal, também encontrou o seu recôndito de paz: “Estava, enfim, em paz. Suas várias saudades, um candeeiro a querosene e um gato lhe faziam companhia nos serões silenciosos do sítio, só cortados vez por outra pelo coaxar de uma rã, o estrilar de um grilo, o grito de uma rasga-mortalha de passagem” (REZENDE, 2015, p. 86).

Ao refletir sobre lugares “ideais”, Tuan (2012, p. 130) afirma:

As pessoas sonham com lugares ideais. A Terra, devido aos seus vários efeitos, não é vista em todas as partes como a morada final da humanidade. Por outro lado, a nenhum meio ambiente falta poder para inspirar a devoção, pelo menos de algumas pessoas. Em qualquer lugar que haja seres humanos, haverá o *lar* de alguém – como todo o significado afetivo da palavra [...]. A maioria das pessoas, entretanto, prefere um meio ambiente mais hospitaleiro para viver [...].

Nessa perspectiva, ao tentar estabelecer a harmonia da sua comunidade por meio da omissão de informações desagradáveis, Zefinha deseja manter o otimismo, a alegria e a esperança, pois, além de ser sua terra natal, aquele lugar é o seu lar, seu núcleo de pertencimento e de amor e o lugar que escolheu para passar seus dias, posto que, mesmo longe dali, continuava enraizada, desejosa do retorno.

Outro personagem da obra que encontra esperança e alegria a partir da vida na vila é Maurílio, protagonista da narrativa “É só a vida mesmo”. O rapaz havia se mudado para a capital sob a promessa de um excelente emprego na prefeitura, porém, pouco tempo depois, voltou para a vila frustrado e envergonhado:

Voltou da capital o Maurílio, filho de Neco Moreno, e voltou parecendo murcho, com o rabo entre as pernas. Surpresa para todo mundo em Farinhada, [...] ele disse que era só por uns dias, para matar as saudades, antes de começar num emprego novo. O ar dele, porém, não confirmava o que dizia. As perguntas, aqui e ali, só fizeram chover mais grosso, até que ele desabafou, contou tudinho tão bem que a gente pôde ver acontecer, como se estivesse lá, acompanhando tudo (REZENDE, 2015, p. 105).

Conquanto nos dias que se passaram, Maurílio recupera sua alegria e otimismo a partir de simples conquistas, como o emprego de entregador que arrumou e, principalmente, por conseguir recuperar sua bicicleta: “Graças à bicicleta, pegou o emprego: foi o último, para a derradeira vaga! Se não fosse ela não chegava em tempo, veio pedalando como um raio assim

que correu a notícia de que havia vagas. [...]” (p. 106). Ao realizar esse feito, finalmente revela o que lhe preocupava quando estava longe de sua vila: “Já pensou se eu tivesse que esperar ônibus, pagar passagem, dar a volta na cidade inteira para chegar lá em casa de noite! [...] Como é que eu pude achar que a vida era tão ruim? É boa, boa, boa demais!” (REZENDE, 2015, 106).

O estilo de vida na cidade não agradou ao jovem, pois, quando longe de seu vilarejo, Maurílio sentiu falta da rotina pacata com o qual já estava acostumado. Não estava feliz com o cotidiano urbano e tampouco conseguia ficar satisfeito com o novo emprego. Ainda que a realidade em Farinhada fosse permeada por dificuldades e menos oportunidades, era ali que ele se sentia realizado e com satisfação plena. Tuan (2014, p. 113) explica que, “para viver, o homem deve ver algum valor em seu mundo”, são exatamente as atribuições de valores e significados que Maurílio atribui à Farinhada que fazem com que ele não consiga se identificar em um lugar diferente do seu.

A relacionamento de Maurílio com a vila lembra sobremaneira as considerações de Dardel (2015) ao sugerir a relação visceral entre o homem e a terra como um elo existencial. Em suas predicções:

A Terra, como base, é o advento do sujeito, fundamento de toda a consciência a despertar a si mesma; anterior a toda objetificação, ela se mescla a toda tomada de consciência, ela é para o homem aquilo que ele surge no ser, aquilo sobre o qual ele erige todas as suas obras, o solo de seu habitat, os materiais de sua casa, o objeto de seu penar, aquilo a que ele adapta sua preocupação de construir e de erigir.

Maurílio vive a vila como o seu meio de realização e existência, são os dias em sua terra que o fazem superar as frustrações trazidas pela experiência negativa na cidade. À medida que o tempo passa, o jovem recupera sua alegria:

Lá vai Maurílio, centauro, um corpo só, de alegria, carne, ossos e aço, empina as patas da frente, cabelos ao vento como farta crina, salta sobre as saliências do caminho, aterrissa na poça espalhando água para os lados, o sol rebrilhando nos respingos e nos aros cromados (REZENDE, 2015, p 107).

Sua felicidade também vem das sensações vivenciadas ao andar de bicicleta. Por meio de seus sentidos, ele experimenta a paisagem circundante, sua espaciosidade é despertada também pela adrenalina que surge ao pedalar por sua pequena vila:

Lá vai Maurílio, um beijo no guidom da bicicleta, dispara em zigue-zague, entra a toda velocidade na curva, vê-se de frente com a baita caminhonete importada, ocupando o caminho todo, dona do mundo. “Iuhuuuuu! Adrenalina pura. [...] “Como é que eu fui pensar que a vida era tão maravilhosa assim? Tu é besta, Maurílio, aqui ou lá, a vida é só a vida mesmo” (REZENDE, 2015, p. 109).

De acordo o *Dicionário de símbolos* (2019, p. 132), a bicicleta pode simbolizar uma necessidade profunda de autonomia e resgate de si, isto é:

Como veículo simboliza a evolução em marcha, o sonhador *monta* no seu inconsciente e vai adiante por seus próprios meios [...]. Pode contar consigo e assumir sua independência. Assume personalidade que lhe é própria, não estando subordinado a ninguém para ir aonde aprover.

Desse modo, a bicicleta de Maurílio também é um símbolo de liberdade e, acima de tudo, das certezas de suas escolhas. Voltar para a vila significou retornar para si mesmo. Ao decidir permanecer em seu lugar de afeto, o jovem descobre o verdadeiro significado da felicidade e satisfação plena, recuperando a esperança para enfrentar qualquer dificuldade que viesse a surgir.

Destarte, cada narrativa que compõe a obra evidencia como a vida em Farinhada é permeada de valores afetivos, tanto pela paisagem, quanto entre os moradores. As relações expressam os fortes elos existentes entre esse povo e sua pequena vila e maneira como vivenciam sua terra. Apesar de todas as dificuldades e opressões, são verdadeiros sentimentos de apego e amor por sua vila e seus vizinhos que os fazem ressignificar seus conflitos, transformando em experiências de resiliência, superação e sobretudo de esperança em uma vida mais justa e feliz naquela terra que é seca feito farinha, porém vital e generosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Nordeste nasce da emergência da seca, causa que levou ao desmembramento da antiga grande região Norte. As marcas na trajetória e desenvolvimento desse recorte espacial do território brasileiro implicaram em uma jornada permeada por descaso político, deslocamentos, ausências e o sentimento de saudade carregados por aqueles que tiveram que abandonar suas terras em busca de lugares com melhores condições de sobrevivência. Conquanto, essa imagem de suplício cristalizou-se no imaginário dos brasileiros e cooperou sobremaneira para a construção de uma falsa ideia que concebia o Nordeste como homogêneo sem considerar as especificidades de cada estado e cidade que compõem a região, tanto em aspectos naturais, no que se refere ao clima e vegetação, quanto aos aspectos sociais e culturais.

Essa representação de Nordeste que nasce no imaginário dos brasileiros a partir das narrativas reais e de ficção sobre os “irmãos” sofridos do antigo Norte, preponderou por longos tempos na nossa sociedade, gerando construções simbólicas tão arraigadas que ainda circulam entre nós em forma de discursos de estereotípias. É indiscutível que o drama da seca, a pobreza e a paisagem de morte eram fatos perscrutados em algumas localidades da região nordestina,

no entanto todo o enfoque dado a essas problemáticas, ao invés de atraírem olhares competentes em busca de solução, corroboraram para o fortalecimento de equívocos quanto ao Nordeste e seus moradores, como se a seca e o sertão se estendessem por toda a região a ponto de passarem a ser os definidores desse lugar.

Com os altos fluxos migratórios durante os longos períodos de estiagem e pobreza, muitos nordestinos se deslocaram para outras regiões do país. Esse fato também foi marcado por diversas experiências de preconceito contra a população retirante vinda do antigo Norte. Além de trazerem em sua bagagem os sofreres do deslocamento, muitos ainda tiveram que enfrentar discriminações e xenofobia, principalmente quando procuravam “abrigo” no Sul e Sudeste. A ideia de que o homem do sertão estava impregnado de pobreza e miséria, aliada ao fato de que suas origens estavam ligadas a povos indígenas e africanos, ao ponto de ter a sua mão de obra inferiorizada em relação aos imigrantes europeus que aqui chegaram também em busca de trabalho, preponderou por longos tempos no ideário de muitos intelectuais brasileiros.

Essa jornada de trânsito evidenciou ainda os sentimentos do nordestino. A saudade de sua terra natal é um dos temas mais notórios em boa parte das obras artísticas produzidas por homens e mulheres oriundos do Nordeste, seja na música, poesia, prosa ou pintura, o desejo do retorno quase sempre se faz presente.

Se por um lado as letras de diversos jornalistas, principalmente sulistas, potencializaram e espetacularizam a miséria de algumas localidades nordestinas, por outro foi a literatura quem entregou alguma dignidade a essa região e a gente do Nordeste. Desde o regionalismo, que se desenvolveu timidamente durante o Romantismo, é possível notarmos uma figuração do Nordeste que destoa da paisagem de morte quase sempre presente nos textos jornalísticos e científicos produzidos à época. Embora o regionalismo do Romantismo carregasse ideais ufanistas voltados para a descrição da paisagem regional, é nesse momento que o Nordeste aparece na literatura brasileira, porém é no Modernismo que vemos o Nordeste receber um notável protagonismo.

Além do Modernismo revolucionar a esfera cultural, artística, especialmente literária, ele escancarou o novo, reivindicou rupturas de modelos obsoletos e despertou na inteligência brasileira o desejo de afirmar as brasilidades. Apesar de alguns parâmetros europeus não serem superados completamente durante esse período, é nesse momento que as regiões brasileiras recebem destaque e passam a ser vistas também como parte constituinte na busca por uma afirmação identitária nacional. Esses sentimentos, aliados ao engajamento de diversos artistas, principalmente literatos, foram suficientes para que questões sociais fossem

trazidas para os enredos. É o que encontramos sobremaneira na geração 30, em que o idealismo do regionalismo ufanista é superado e abre-se então espaço para o romance da seca e de outras problemáticas sociais.

Os autores regionalistas da segunda geração focaram na realidade do país muitas vezes ignorada pela sociedade e por governos. Inovaram o romance e, por meio de uma linguagem mais informal e engajada, escracharam as mazelas enfrentadas pelo povo brasileiro sendo o Nordeste uma das regiões que mais recebeu destaque. Porém esses enredos não se focavam em inferiorizar ou justificar a vida sofrida dos homens e mulheres nordestinos, pelo contrário, encenavam a tragédia da seca, inclusive figurando as situações de descaso e falta de assistência dos poderes públicos.

Desse modo a geração de 30 também assumiu uma voz de reivindicação, pois muitos dos autores pertencentes a esse período eram oriundos do Nordeste e alguns experimentaram ou vinham de famílias que presenciaram a triste realidade dos períodos mais tortuosos causados pela estiagem. Destaca-se ainda a importância do Movimento Regionalista Tradicionalista, idealizado por artistas, intelectuais e autores nordestinos que, motivados pelo sentimento de resistência e pela saudade, uniram-se em prol do resgate da cultura nordestina por meio da memória e das artes.

O que interessa ainda nessas obras compostas por autores nordestinos está para além da denúncia. São nesses enredos que os sentimentos de homens e mulheres do Nordeste também são evidenciados. O triste destino do deslocamento, compartilhado pela dor da partida do seu lugar, é tema recorrente nessas histórias. A seca assume as mais diversas abordagens, desde o principal elemento dos conflitos presentes nas narrativas, até assumindo a função de causa e efeito sobre os acontecimentos que envolvem os personagens. O espaço em muitas dessas obras, apesar de presente, parece se configurar, na maioria das vezes, como um cenário de ambientação. Vale ressaltar que os romances regionalistas de 30 exploram a tragédia da seca e a sua influência sobre a vida e destinos dos personagens. As obras contemporâneas são responsáveis por trazer, de uma forma mais ampla, a relação dos personagens com o espaço circundante.

O Neorregionalismo tem inaugurado na literatura novas figurações sobre os espaços vivenciados pelos personagens da obra. Se no regionalismo do Romantismo e de certo modo no regionalismo modernista, o espaço aparece como cenário e ambiente, é na contemporaneidade que ele assume protagonismo, funcionando tanto como conflito como personagem. Esse novo regionalismo destaca ainda a figura da mulher, concedendo-lhe

notoriedade e importância de primeiro plano na conjuntura maior da obra. Os personagens se relacionam com o espaço de forma mais íntima e existencialista. No que se refere a enredos que encenam o Nordeste, é possível observarmos o elo de enraizamento entre o nordestino e sua terra; ainda que hostil, continua a ser o núcleo de sua existência.

É que o encontramos em *Vasto mundo* (2001), de Maria Valéria Rezende. A partir da análise, pudemos perceber diversos aspectos construídos pela autora que revelam as novas nuances do regionalismo contemporâneo. A começar pela configuração de Nordeste abordada na obra. O Nordeste de Rezende é vital, feliz, grato, repleto de humanidade, semelhante ao sertão roseano. A terra não é hostil, pelo contrário, é solo-mãe presente em cada passo de seus filhos andarilhos que carregam vidas pesadas. A paisagem construída pela autora evoca ares de aconchego na pequena vila onde a história se passa. Quando a narração nos apresenta vez ou outra descrições sobre o lugar, podemos perceber elementos típicos da paisagem de muitas cidades existentes nas entranhas do Nordeste brasileiro.

Os personagens convivem com a pobreza, com o descaso e a corrupção, mas não definidos por e nem a partir dessas circunstâncias. Em meio a tudo há lugar para sonhos, esperanças, superação, união e principalmente retirando do amor à sua terra as motivações necessárias para lutar contra as adversidades. São homens, mulheres e crianças nas suas mais diferentes vidas, trajetórias, origens, que sobrevivem apesar de tudo e, como nos conta a narração, o povo de Farinhada é feliz.

Por meio da análise percebemos ainda a relação entre o homem e espaço, tomando como referência as vivências dos personagens de *Vasto mundo* (2001). A geograficidade tão explícita nesses homens e mulheres telúricos conduzem toda a trajetória que percorrem na obra. Não vivenciam da mesma forma o mundo vivido. O profundo enraizamento de alguns coopera para a dificuldade de identificação e relacionamento com outros lugares longe de sua amada vila. Mesmo distantes, sentem-se ligados a ela por meio da memória e, principalmente, da saudade que alimenta o desejo do retorno.

Tomando como aporte teórico os pressupostos da Geografia Humanista Cultural, de perspectiva fenomenológica, mais especificamente as categorias *espaço* e *lugar*, foi possível percebermos, por meio das vivências dos personagens de *Vasto mundo* (2001), como a relação homem e terra configura-se de forma existencialista: personagens destemidos, sonhadores, cujas vidas se entrelaçam ao seu próprio chão, ao apego à terra natal, à pequena vila. A partir desse enraizamento eles se percebem no mundo e sabem-se pertencentes. É o lugar, pois, onde

se identificam, transcendem e se satisfazem de maneira plena. Parecem sempre ligados de forma visceral à sua vila, recôndito de aconchego e existência.

Desse modo, *Vasto mundo* (2001) é sobre andanças, amor ao solo, é sobre fraternidade, esperança, pertencimento. Vivências e sentimentos que fizeram e fazem parte da trajetória do povo do Nordeste. A própria autora conheceu de perto a vastidão do mundo e seu acúmulo de experiência colhido de cada lugar em que pisou foi inserido com generosidade em sua narrativa. O Nordeste de Rezende tem humanidade e dignidade assim como sua gente que, apesar de uma vida sofrida, colhe otimismo, alegria e sonhos de cada momento em que vive. Esse alimento genuíno, tanto para o corpo quanto para a alma, vem também do chão que transforma sofrimento em vida e continuidade. Tal qual em Guimarães Rosa em que o sertão é o centro do mundo, Farinhada é vasta como o mundo, como também é vasto o Nordeste brasileiro e seus nordestinos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

ALENCAR, José de. **O Sertanejo**. 13 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

_____. O Nosso Cancioneiro. In: **Obra Completa - IV**. Rio de Janeiro: José Aguilar LTDA, 1960.

ALMEIDA, José Américo de. **A bagaceira**. Edição crítica. 27ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio; João Pessoa: Fundação Casa de José Américo, 1989.

ANDRADE, Manuel Correia de Oliveira Andrade. Uma visão autêntica do Nordeste. In: FREYRE, Gilberto. **Nordeste: Aspectos da Influência da Cana sobre a Vida e a paisagem do Nordeste do Brasil**. 1ª Edição digital. São Paulo: Global, 2013.

ANDRADE, Mário de. **O Movimento modernista**. 1. ed. São Paulo: Jornal do Commercio, 1942.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARLÉU, Gaspar. **História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o governo do ilustríssimo João Maurício, Conde de Nassau, ora Governador de Wesel, Tenente-General de Cavalaria das Províncias-Unidas sob o**

Príncipe de Orange. Tradução e notas: Cláudio Brandão. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1974. (Coleção Reconquista do Brasil, 15).

BARRETO, Lima. Problema vital. In: RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto: Impressões de leituras e outros textos críticos.** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2017.

BARROS, Paulo de Moraes. Impressões do Nordeste. **O Estado de São Paulo**, São Paulo. 10 ago.1923. p. 3. c. 8.

BARTHES, Roland. **Aula:** aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Tradução de Leyla Perrone-Moíses. São Paulo: Cultrix, 2007.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** 51. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

BRITO, H. B. de O. Os pródromos do neorregionalismo literário brasileiro a partir de Grande sertão: veredas de Guimarães Rosa. In: **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 1, 2021, p. 140-153.

_____. **Neorregionalismo brasileiro.** 1. ed. Piauí: Edufpi, 2017.

BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

BUTIMMER, Anne. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. In: **Geograficidade.** v. 5, n. 1, 2015, p. 4-19.

CÂMARA, Cascudo. In: SILVA, Uéilton Mendes da. **Luiz Gonzaga: discografia do rei do baião.** Salvador: BDA, 1997.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade.** 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006

_____. Os brasileiros e a literatura latino-americana, **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 58-68, dez. 1981.

CERVO, Amado; BERVIAN, Pedro Alcino; DA SILVA, Roberto. **Metodologia Científica.** 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHIAPPINI, Lígia. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 153-159, 1995.

COSTA, Maria da. O Destino desenha a desumanização em *Os Desvalidos*. **Letras**, Curitiba, UFPR, n. 43, p. 25-34, 1994.

COUTINHO, Afrânio. O regionalismo na ficção. **A literatura no Brasil**, Rio de Janeiro, v. 5, José Olympio: EDUFF, p. 263-312, 1986.

COUTINHO, Eduardo. Reconfigurando identidades na produção literária da América

Latina. **Diálogos França-Brasil**: circulação, representações, imaginários. Rio de Janeiro: Makunaima, 2019.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Montecristo, 2012.

DANTAS, Francisco. **Os Desvalidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DARDEL, Eric. O homem e a terra: a natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DIMAS, Antonio. Um manifesto guloso. **Léguas & Meia**: Revista de Literatura e Diversidade Cultural, Feira de Santana, UEPS, v. 3, n. 2, p. 7-24, 2004,

DRUMMOND, Carlos de Andrade. In: REGO, José Lins do. **MENINO DE ENGENHO**. 80. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

FERREIRA, Ascenso. **Catimbó**. 5 ed. Recife: Nordestal, 2008.

FREYRE, Fernando de Mello. O movimento Regionalista e Tradicionalista e a seu modo também modernista. **Ciência & Trópico**, Recife, Fundação Joaquim Nabuco, v. 5, n. 2, p. 175-188, 1977.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste**: Aspectos da Influência da Cana sobre a Vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. 1ª Edição digital. São Paulo: Global, 2013.

_____. **Manifesto Regionalista**, Recife, Fundação Joaquim Nabuco/ Editora Massangana, 1996.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrolado**: o que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Record, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HOCHMAN, Gilberto; TRINDADE, Nísia Lima. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da Primeira República. In: CHOR, Marcos; VENTURA, Ricardo (Org.). **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.

ILHÉUS, Taís. Teologia da Libertação: O Vasto Mundo de Maria Valéria Rezende. In: **LeMonde Diplomatique Brasil**. 21 de maio de 2018. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/o-vasto-mundo-de-maria-valeria-rezende/>>. Acesso em 1 de Maio de 2020.

INOJOSA, Joaquim. **A arte moderna**; o Brasil brasileiro. Rio de Janeiro: Meio Dia, 1977.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e história. In: **Antropologia Estrutural II**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

LIRA NETO. **O poder e a peste**. A vida de Rodolfo Teófilo. Fortaleza: Edições Fundação Demócrito Rocha, 1999.

LOBATO, Monteiro. Urupês. In: **Contos completos**. 1. ed. São Paulo: Globo, 2014.

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Geograficidade, poética e imaginação. In: **Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: Eduel, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. 29. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

MONTEIRO, John Manuel. As “raças” indígenas no pensamento brasileiro do Império. In: CHOR, Marcos; VENTURA, Ricardo (Org.). **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.

MORAES, Camila. “As pessoas pensam que freiras são bobinhas. Como podem escrever literatura?”. In: **Conselho Regional de Biblioteca – CRB-6**. 5 de março de 2017. Disponível em: <<https://crb6.org.br/artigos-materias-e-entrevistas/as-pessoas-pensam-que-freiras-sao-bobinhas-como-podem-escrever-literatura/>>. Acesso em 2 de fevereiro de 2021.

MORAES, Eduardo Jardim de. Modernismo revisitado. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 220-238, dez. 1988. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2165/1304>>. Acesso em: 24 de maio de 2020.

NETO, João Cabral de Melo. **Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

OLIVEN, Rubem George. Cultura e Modernidade no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, Fundação SEADE, v. 15, n. 2, p. 3-12, 2001.

PAIVA, Manuel de Oliveira. **Dona Guidinha do Poço**. São Paulo: Saraiva, 1993.

PATROCÍNIO, José do. **Os retirantes**. v. 1. São Paulo: Três, 1973.

PAREYSON, Luigi. Os problemas da estética. São Paulo: Martins Fontes, 1984

POLLAK, Michael. MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-2012, 1992.

PORDEUS, Ismael. **À margem de Dona Guidinha do Poço**. Edição fac-similar. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2004.

QUEIROZ, Raquel de. UM ROMANCE PICARESCO?. In: SUASSUNA, Ariano. **Romance d'A pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

_____. **O Quinze**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

RAGO, Margareth. Sonhos de Brasil. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 82. ed. São Paulo: Record, 2001.

REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. 80. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

_____. **Fogo morto**. 73. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de Lugar In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther, OLIVEIRA, Lívia de (Orgs.). **Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

REZENDE, Maria Valéria. **Vasto mundo**. Rio de Janeiro: 1. ed. Rio de Janeiro: Alfabara, 2015.

ROCHA, Tadeu. **Modernismo regionalista**. 6. ed. Maceió: Imprensa Oficial, 1964.

RODRIGUES, Chiquinha. Cortando o Nordeste. **O Estado de São Paulo**, São Paulo. 16 nov.1941. p. 7. c. 7.

RODRIGUES, Nina Raimundo. Mestiçagem, Degenerescência e Crime. In: **História, Ciências e Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, out./dez, 2008.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: Cor e raça na sociedade brasileira**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SCOVILLE, André Luiz. **LITERATURA DAS SECAS: FICÇÃO E HISTÓRIA**. Tese (Pós-Graduação em Letras), Universidade Federal do Paraná, 2011.

SERVA, Mário Pinto. As Reivindicações do Norte. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 22 mar.1920, p. 5. c. 1.

SEYFERTHY, Giralda. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. In: CHOR, Marcos; VENTURA, Ricardo. **Raça, Ciência e Sociedade** (Org.). Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.

SILVA, Flávia Mariano da. **A IDEIA DE SERTÃO EM JOSÉ DE ALENCAR**: um estudo a partir de *O Sertanejo*. Dissertação (Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagem), Universidade Federal do Mato Grosso, 2010.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura Brasileira**. 5. ed. Rio de Janeiro: Brasileira, 1969.

TÁVORA, Franklin. **O cabeleira**. História pernambucana. Literatura do Norte, Primeiro Livro. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1876. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000061.pdf>. Acesso em 4 de maio de 2020.

TEÓFILO, Rodolfo. **A fome**. Rio de Janeiro: J. Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. Londrina (PR): Eduel, 2013.

_____. Paisagens do medo. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005. 87

_____. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

UCHOA, Cibele Alexandre. A SECA DE 1932 NO CEARÁ E OS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO: reflexões acerca da viabilidade de proteção dos lugares de memória do município de Senador Pompeu. In: **II Encontro Nacional de Direitos Culturais**: A matriz constitucional e cidadã. Fortaleza (CE), 2013. Disponível em: www.direitosculturais.com.br. Acesso em: 4 de maio de 2020.

VILLAÇA, Antônio Carlos. Sobre “Menino de Engenho”. In: REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. 80. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.